

REVISTA DO BRASIL

Directores :

RONALD DE CARVALHO

MONTEIRO LOBATO

BRENNO FERRAZ

N. 83

Novembro

1922

Editores :

MONTEIRO LOBATO

& COMP. — SÃO PAULO

RUA DOS GUSMÕES, 70

Anno VII — Volume XXI

SUMMARIO

O MOMENTO	193
UMA HISTORIA DE MIL ANNOS	Monteiro Lobato 196
O CONTO	Herman Lima 203
VERSOS	{ Cleómenes Campos } 216 { José de Andrade }
"A ESTHETICA DA VIDA,, E "ILLUSÃO,,	Brenno Ferraz 219
AS FRONTEIRAS DO SUL	Fernando Nobre 226
NOTAS BIOGRAPHICAS DE GEO- LOGOS	J. C. Branner 237
NOTAS SCIENTIFICAS	Arthur Neiva 239
INQUERITO LITERARIO SUL-AME- RICANO	B. Sanchez-Sáez 245
A LITERATURA NACIONAL NO ESTRANGEIRO	247
BIBLIOGRAPHIA	250
RESENHA DO MEZ	264
AS CARICATURAS DO MEZ	285

REVISTA DO BRASIL - RUA DOS GUSMÕES, 70 - CAIXA, 2-B - SÃO PAULO
ASSIGNATURAS: ANNO - 20\$000 EXTRANGEIRO - 25\$000 NUMERO AVULSO - 1\$800

BIOTONICO FONTOURA

Fortificante poderoso

EFFICAZ EM AMBOS OS SEXOS

E EM TODAS AS EDADES ::

PREMIADO COM MEDALHA DE OURO
NA EXPOSIÇÃO DE HYGIENE DO CON-
— GRESSO MEDICO BRASILEIRO —

Fabricado exclusivamente nos grandes laboratorios do

Instituto "Medicamenta"

FONTOURA, SERPE & C. - S. Paulo

Para o Natal

não ha melhor presente ás creanças que os livros que *Monteiro Lobato & Cia.* acabam de editar :

- “NARIZINHO ARREBITADO”, 2.^a edição do album illustrado a cores 3\$500
- “NARIZINHO ARREBITADO”, edição escolar 2\$500
- “O MARQUEZ DE RABICÓ”, album agora lançado, com desenhos coloridos de Voltolino 2\$000
- “O SACY”, album que foi o successo do ultimo Natal 2\$500
- “FABULAS DE NARIZINHO”, album com desenhos em sombra 3\$000
- “FABULAS”, edição escolar, muito augmentada, com desenhos em sombra 2\$500

Pedidos a MONTEIRO LOBATO & C.^{IA}
Rua dos Gusmões, 70 — S. PAULO

ACCEITAM-SE

desde já pedidos dos seguintes livros, que *Monteiro Lobato & Cia.* têm no prelo :

Cartilha de Alphetização, Ensino de Francez pelo methodo analytico e Livro de Problemas para o ensino Primario e Medio, pelo prof. Benedicto TOLOSA ; obras ha tanto esperadas do conhecido tecnico que o governo de S. Paulo commissionou para a diffusão em suas escolas dos modernos methodos de ensino;

Saudade, pelo prof. *Thales de Andrade*, livro adoptado officialmente nas escolas de S. Paulo, Paraná e Ceará e que, alem de receber as mais encomiasticas referencias de quantos se interessam no Brasil pelas coisas do ensino, mereceu, em 1919, um premio do governo paulista.

Dirijam-se a MONTEIRO LOBATO & C.^{IA}
Rua dos Gusmões, 70 — S. PAULO

Ultimas Edições da Casa

Monteiro Lobato & C.



MONTEIRO LOBATO — <i>Onda Verde</i> , 2. ^a edição	4\$000
<i>A menina do narizinho arrebitado</i> , album, 2. ^a edição	3\$500
<i>O Marquez de Rabicó</i> , album 1. ^a edição	2\$000
<i>Negrinha</i> , contos, edição popular	1\$500
ALBERTO SEABRA — <i>Hygiene e tratamento homeopathico das</i> <i>doenças domesticas</i> , encadernado	8\$000
<i>Phenomenos psychicos</i> , estudos	3\$000
ALOYSIO DE CASTRO — <i>Palavras de um dia e de outro</i> , allocuções	4\$000
RIBEIRO COUTO — <i>O crime do estudante Baptista</i> , contos	4\$000
RAOUL POLLILO — <i>A dança do fogo</i> , romance	5\$000
MENOTTI DEL PICCHIA — <i>O Homem e a Morte</i> , romance	4\$000
LEOPOLDO PEREIRA — <i>S. Paulo nos tempos coloniaes</i> , tradu- ção da obra de Saint-Hilaire	4\$000
CHRYSANTHÉME — <i>Gritos femininos</i> , contos	4\$000
MUCIO DA PAIXÃO — <i>Typos, curiosidades, exquisitices dos ho-</i> <i>mens celebres</i>	3\$000
SERAPHIM FRANÇA — <i>Cantos da linda terra dos pinheiros</i> , versos	3\$000
PEDRO SATURNINO — <i>Grupiaras</i> , versos	3\$000
LEONARDO PINTO — <i>Conjunções</i> , edição escolar	2\$500
LUCILO VAREJÃO — <i>De que morreu João Feital</i> , romance	4\$000
LIMA BARRETO — <i>Vida e Morte de Gonzaga de Sá</i> , do grande escriptor ha pouco fallecido	2\$000

Rua dos Gusmões, 70

CAIXA 2-B - S. PAULO

OPINIÃO DE TRES GRANDES SCIENTISTAS

Prof. E. Bertarelli

Prof. Rubião Meira

Prof. Miguel Couto

sobre o valor e a superioridade incontestavel do

Guaraná Espumante (Zanotta)

Diz o Prof. E. Bertarelli:

O GUARANA' ESPUMANTE é uma deliciosa bebida sem alcool, sobretudo recommendavel para a conservação da saude, tanto pela excellencia do seu paladar como pelas propriedades therapeuticas de seus componentes e absoluta pureza dos respectivos ingredientes.

A ausencia absoluta de FORMIATOS, de materias conservadoras e de substancias irritantes, bem como a ausencia completa de elementos nocivos ao consumo quotidiano do publico, torna o GUARANA' ESPUMANTE preferido ás bebidas que contêm aquellas substancias prejudiciaes.

São Paulo, 1.º de Outubro de 1921.

PROF. E. BERTARELLI

Diz o Prof. Rubião Meira:

"Attesto que o GUARANA' ESPUMANTE é bebida de valor altamente therapeutico, agradavel ao gosto, sem alcool, e deve ser utilizado por TODOS OS DEBILITADOS NERVOSOS, sem inconvenientes.

São Paulo, 19 de Setembro de 1921.

RUBIAO MEIRA

Diz o Prof. Miguel Couto:

O GUARANA' ESPUMANTE, formula do meu sabio collega dr. Luiz Pereira Barreto, é uma excellente bebida, — doce, isenta de alcool, agradavel ao paladar, aperitiva e tonica; aconselhavel, pois, por estas qualidades.

MIGUEL, COUTO

BYINGTON & CIA.

Engenheiros, Electricistas, Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES
FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES
ABATJOURS, LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS
SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEOS
VENTILADORES

PARA RAIOS
FERROS DE ENGOMMAR

LAMPADAS
ELECTRICAS 1/2 WATT

ISOLADORES
TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Installações Hydro-Electricas completas, Bondes Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & Co.

Telephone, 745 - Central --- S. PAULO
LARGO DA MISERICORDIA No. 4

REVISTA DO BRASIL

Directores :

RONALD DE CARVALHO
MONTEIRO LOBATO
BRENNO FERRAZ

N. 83

NOVEMBRO
1922

Editores :

MONTEIRO LOBATO
& COMP. — SÃO PAULO
RUA DOS GUSMÕES, 70

O MOMENTO

EM materia de monumentos está S. Paulo de parabens e de pesames. Merece aquelles por ver num de seus parques o bellissimo trabalho de Brizzolara, e na estrada de Santos os lindos monumentos-marcos. E merece pesames pelo desastre que resultou a homenagem a Olavo Bilac.

Brizzolara revelou mais uma vez o notavel esculptor que é. Apesar da exiguidade de recursos e das contingencias da localização, fez do monumento a Carlos Gomes offerecido á cidade pela colonia italiana, o mais bello que existe hoje entre nós em materia de esculptura. Carlos Gomes está soberbamente estylizado, numa attitude que bem diz a majestade do genio. Outra não convinha ao nosso musico maximo, o primeiro que symphonizou a grandesa rude de nossas florestas bravias.

Essa figura magnifica, fixada em bronze, repousa em harmonico pedestal de

granito, todo elle um primor de linhas e massas.

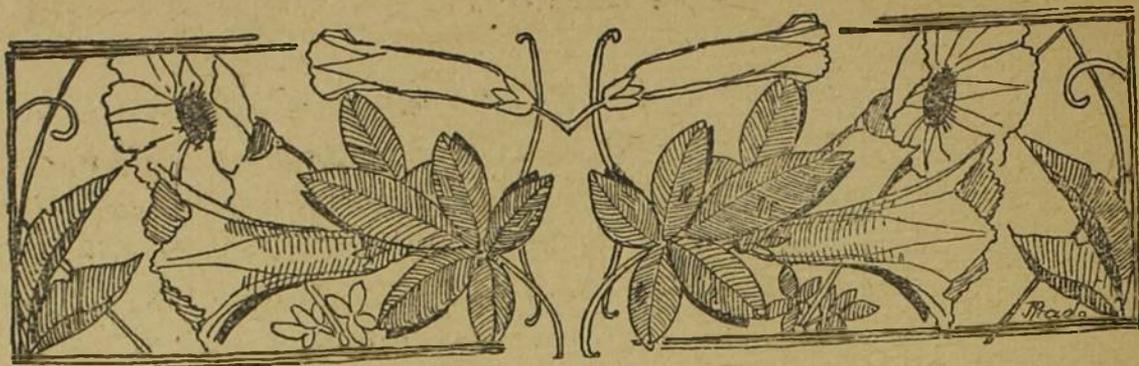
Não destoam as figuras accessorias. Lado a lado, dois symbolos de marmore, a Musica e a Poesia, suavizam a força da majestade. Em baixo, no jardim, esplendidas figuras em bronze dizem da obra musical do campineiro, representando cada um dos seus dramas lyricos pela imagem do heroe respectivo. Veem-se alli o Escravo, Pery, Fosca, Maria Tudor, Salvador Rosa e Condor, cumprindo destacar a figura de Maria Tudor, cuja expressão é maravilhosa. Ao centro, o carro do genio conduzido por cavallos soberbos de movimento, e ás extremas, os grupos allusivos ao Brasil e á Italia, duas concepções bellissimas, cada qual constituindo por si só um perfeito monumento.

Brizzolara deu mostras de que é um esculptor. Agradeçamos-lhe, commovidos. Terra nova e inculta, o Brasil é o paiz ideal dos mystificadores. Impingir-lhe como obra d'arte coisas de horrendo máu gosto, é negocio facil — e lucrativo. Rendamos, pois, todas as homenagens ao artista de verdade, ao artista sincero que dotou a cidade de uma authentica obra d'arte, sem lucro nenhum para si, quando podia, abusando da nossa infinita ingenuidade, fazer excellente negocio em troca duma bota qualquer.

Com o monumento a Bilac succede justamente o inverso. A opinião publica já o classificou desde o primeiro dia: mos-

trengo. E é, de facto, um perfeito mostrengo, só concebível nas pequenas cidadezinhas do interior, onde qualquer "curioso" amassador de barro embasbaca vereadores e guinda-se á cuspide dos Miguel-Ángelos.

Não tentaremos analysal-o. Tão flagrante é o desastre que só ha um commentario possível: demolição simples. O respeito á memoria de Bilac, e o respeito que a cidade deve a si propria, exigem uma coisa só: que aquelle bronze volte ao forno. Se a municipalidade fizer isso já, muito grata lhe ficará S. Paulo, pois lhe poupará o doloroso da campanha pró-demolição, campanha que se iniciou no dia inaugural e que só terminará no dia do bota-abaixo. Temos já um exemplo. Os horrendos mostrengos que Zago plantou no parque da Avenida (não tem sorte a Avenida!), permaneceram lá durante alguns annos, mas tiveram que sahir, corroidos pela risota publica. E eram simples enfeites de jardim. O caso agora é muito mais serio. Trata-se de monumento, e monumento ao nosso maior poeta moderno. Se Bilac merece as nossas homenagens, só ha uma condigna: desaggravar a arte, demolindo o attentado. Cultor finissimo da arte que foi Bilac, como memorizal-o com um amontoado de pedra e bronze onde a arte está "of side"?



UMA HISTORIA DE MIL ANNOS

MONTEIRO LOBATO

— Hu... hu...

E' como nos invios da matta soluça a juruty.

Dois *hus* — um que sóbe, outro que desce.

(O destino do *u*!...

Velludo verde-negro transmutado em som — voz das tristezas sombrias.

Os aborigenes, maravilhosos denominadores das cousas, possuíam o senso impressionista da onomatopéa. *Urutáu, urú, urutú, inambú* — que sons definirão melhor essas creaturinhas solitarias e timidas, amigas da penumbra e dos recessos?)

A juruty, pombinha eternamente magoada, é toda *u, u*. Não canta, geme em *u* — geme um gemido avelludado, lilaz, sonorização dolente da saudade.

O caçador passarinho sabe como ella morre, sem lucta e com meiguice, ao minimo ferimento. Morre em *u*...

Já o sanhaço é todo *a, a*. Ferido, debate-se, desfere bicadas, pia, lancinante.

A juruty apaga-se como chamma de algodão. Fragil torrão de vida, extingue-se como a vida do torrão de assucar em contacto d'agua. Um *u* que se funde...

Como vivem e morrem jurutys, assim viveu e morreu Vidinha, a linda creança afinada em *u*. E como não seria assim, se era Vidinha uma juruty humana — meiguice feita menina-e-moça, begonia sensível dos grotões?

Que maravilha, a natureza!

Alli, naquelle barranco penhasquento, crescem no arido as samambaias. Rijas, asperas, corajosas, resistem aos ventos, aos enxurros, ao cargueiro que as esbarra, ao viandante distrahido que as chicoteia: Batidas, reerguem-se. Cortadas, rebrotam. Esmagadas, revicam. Cynicas!

Mais adeante, na grotta fria onde tudo é sombra e cerração, ergue-se, a espaços, em meio dos cahetés valentes e dos fetos rendados, a solitaria begonia.

Timida, fragil, o menor contacto a magoa. Toda ella, caule, folhas, flores é a mesma carne tenra de creança.

Sempre os contrastes.

Os eleitos da sensibilidade, os martyres da dor — e os fortes. A juruty e o sanhaço. A begonia e a samamabaia.

Vidinha, a innocente creança, era juruty e begonia...

O Destino, como os sabios, tambem faz suas experiencias. Permite vidas a titulo de experiencia, na tentativa de acclimar na terra seres que não são da terra.

— Vingará Vidinha, solta no mundo, em meio da alcatéa humana? Experimentemos.

E o Destino fez a experiencia, a cruel experiencia...

Janeiro. Um mormaço que envolve o mundo sob a curva do céu immensamente azul.

A casa onde mora Vidinha é a unica das cercanias — garça pousada no oceano verde-sujo das samambaias e dos sapezeiros.

Que terra!

Ondula em mamelões verdoengos até encontrar o céu, longe, no horizonte.

Hispedez, aridez — terra bemdita que o homem, senhor do fogo, transfez em deserto maldito.

Os olhos pervagam: cá e lá, até aos confins, sempre o chama-lote verde-oliva da samambaia aspera — esse musgo da esterilidade.

Entristece, aquillo.

Cança a vista o sem fim da morraria núa de arvores, e o consolo é pousar os olhos na pombinha branca da casinhola.

Como o cal das paredes scintilla ao sol!

E como nos enleva a alma a sua pequenina moldura de arvores domesticas... E aquelle pé de espirradeira, todo florido... E o cercado de taquara, e a horta, e o canteirinho de flores, e o poleiro das aves, nos fundos, sob a fronde da guabiroba...

Vidinha é a manhã da casa.

Vive entre duas estações — a mãe, um outono, o pae, inverno em começos.

Alli nasceu e cresceu. Alli morrerá.

Innocente e ingenua, do mundo conhece o centimetro quadrado de mundo que é o pequeno sitio paterno.

Imagina as cousas — não as sabe.

O homem: é seu pae. Quantos homens haja, todos serão assim: bons e paes.

A mulher: sua mãe — um tudo.

Bichos? O gato, o cão, o gallo indio que canta pela alvorada, as gallinhas suras.

Sabe, por ouvir dizer, de outros muitos: da onça, gatão feroz; da anta, bicho enorme; da capivara, porco dos rios; da sucury, cobra "desta" grossura! Veado e paca já viu diversos, mortos nas caçadas.

Fóra d'aquelle ermo onde está o sitio, é o mundo. Ha nelle cidades — casas e mais casas, pequenas e grandes, em linha, com estradas pelo meio, a que chamam ruas. Nunca viu cidades, sonhas. Sabe que moram nella os ricos, seres de uma outra raça, poderosos, que compram fazendas, plantam cafezaes e mandam em tudo.

As idéas que tem, bebeu-as alli, na conversa caseira dos paes.

Um deus no céu, bom, immenso, que tudo vê, e ouve até o que se não diz. Ao lado d'elle, Nossa Senhora, tão boa, resplandescente, rodeada de anjos...

Os anjos! Creanças de asas e longas tunicas esvoaçantes... No oratorio da casa ha o retrato de um...

Seus prazeres: a vida da casa, os incidentes do terreiro.

— Venha ver, mamãe, depressa!...

— Alguma bobagem...

— ... o pintinho sura trepado nas costas do capão péva, tenteando-se com as asinhas! Venha ver que galanteza... Ei, ei... cahiu!...

Ou:

— Brinquinho quer por força pegar a cauda. Está que parece um peão, corropiando...

E' bonita? Vidinha o ignora. Não se conhece, não faz de si nenhuma idéa. Se nem espelho possui!...

E', no entanto, linda, dessa lindeza das telas raras que jazem fóra de moldura nos desvãos escusos. Vestida á maneira dos pobrezinhos, vale o que não está vestido: o corado das faces, a expressão de innocencia, o olhar de creança, as mãos inquietas.

Tem a belleza das begonias silvestres.

Deem-lhe um vaso de porcelana e scintillará.

Cinderella, a eterna historia.

O pae vive na lucta ingloria contra a aridez do solo, disputando ás formigas, ás geadas, á esterilidade umas colheitinhas curtas.

Não importa. Vive contente.

A mãe moureja o dia inteiro nos trabalhos da casa. Cose, arruma, remenda, varre.

E Vidinha, entre elles, orchidea que floriu em tronco rude, brinca e sorri.

Tem amigos: o cão, o gato, os pintos, as rolinhas que descem ao terreiro. Em noites escuras vêm visital-a, cirandando em torno á casa, seus amiguinhos luminosos, os vagalumes.

Os annos passam. Os botões se fazem flor.

Um dia Vidinha entrou a sentir vagas perturbações de alma. Fugia aos brinquedos e scismava.

A mãe notou a mudança.

— Em que está pensando, menina?

— Não sei. Em nada...

E suspirou.

A mãe observou-a ainda uns tempos e disse ao marido:

— E' tempo de casar Vidinha. Está moça. Já não sabe o que quer...

Mas, casal-a como? Não havia alli vizinhos, naquelle deserto, e a creança corria o risco de estiolar-se como flor esteril sem que olhos de homem casadouro puzessem reparo em seus encantos.

Não será assim, todavia. O Destino levará por deante a sua rude experiencia.

O lobo fareja de longe a menina da capinha vermelha.
A begonia daquelle deserto, filha das selvas, será caça. Será caçada por um caçador...

Está na idade; tudo são flores, em su'alma e corpo; está na idade do sacrificio.

O caçador não tardará.

Vem perto, piando de inambú, com espingarda nas mãos. Trocará de bom grado, vão ver, os inambús perseguidos pela innocente juruty incauta.

Chegou.

— O' de casa !

— ??

— Venho de longe. Perdi-me nestes carrascaes, coisa de dois dias, e não posso commigo de canceira e fome.

Os ermitões do samambaial acolheram de braços abertos o transviado gentil.

Bonito moço da cidade. Bem falante, maneiroso — uma seducção!

Como são bellos os gaviões, caçadores de innocencias...

Deixou-se ficar uma semana inteira. Contava cousas maravilhosas. O pae esquecia a roça para ouvi-lo, e a mãe por duas vezes deixou seccar a agua das panellas. Que sereia !

No pomar, sob o docel das laranjeiras abotoadas.

— Nunca pensou em sahir d'aqui?

— Sahir? Aqui tenho casa, pae, mãe, tudo...

— Achas muito isso? Oh, como lá fóra é lindo! Que maravilha é lá fóra! O mundo! As cidades!... Aqui é o deserto, prisão horrivel, aridez, melancholia...

E contava contos das mil e uma noites sobre a vida das cidades. Dizia do luxo, da magnificencia das festas, das pedrarias que scintillam, das sedas que acariciam o conpo, dos theatros. da musica inebriante...

— Mas isso é sonho!...

O principe confirmava.

— A vida lá fóra é um sonho.

E desfiava um rosario inteiro de sonhos.

Vidinha, num deslumbramento, murmurou:

— E' lindo! Mas tudo isso é para os ricos...

— Para os ricos e para os formosos. Belleza vale mais que riqueza, e tu és bella, Vidinha!...

— Eu?...

O espanto da creança!...

— Bella, sim — e riquissima, se o quizeres. E's o diamante a lapidar. E's Cinderella, hoje no borrarho, amanhã princeza. Teus olhos são estrellas de velludo.

— Que idéa...

— Tua bocca, um ninho de colibri feito para o beijo...

— !...

A iniciação começa. E tudo na alma de Vidinha se aclara. As idéas vagas se definem. Os hieroglyphos do coração se decifram.

Comprehende a vida, afinal. A sua inquietação era amor. Em casulo ainda, a agitar-se nas trevas. Amor sem objecto, perfume sem destino.

O amor é uma febre da idade, e Vidinha chegara á idade da febre sem o saber. Sentia-lhe o queimor no coração, mas ignorava. E sonhava.

Tinha agora a chave de tudo. O principe encantado viera afinal. Tinha-o alli, ao grande mago de palavras maravilhosas, senhor do Sezamo do Palacio da Felicidade.

E o casulo do amor se rompeu, e a chrysalida do amor, ebria de luz, se fez ardente borboleta de amor...

O gavião da cidade, fino de fardo, havia descido no momento opportuno... Dizia-se doente. Sua doença chamava-se — desejo. Desejo de caçador. Ansia de caçador por mais uma perdiz.

E a perdiz veiu-lhe para as garras, fascinada pela estonteante miragem do amor...

O primeiro beijo...

A florada maravilhosa dos beijos...

O ultimo beijo, á noite...

Pela manhã:

— Que é do caçador?

Fugira...

Os manacás não rescendem. São negras as flores do pomar. Não brilham as estrellas. Não cantam os passarinhos. Não apparecem vagalumes. A luz do sol não allumia. A noite só traz pesadelos.

Uma coisa só não mudou: o *hu, hu* magoadó da juruty, lá no recesso das grotas sombrias...

Os dias de Vidinha são vagueios agitados pelo campo.

Detem-se ás vezes ante uma flor, de olhos parados, como crescidos no rosto. E monologa, mentalmente:

— Vermelha? Mentira. Cheirosa? Mentira. Tudo mentira, mentira, mentira...

Mas Vidinha é juruty, corpo e alma afinados em *u*. Não desespera, não lucta, não explode.

Chóra por dentro e definha. Begonia silvestre que o passante brutal chicoteou, dobra no hastil quebrado, pende para a terra e murcha. Chamma de algodão. Torrão de assucar...

Estava concluida a experiencia do Destino. Mais uma vez se provou que não vive na terra o que não é da terra.

Uma cruz...

E se alguem fala nella, os velhos paes murmuram:

— Era nossa vidinha. Apagou-se...

E a mãe limpa uma lagrima:

— Não me sae da memoria sua ultima palavra: "Agora um beijo, mamãe, um beijo *seu*..."



O CONTO

HERMAN LIMA

“O conto, digno deste nome — escreve Sylvio Romero, prefaciando *Dona dolorosa*, de Théo-Filho, — é apenas a narração de uma situação passageira na vida de uma personagem, em seu meio normal, só ou em relação com alguém. Seu alvo é dar em synthese a descritiva ou o drama de uma situação, de um *passus* da vida, de um personagem”.

O verdadeiro conto, de facto, não passa da simples narrativa de um episodio, que sirva para determinar o aspecto psychologico de um certo “meio” ou individuo, demonstrando, de um modo incisivo e claro, as forças vivas da natureza e da alma. Não quer isso dizer, porém, que a simples narração seja em si um conto, pois que, se o conto é a descritiva de um episodio, é necessario que esse seja tambem a consequencia logica de outros. A só descripção de um facto em si, não constitue, portanto, um conto.

Assim, tomando ao acaso, para exemplo, um dos mais perfectos contos de Maupassant — *Un lache*.

Um individuo é insultado por outro, numa roda de amigos, trocam-se os cartões, fica, entre ambos, estabelecido um duello, a realizar-se horas depois. — Eis um episodio.

Recolhendo-se á casa, o homem põe-se a reflectir sobre as provaveis consequencias do encontro imminente. Por uma conclusão *logica* de idéas, imagina que será talvez o sacrificado, e, desde logo, se prevê — frio, inerte, morto, por um golpe certo no coração. A possibilidade desse proximo fim aterra-o.

Não pode, entretanto, fugir-lhe sem deshonra. Todo o mundo lhe conhece a situação melindrosa. Elle, então, desesperado, desvaira. Sabe que jámais terá forças para enfrentar o inimigo sem mostras de pusillanidade; assim resolve cortar de vez essa espectativa crudelissima. Perto, ao fundo de uma gaveta, jaz uma pistola carregada. Empunha-a, num relance, encosta-a á frente, e, sem mais, preme o gatilho. — Outro episodio. Claro está que qualquer desses factos, de per si, não poderia constituir assumpto para um conto. Reproduzidos assim, seriam apenas a descrição policial de um crime vulgar, a noticia commum de um caso de sociedade. Encadeados, porém, como o foram, um pedindo um desfecho, o outro requerendo o preambulo, formaram um conto magistral. Os factos desenrolaram-se, percorrendo um certo plano, de que resultou a revelação psychologica de um poltrão, capaz de forçar por suas proprias mãos as portas do Ignoto, quando lhe faltaram forças para encarar um perigo de que poderia talvez sahir incolume.

Ha duas categorias de contos, inteiramente distinctas, a saber: contos universaes, e contos regionaes ou nacionaes.

Aquelles, sem um scenario proprio, podendo decorrer tanto na China como em Paris, ou na Australia, são os contos psychologicos por excellencia, onde se estudam apenas os sentimentos, a alma universal, como tambem certas forças communs da natureza. Os outros são, antes, estudos de certos *meios*, "em que a vida nacional, mais do que a local, a do homem mais do que a do individuo, são estudadas e apreçadas (1).

Afóra casos muito especiaes, são esses os melhores contos, por levarem o fio da narrativa atravez da reproducção original de certas scenas e paisagens typicas. Os contos regionaes de Maupassant, Daudet, Blasco Ibañez, Gorki, Fialho d'Almeida, Affonso Arinos, Gustavo Barroso, são paginas que, além das narrações vividas, nos trazem ao conhecimento trechos de terra, usanças, crenças, tradições e personagens caracteristicas, estranhas ao resto do mundo, e que por isso têm um intenso sabor de novidade.

No Brasil, principalmente, uma terra nova, sem civilização propria, sem costumes proprios a não serem os do sertão, a unica literatura capaz de nos falar á alma deve ser a nossa literatura regional.

Assumptos mundanos, como intrigas de alcova e de salão, vicios de grandes cidades, adulterios, crimes de sociedade, pode-

(1) Almachio Diniz — Da esthetica na literatura comparada.

mos encontral-os á larga em qualquer literatura; são, portanto, assumptos gastos.

Um drama que possa decorrer tanto num salão mundano como num sitio sertanejo, sem duvia lucrará grandemente transportado para esse ultimo scenario, onde o talento do autor saberá colher varios motivos de arte, no apanhar da paisagem, em que poderemos ver afinal reproduzidos trechos de nossa terra, um pouco do que faz a nossa vida. Ao menos assim teremos alguma coisa nova, revelando aspectos ineditos aos filhos das cidades, cançados do ramerrão enervante das metropoles, onde tudo é mais ou menos a copia servil de outras metropoles, só assim conseguiremos produzir algo de novo, capaz de interessar mesmo lá fóra, além-Atlantico, nas longes terras que nos não fatigamos de copiar...

No conto, como no soneto, o encanto maior está ás vezes, unicamente, no desfecho daquelle ou na chave deste. Quanto mais longe esteja o leitor de imaginar o final de certo conto, maior será a impressão que lhe deixará elle.

Onde, por exemplo, o principal valor do conto de Maupassant — *La parure*, decerto a pagina mais prima de toda a literatura do genero? Não é no estudo perfeito que, em tão curtas phrases, o autor faz de Mathilde, “une de ces charmantes jeunes-filles, néés, comme par une erreur du destin, dans une famille d’employés”, nem tampouco na impeccavel urdidura da narrativa, — sim no final inteiramente imprevisto, absolutamente fóra de tudo o que pudera suppôr o leitor mais perspicaz.

Por sua mesma composição, o conto está destinado a ser, na prosa, o que o soneto é na poesia: a literatura de ficção de hoje e do futuro.

Torturado pelos mil problemas do mercantilismo, o homem do seculo XX e do anno 3.000 não se poderá mais dedicar á leitura patriarchal dos poemas infindos e romances inacabaveis, que fizeram a ventura de nossos avós. Hoje, na éra das ondas hertzianas, do correio aereo e dos succedaneos, seguramente não podemos mais cogitar de obras taes, a menos que nos recolhamos a uma Thebaida inviolavel.

difficil, a despeito da sua apparente facilidade, e creio que essa mesma apparencia de facilidade lhe faz mal, afastando-se delle

Do conto, dizia Machado de Assis, em 1873: — “E’ genero os escriptores, e não lhe dando, penso eu, o publico toda a attenção de que muitas vezes é credor”.

Que o conto seja um genero difficil, não resta duvida. Outro tanto não se poderia dizer hoje, porém, a respeito do supposto

menospreço em que o tenham os escriptores e o publico em geral, pois nestes ultimos quarenta annos essa especie de literatura evoluiu notavelmente. Senão, vejamos:

Na França, por exemplo, quantos escriptores não se celebrizaram como contistas? Guy de Maupassant, a figura maxima no genero, e cujas paginas servirão sempre de modelo, como *La parure*, *L'ivrogne*, *Un lache*, *Le port*, *La confession*, *Mademoiselle Perle*, *Une vendetta*, e tantas mais, — que admiravel galeria de obras primas! Alphonse Daudet, com *lettres de mon moulin*, onde está essa maravilha do estylo e de ingenua graça camponia, — *Les etoiles*; Jean Lorrain, o torturado autor do *Crime dos ricos*, em que ha paginas que parecem escriptas por Edgar Poe, como essa horrivel historia da *Vingança de um mascara*; Mauricio Level, outro creador de dramas cheios de um irresistivel horror, como os contos *O poço*, *Pavor*, *O papagaio*, *A camara vermelha*, *O maniaco*, e tantos mais; Michel Provins, Jules Lemaitre, Villiers de L'Isle Adam, Tristan Bernard, François Coppée, Paul Marguerite, Camille Mauclair, Georges d'Esparbés, o glorificador do heroismo militar francez; Charles Folley, outro supplicador de emoções, como Jules Claretie; Abel Hermant, Henri Lavedan, todos esses, para falar sómente nesses, são nomes que bastariam para impor a literatura de qualquer paiz civilizado. Agora, juntando-se mais escriptores como Anatole France, Émile Zola, Balzac e Flaubert, que, a par de seus romances perfeitos, escreveram contos admiraveis, como *O Christo do Oceano*, *Nais Micoulin*, *Uma paixão no deserto*, e *A lenda de S. Julião Hospitaleiro*, veja-se que enorme contingente de paginas soberbas a França não tem accrescentado ao patrimonio do conto!

Na Hespanha, hoje, o mais conhecido escriptor é Blasco Ibañez, o narrador barbaro de violencias, em cuja obra arde, soluça e desvaira de amor a raça forte da Iberia. Seus contos *Noche de bodas* e *La caperuza*, por exemplo, são verdadeiros primores no genero. Dois outros contistas hespanhoes de grande valor são a Condessa de Pardo Bazan e Alfonso de Maseras.

A figura culminante da literatura americana é o allucinado idealista das *Novellas Extraordinarias*, Edgar Poe, tão perverso em torturar o leitor que até hoje só encontrou digno traductor no vesanico e diabolico Baudelaire.

Os contos phantasticos de H. J. Wells, R. Kipling, e Conan Doyle, são das paginas mais conhecidas de quantas se escrevem modernamente na Inglaterra.

Gabriella Preissova e Stefar Zweig, na Austria; Mathilde Serão, Enrico Corradino, Luigi Capuana, Luigi Tirandello, e Salvatore di Giacomo, na Italia; Maurice des Ombiaux, na Belgica;

Andersen, na Dinamarca; Gomez Carrillo e Manoel Ugarte são escriptores universalmente conhecidos, por seus contos traduzidos em todas as linguas cultas.

Em Portugal tambem teve o conto bons, optimos cultores, a começar por Eça de Queiroz, que os fez admiraveis. Quem poderá ficar indifferente ante essas paginas deslumbrantes, que são *O defunto*, *Perfeição*, *José Mathias*, *O suave milagre* e *Adão e Eva no Paraizo?* Até hoje, em lingua portugueza, não se escreveram iguaes. Fialho d'Almeida, o tremendo iconoclasta d'*Os Gatos*, cuja ironia vale por golpes de ariete, possui estes livros excellentes: *Contos*, *A cidade do vicio*, *O paiz das uvas* e *Aves imigradoras*, nos quaes se encontram, decerto, seus melhores capitulos, como *O antiquario*, *Tres cadaveres*, *A princesinha das rosas*, cuja phrase tem uma cadencia de ballada, *O corvo* *O roubo no armazem*, *A ruiva*, *Pequeno drama na aldeia*, e essa extraordinaria *Madona do Campo Santo*, onde ha rendilhados de estylo, pompas e phrases, brilhos ineditos de forma que lembram tintinabular de crystaes, e trilos doces de avenas pastoris, ou melodias de agua corrente. Trindade Coelho foi tambem um optimo contista lusitano; seu livro *Os meus amores*, linda collectanea de contos suaves, lembra, de certo modo, a "maneira" ingenua e, ao mesmo tempo, maliciosa, que era um dos maiores encantos de Daudet. João Grave é dono de formosos contos, enfeixados sob o titulo: *Os que amam e os que soffrem*, e *Os sacrificados*; Abel Botelho tem igualmente uma bella recolta de contos — *Mulheres da Beira*. Ahi, está essa pagina admiravel, que poderia ser assignada por Eça: — *O solar de Longroiva*. Outro bom contista portuguez é Henrique de Vasconcellos, um excentrico que vai buscar scenarios e historias em Londres, Napoles e Madrid, por onde anda amiude. Mas, o maior de todos, como Eça e Fialho, é Julio Dantas, o mais perfeito escriptor lusitano destes tempos, cujo estylo é uma obra prima de alada graça e vigor excepcional, um continuo entrecocar de phrases coruscantes, que arrastam e seduzem o leitor mais frio, como esses formidaveis contos heroicos da *Patria portugueza*, e essas paginas ironicas de *Mulheres*, *Ao ouvido de Mme. X*, *Elles e Ellas*, *Como ellas amam*, *Abelhas doiradas*, e *Gallos de Apollo*.

No Brasil o conto tem sido muito explorado, e bem explorado. E' notavel o numero de bons contistas que possuímos, desde Aluizio Azevedo, o primeiro que escreveu verdadeiros contos entre nós. Antes d'elle, surgira Alvares de Azevedo, com a *Noite na taverna*, um livro estranho, em que é muito para admirar a sua phantasia, bebida nas mesmas fontes que serviram a Poe. Alvares de Azevedo pertencia, porém, ao espirito de uma época, e,

como tal, passou breve. Outro tanto já não succedeu a Aluizio: seus livros de contos, *Demonios* e *Pegadas*, são obras de real valor, que ainda hoje se lêem com igual admiração. Para isso, basta sua mascula força de expressão, a viveza da linguagem, e o extraordinario poder de evocação, de que ha tão bellas provas nas paginas que intitidou — *Heranças*, *Horas mortas*, *Demonios*.

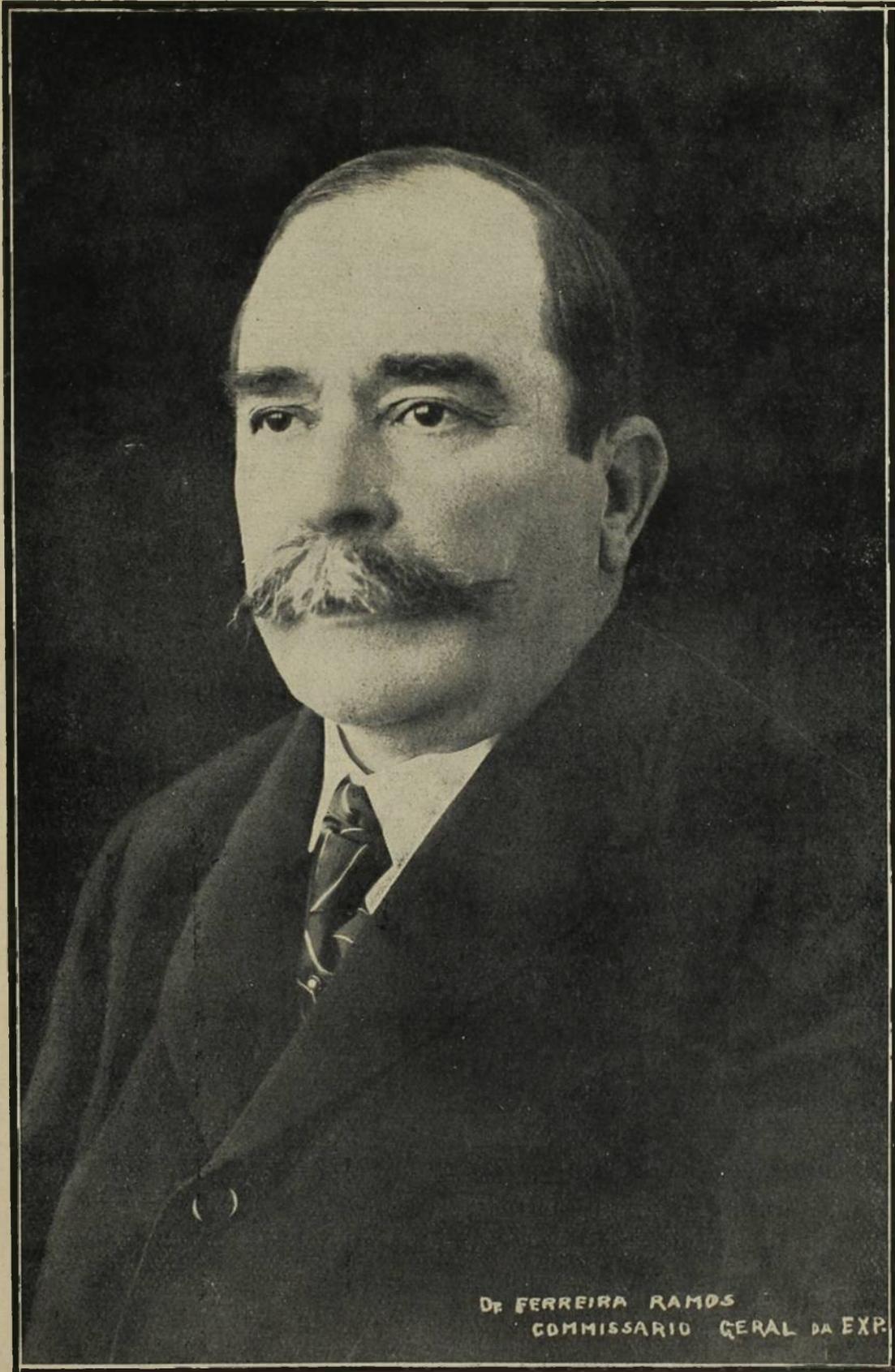
Duas grandes figuras do conto brasileiro são Medeiros e Albuquerque, e Julia Lopes de Almeida. Esses têm todos os requisitos que fizeram de Maupassant um modelo perfeito: clareza de linguagem, impessoalidade do autor, que se não distingue nunca, atravez das paginas mais vivas, e intensa romanceação. Basta citar como exemplos os contos de Medeiros *Palestra a horas mortas*, *Noivados tragicos*, *Flor secca*, *As calças do Raposo*, *Confissão*, *Um vencido*; e de Julia Lopes — *O filho da caôlha*, *As rosas*, *Patria*, *As historias do commendador*, e essa tela barbara, em que pinta, com viveza de tons notavel, a revolta de uma alma trahida, e o amor materno supplantando o horror do odio — *Os porcos*. E' uma figura soberba de contista a escriptora de *Ancia eterna*. Lendo-a, nem por uma vez sequer encontramos o que quer que seja a denunciar a mulher: parece antes um observador impassivel, impassibilissimo, que apanhe, com a nitidez de uma placa photographica, a unica, a verdadeira representação das coisas, para nol-a transmittir após. Como cultores do conto como o reputa Sylvio Romero, não temos, nas letras brasileiras, outros maiores que esses dois escriptores de arte singularmente igual.

Magnificos contos tem tambem uma mulher, como Julia Lopes: Carmen Dolores. Em seu livro *Um drama na roça*, acham-se paginas excellentes, como os contos: *Nos bastidores*, de uma dramatização intensissima, vibrante, o melhor do livro, — *Só a natureza*, *A mãe*, *Em vinte e quatro horas*, *O derivativo*, e outros mais.

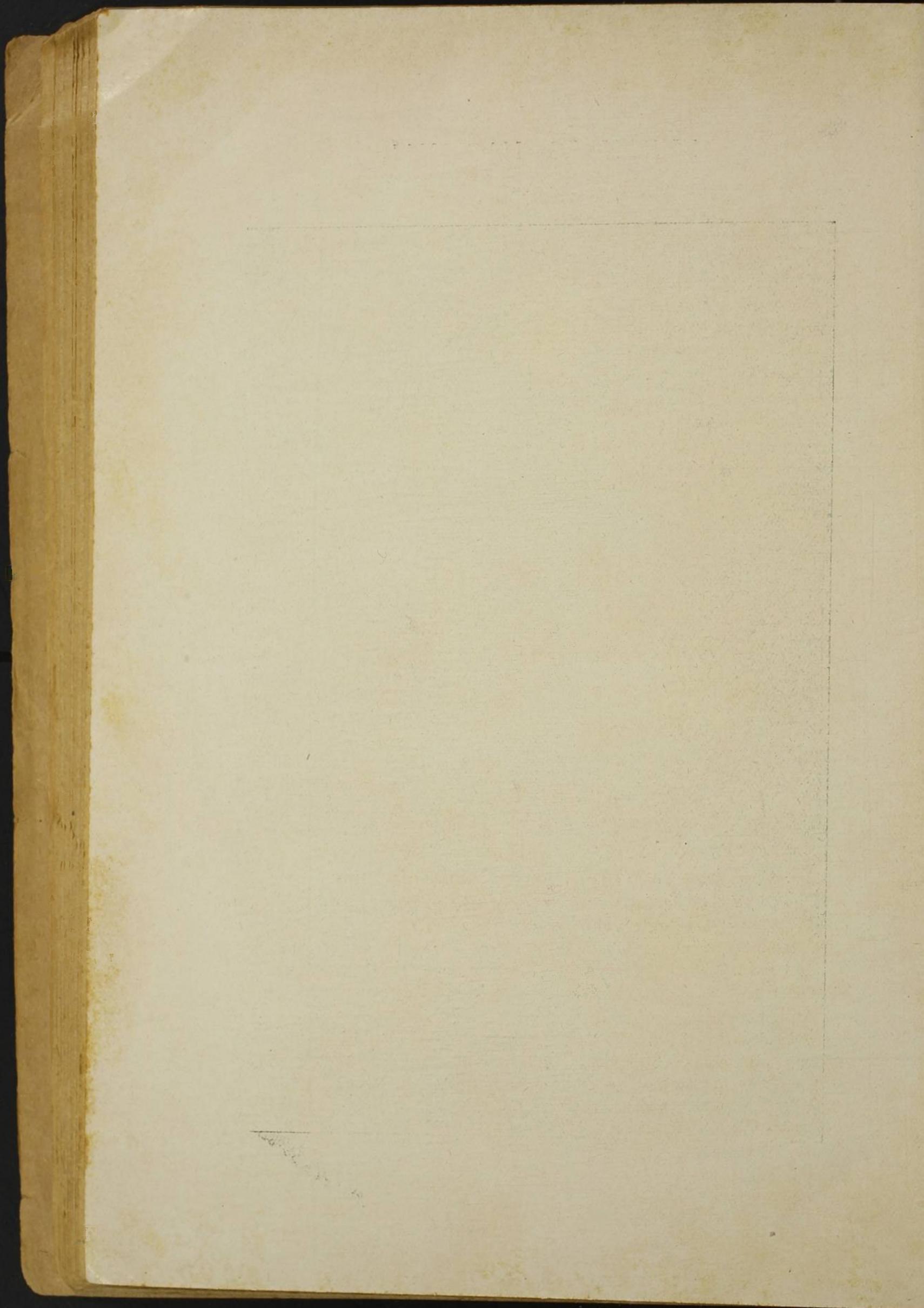
Tambem um perfeito contista é João Luso, o escriptor portuguez que se fez no Brasil, pelo que aqui achou de belleza e sentimento. Sem falar em seu livro lusitano *Contos da minha terra*, suas *Historias da vida* são uma bella collecção de contos bem trabalhados e urdidos, como *O homem do sol*, *O 74*, *A "reverie" de Schumann*, para só falar nesses.

Outro que tambem cultivou o conto com todo o lucro, foi Pedro Rabello, o singular autor de *A alma alheia*. Muito imbuido do estylo nebuloso e, ao mesmo tempo, — pelo que de paradoxa! haja neste asserto, — clarissimo, de Machado de Assis, Pedro Rabello conseguiu dar-nos uma obra que deve figurar na literatura nacional. Seu conto *Obra completa*, por exemplo, é um trabalho excellente, sob todos os pontos por que se encare.

EXPOSIÇÃO NACIONAL



DR. FERREIRA RAMOS
COMMISSARIO GERAL DA EXP.



Por sua extraordinaria phantasia, que, por vezes, aliás, chega a ser-lhe prejudicial, pela opulencia incomparavel de seu verbo, Coelho Netto é dos maiores contistas que temos tido. Seus contos regionaes são dos mais formosos e brilhantes que já se escreveram no Brasil.

Não fosse aquelle mesmo excesso de imaginação, que de algum modo chega a alterar a verdadeira face das coisas, não teriamos outros mais perfectos.

Com seu dom de artista superior, e essa facilidade de romancação, Coelho Netto consegue dar-nos paginas soberbas, como, enumerando ao acaso, *O Bom Jesus da Matta*, *Cega*, *Fertilidade*, *Casadinha* — um primor de narração commovida, *Praga*, *No rancho*, *Innocencia*, e outros e outros, esses sómente regionaes, quando sua optima producção de contos ainda se estende a mais dois livros, ambos excellentes, que são *Jardim das Oliveiras* e *Agua de Juventa*, além de paginas esparsas em *Romanceiro*, *Fabulario*, *Apologos* e *Mysterios do Natal*.

Como contista regional, temos tambem, no primeiro plano, Affonso Arinos, o mais sereno e verdadeiro de todos os nossos sertanistas de eleição. É lamentavel que sua producção de contos se haja limitado apenas ao livro *Pelo sertão*, e a dois ou tres escriptos colligidos no recente volume *Historias e paisagens*, entre os quaes está um conto magistral, como só os sabia fazer o narrador magnifico de *Assombramento: A' garupa*. Que incomparavel recolta de primôres não seria uma vintena de paginas como *Pedro Barqueiro*, *Joaquim Mironga*, *Assombramento* e *A' garupa!* Nunca, entre nós, alguém penetrou, com mais profundeza, a psychologia do sertanejo brasileiro. Em Arinos, o que mais fere a attenção é a fidelidade das observações, o tom da phrase medido e seguro, sem folheios rebuscados de estylo e falsas pompas de fórma.

É elle o mais nacional dos nossos homens de letras.

Entre os que se dedicaram aos contos regionaes, temos ainda varios nomes de grande valor, como Viriato Correia, José Verissimo, Alberto Rangel, Simões Lopes Netto, Alcydes Maya, Roque Callage, João Fontoura, Hugo de Carvalho Ramos, Veiga Miranda, Xavier Marques, Monteiro Lobato e Mario Sette.

Viriato Correia póde ser chamado o *primus inter pares* dos novos contistas do Brasil, por isso que, entre nós, actualmente, nenhum com mais propriedade explora o genero. A exactidão das observações, que lembra de certo modo, Arinos, a fluencia da linguagem, o fulgôr e o arrojo da narração, o imprevisto dos desenlaces, — tudo em seus contos nos seduz irresistivelmente. — *O Venancio*, *O drama de D. Alice*, *Cara a cara*, *O outro*, *O ladrão*, *A desfeita*, *A desforra*, *Terras malditas*, são paginas quasi perfei-

tas, de uma belleza singular. Que penna vibrante não escreveu essa epopéa de fogo e morte, á Dannunzio e á Zola, *Terras malditas*, em que se rasgam trechos barbaros de natureza convulsionada por um drama estranho e pavoroso, como seja a hydrophobia de uma villa, a que não escapa uma creatura sequer, com os animaes de curro, lotes de bestas furiosas, manadas de rezes tremendas no seu furor dantesco, a par das matilhas de cães ululantes, tornados em demonios do inferno! Em seus contos historicos, palpitam, com a vida intensa do momento, todas as figuras pinturescas de nosso passado.

José Verissimo, apesar de só ter deixado as *Scenas da vida amazonica*, deixou obra capaz de atravessar o tempo. *O bôto*, *O crime do Tapuyo*, *A morte da Vicentina*, embora todos os senões da forma e da lingua, em que, infelizmente, foi prodigo o escriptor, são contos regionaes dos melhores.

Outro tanto se pode dizer dos contos amazonicos de Alberto Rangel, o poderoso evocador do *Inferno verde* e *Sombras n'agua*. A esse não se pôde acoimar, porém, de desleixado na linguagem e na phrase; ao contrario, sua obra é a mais pura; apenas, muito influenciado por Euclydes da Cunha, entrou a torcicollar, a complicar a phrase, de tal modo que ás vezes, chega a ser detestavel. São dois bellos livros aquelles, principalmente o primeiro, em que ha contos que são verdadeiras obras primas de observação e de estylo, como *Hospitalidade*, uma pagina de psychologia perfeita, e *Maiby*, um symbolo estupendo.

Simões Lopes Netto, João Fontoura, Alcydes Maya e Roque Callage são os reveladores da literatura dos pampas, dessa literatura tão diversa da que se publica no resto do Brasil. Seus contos são um repositorio de estranhas impressões, typos e lendas, por demais original. *Scenas de tascas* e da campanha livre, fanfarronadas e heroismos, gentes belicosas e cheias de lábia, dialecto rude e musical, a que se mescla o idioma dos iberos e dos incolas, taes os motivos e os modos de ser desses escriptos. Dos quatro autores, difficil dizer qual o primeiro.

Simões Lopes Netto, que escreveu *Lendas do Sul* e *Contos gauchescos*, onde ha paginas magistraes, como *No manantial*, *A salamanca do Janau*, *O negrinho*, *do pastoreio*, — é dono de uma phrase tão pinturesca e vivaz, que é a propria gente gaúcha que nos fala. João Fontoura produziu bellos contos, como *Chirú*, *Caôlho*, *Caboré*. Quanto a Alcydes Maya e Roque Callage dão-nos igualmente as formosas paginas que são *Tápera*, *Xarqueada*, *Velho conto*; *A victima*, *Divertidos* e *Fim de raça*.

Virgilio Varzea, o Pierre Loti brasileiro, como lhe chamaram já, é um apaixonado pelo *meio* brasileiro. Seus contos são por isso

mais simples paisagens, trechos de terra e trechos de mar focalizados com sua vida própria, numa perfeição incomparável. A seu respeito, escreveu com muito acerto, Pedro do Couto: "Seus typos são sempre dominados pelo meio em que agem, cuja bem feita urdidura os atira a planos secundários". (1)

Hugo de Carvalho Ramos, auctor de *Tropas e Boiadas* é também um bom regionalista. Entre seus contos figura *Gente de Gleba*, uma bellissima producção vivida e trabalhada.

Os contos de Valdomiro Silveira, um optimo contista de S. Paulo, cheios de uma doce ingenuidade communicativa, são bem planeados e urdidos; pena é que o autor adopte ás vezes a linguagem do povo no contar, o que prejudica enormemente, como é natural, o effeito artistico da obra. E esse defeito é tanto mais digno de nota, quanto bem poucos de nossos contistas hão adoptado essa fórma. Quasi todos, mais ou menos, cingem-se ao modelo, por assim dizer, classico, de Arinos: a linguagem simples, desataviada, nos moldes mesmo da linguagem popular, quando é o personagem que fala — como devêra ser, naturalmente. Entretanto, a syntaxe é perfeita, a orthographia é correcta. E é esse um ponto interessante, que merece deveras reparado. *Joaquim Mironga*, *Pedro Barqueiro*, *A' garupa*, de Arinos, são paginas de arte, que poderíamos, emtanto, ouvir da bocca de qualquer tropeiro, ao pé do fogo, sob a alpendrada de um rancho, tal a naturalidade da phrase, o cunho real da lingua, a propriedade dos termos communs ao vulgo, — não querendo isso dizer, porém, que sejam acêrvos de barbaridades contra a linguagem, ao que se não póde sujeitar um espirito educado. Em verdade, nada mais grotesco e falto de gosto do que se graphar um trecho, um caso, com a prosodia do povo. Por isso, disse José Verissimo, referindo-se ao *Rei negro*, de Coelho Netto: "Outra feição que barbariza o romance do sr. Coelho Netto é a sua dialogação na maxima parte feita segundo o exacto falar dos negros que o enchem. Esta transcripção horripilante, e aliás desnecessaria, da sua prosodia, prejudica o effeito estetico mirado pelo autor".

De facto, a emoção muito perde com essa lingua de trapos, que é a de nossos sertanejos, e assim não se comprehende que o imaginoso autor de lindos contos, como *A vinha má*, *O perdão*, *Desespero de amor*, *As fruitas*, escreva de tal geito.

Veiga Miranda, que nos deu *Mau olhado*, um dos nossos bons romances regionaes, publicou também *Passaros que fogem...* — contos, de que sobresaem: *O Romão da Januaria*, o melhor do livro, *Miquitoca*, *Melita* e *Zé Divino*.

(1) Paginas de critica.

Xavier Marques, o autor de tantos livros de renome, entre os quaes figura essa obra prima de sentimento, a mais suave de todas as novellas brasileiras, — *Joanna e Joel*, imprimiu, recentemente o seu primeiro livro de contos. *A cidade encantada*, que dá o titulo ao livro, é uma bella pagina, assim como *Mariquita* e *A Noiva do golphinho*.

Estranho e reaccionario, Monteiro Lobato, cujo livro de estréa, *Urupês*, foi o melhor de quantos inundam o mercado literario do Brasil, nestes ultimos tempos, e constitue, igualmente, obra das mais vibrantes, entre as que possuímos no genero, — occupa hoje lugar eminente, na primeira fila dos nossos contistas, é caso raro em nossa literatura. Surgindo intempestivamente, chamou logo a attenção da critica indigena, pelo que sabia dizer de novo, num estylo novo, a respeito das gentes e das coisas de nossa terra. Além de *Urupês*, onde se enfeixam contos admiraveis, como *Bocca-torta*, *Choô-pan!*, *O estigma* e *Matapau*, publicou *Negrinha* e *Cidades mortas*, — essa uma recolta de “charges” sertanejas e contos humoristicos, dentre os quaes resaltam — *Cabellos compridos* e *O espião allemão*, duas paginas de “verve” incomparavel. *Negrinha* contem apenas seis contos. Delles, *O bugio moqueado*, um dos mais fortes e impressionantes de toda a nossa literatura, poderia ter sido escripto por Maupassant, Viliers ou Poe.

Mario Sette, o fecundo escriptor pernambucano, cujo maior titulo é sem duvida o seu romance *Senhora de engenho*, tem tambem produzido bellos contos, como *Clarinha das rendas*, uma doce historia de amor ingenuo, *Espinhos*, *Rasto de sangue*, *A trança*, e outros. Seus contos dialogados, contidos no seu ultimo livro *Quem vê caras...* — são paginas bem trabalhadas, cheias de vida e naturalidade, ressumbrando todas ellas uma suave e discreta moralidade...

Na literatura do conto, no Brasil, temos ainda uma grande figura de artista maravilhoso, que foi Gonzaga Duque, o bizarro estylista do *Horto de maguas*, em que ha paginas de tão torturada forma, como não lhes podemos achar similares nas letras patrias. *A morte do palhaço*, *Olhos verdes*, *Sapo!*... *Sob a estola da morte*, são contos admiraveis, maravilhosamente trabalhados, como só os poderia fazer Fialho d’Almeida, com quem Gonzaga Duque tem grande afinidade, como o nosso Papi Junior, — pelo floreio deslumbrante do estylo.

João do Rio, autor de varios livros de chronicas, tambem o é de outros de contos extravagantes, difficeis de agradar, pelo que nelles ha de psychologias raras e complicadas. *Dentro da noite*, por exemplo, é um repositorio de narrativas, bem feitas sem duvida, cheias de personagens vesanicos, neurósados, degenerados, mas

degenerados da mais baixa classe mental. Basta citar, entre elles, um individuo, que soluça, alta noite, por se ver longe da noiva, da noiva, em cujos braços, por um requinte de sadismo, não se cansava de enterrar alfinetes... É a idéa de que tal não podia mais fazer, pois que, descoberta sua infamia, fôra expulso, dava-lhe agora um immenso desejo de morrer...

Outro autor de contos assim extravagantes, amante do *exquis*, é Théo Filho. De seus contos, disse Sylvio Romero, — que semelhavam versões de paginas de Gorki. São episodios decorridos no Brasil, mas succedidos a personagens que de nacional nada possuem.

Como contistas, poderia ainda citar, entre outros, Lucio de Mendonça, Oscar Lopes, Rodrigo Octavio, Magalhães de Azevedo, Domicio da Gama, alguns dignos de ser considerados bons artistas. Elles são, porém, contistas mais por incidente. Domicio da Gama, por exemplo, em *Historias curtas*, onde ha, inegavelmente bellas paginas, como *A bacchante*, *Possessão*, *Estudo do feio*, *Consul!* — é, principalmente, um psychologo, um observador sagaz de sentimentos, um contista á Machado de Assis, em summa.

E, por falar em Machado de Assis, não o inclui entre os nossos bons cultores do conto porque não o creio de modo algum um bom contista. Seus contos, se lhes podemos dar esse nome, na sua quasi totalidade, “não passam de começos de romances abortados, de aspectos physicos e moraes, deslocados de livros por fazer, perfis, paginas dispersas, que estão muito longe de realizar o typo completo dessa especie de literatura”. Não é difficil, certamente, encontrar, na obra do Mestre, contos magnificos, verdadeiros contos, como *Frei Simão* e *A cartomante*. Esses são, porém, simples exceções em sua obra de eleição. Se procurarmos o psychologo perfeito, havemos de encontral-o nas paginas subtilissimas do *Quincas Borba*, nas *Memorias posthumas de Braz Cubas*, nos *Contos fluminenses*. Mas, “l’art du conteur — segundo Mormont, — est de reduire l’action a ce qu’elle a d’original et d’interessant”. E, para Machado de Assis, o esmerilhador veraz dos sentimentos, quasi não existia a acção. O autor de tantos volumes que intitolou de contos, como contista nunca se poderia hombraear com Medeiros e Albuquerque, por exemplo. Esse quasi não trata dos sentimentos de seus personagens, os quaes agem e, assim, determinam sua psychologia, sem que o autor procure expor-lhes, com minucias, o estado do cerebro e do coração. E, nisso, haverá talvez mais valia, principalmente tratando-se do conto, que é uma simples narração, synthetica e viva, por excellencia.

No conto humoristico, apenas se notabilizára verdadeiramente, até bem pouco, Arthur Azevedo, que pôde fazer verdadeiros primores, paginas cheias de *verve* e graça irresistivel, como esse conto originalissimo, sob todos os pontos, *Uma espiga*.

Hoje, nesse genero, Monteiro Lobato e Humberto de Campos conseguem dar-nos trabalhos dignos de nota, como *O figado indiscreto*, *O comprador de fazendas*, *Cabellos compridos* e *O espião allemão*, do primeiro; *Os morangos*, *O somnambulo*, *A noiva do Donato*, de Humberto.

Mas o humorismo não é proprio para nosso espirito, e, ainda, raramente o humorismo se torna um motivo de arte.

A literatura brasileira, mormente a do conto, é, sobretudo, dramatica. Com o nosso pendor ethnico para a tristeza, preferimos sempre uma narração sombria, cheia de traços vivos e sangrentos a um trecho scintillante de alegria.

Prova disso é que os nossos maiores artistas da prosa sempre foram buscar motivo para seus escriptos em casos de tragedia.

E', que, por essas pennas de elite, fala unicamente a nossa raça melancolica, lasciva e brutal, de descendentes em linha mais ou menos directa de exilados batavos e lusos, sensuaes da Africa e selvagens filhos deste rincão feraz da America.

No Ceará, infelizmente, o conto até hoje não foi cultivado com o carinho que merece.

Não falando em Thomaz Lopes, que se tornou um contista internacional; nem em Rodolpho Theophilo, com o *Cundurú*, livro de contos, onde, em verdade só ha um conto, o que lhe dá o titulo, um forte trabalho, cheio de vida e emoção, — apenas João do Norte, o nosso Gustavo Barroso, se aventurou a explorar devidamente esse ramo da literatura. *Praias e varzeas*, onde se retratam bem algumas scenas e typos de nosso littoral e sertão, é um bello livro em que se acham contos magnificos, como *O pescador*, *A Luiza do selleiro* e *Velas brancas*, dignos de figurar entre as melhores que possuimos.

Papi Junior produziu tres contos bellissimos: — *A Rosa do Curú*, *Exorcismo* e *A communhão dos presos*. Seu genero, porém, não é esse. O exuberante dos *Gemeos* e d'*O Simas* não se compadece com a synthese exigida pelo conto.

Tambem Domingos Olympio escreveu alguns contos, cuja memoria, entretanto, não se conserva, perdida em publicações esparsas. O mesmo succedeu com Domingos Bonifacio, José Luiz de Castro, Frota Pessôa e Arthur Theophilo, todos autores de bons trabalhos no genero.

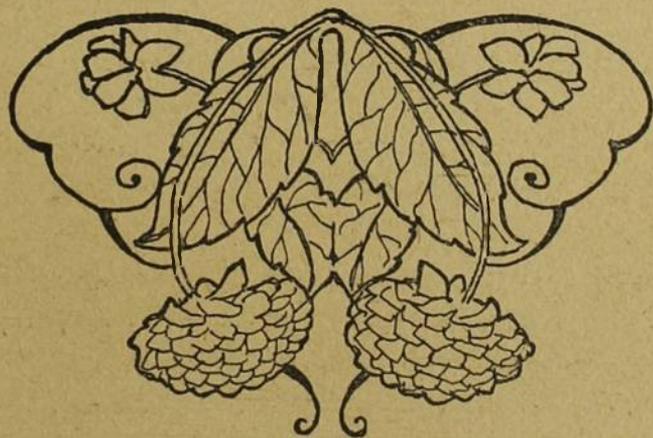
Pena é que, numa terra tão cheia de bellezas ineditas, terra de encantos de lenda, ternos idyllios de camponios e pungentes dramas de amôr, que enchem as chronicas do sertão, vivas na bocca dos "file" indigenas, — os nossos escriptores não se dispõem a registrar carinhosamente, como deviam, todos esses multiplos aspectos desta gleba sagrada, em que soffre Agar no deserto,

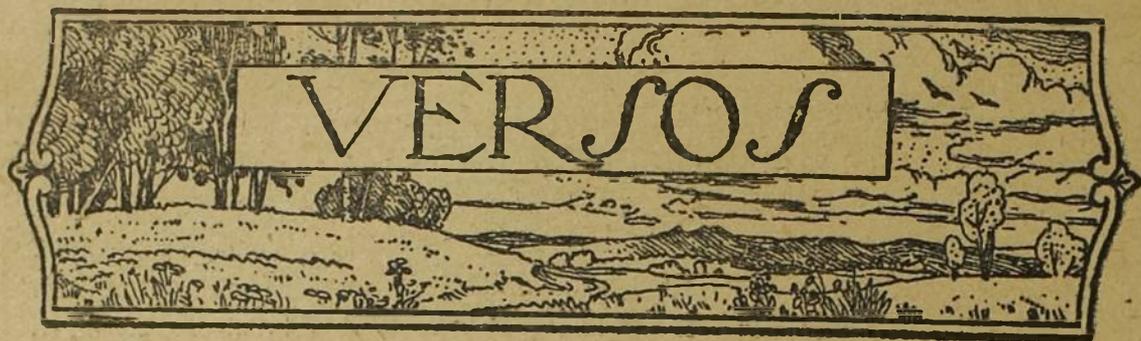
ciciam coisas do céu os amantes de Verona, flamejam estos de D. Quixote, rugem desesperos de Othello desgrenhado e louco de amôr, — e espalham doçuras vergilianas de paz as frondes verdes dos carnaubaes, e fluem rios brandos e claros, cantando e fugindo pelas terras amenas, onde se espraiam trechos de agua morta remançosa e azul, de que exsurge, nas claras noites esponsalicias, amorosa, e tentando os viandantes, a nympha destas ribeiras, a mãe-dagua mysteriosa e fatal.

Não se diga, pois, que nos falte o que pôr no conto. Carecemos apenas de quem se dedique a cultivar, com arte e sentimento, esse genero fecundo, aproveitando, como mineiro consciencioso, o filão inesgottavel que se offerece no seio opulento da tradição.

A quem estará destinada essa tarefa gloriosa, até hoje despresada por todos os que a poderiam ter levado avante, como Antonio Salles, Papi Junior, Adolpho Caminha, Franklin Tavora, Rodolpho Theophilo e tantos mais, a quem não faltou decerto engenho, senão interesse e carinho pelo assumpto?

Ceará, Maio de 1922.





A ABELHA E A ROSA

CLEÓMENES CAMPOS

BALOUÇAVA-SE ao vento uma rosa vermelha,
a que um raio de sol punha um reflexo louro;
viu-a, pelo perfume, uma pequena abelha,
e começou a lhe sugar o pollen de ouro.

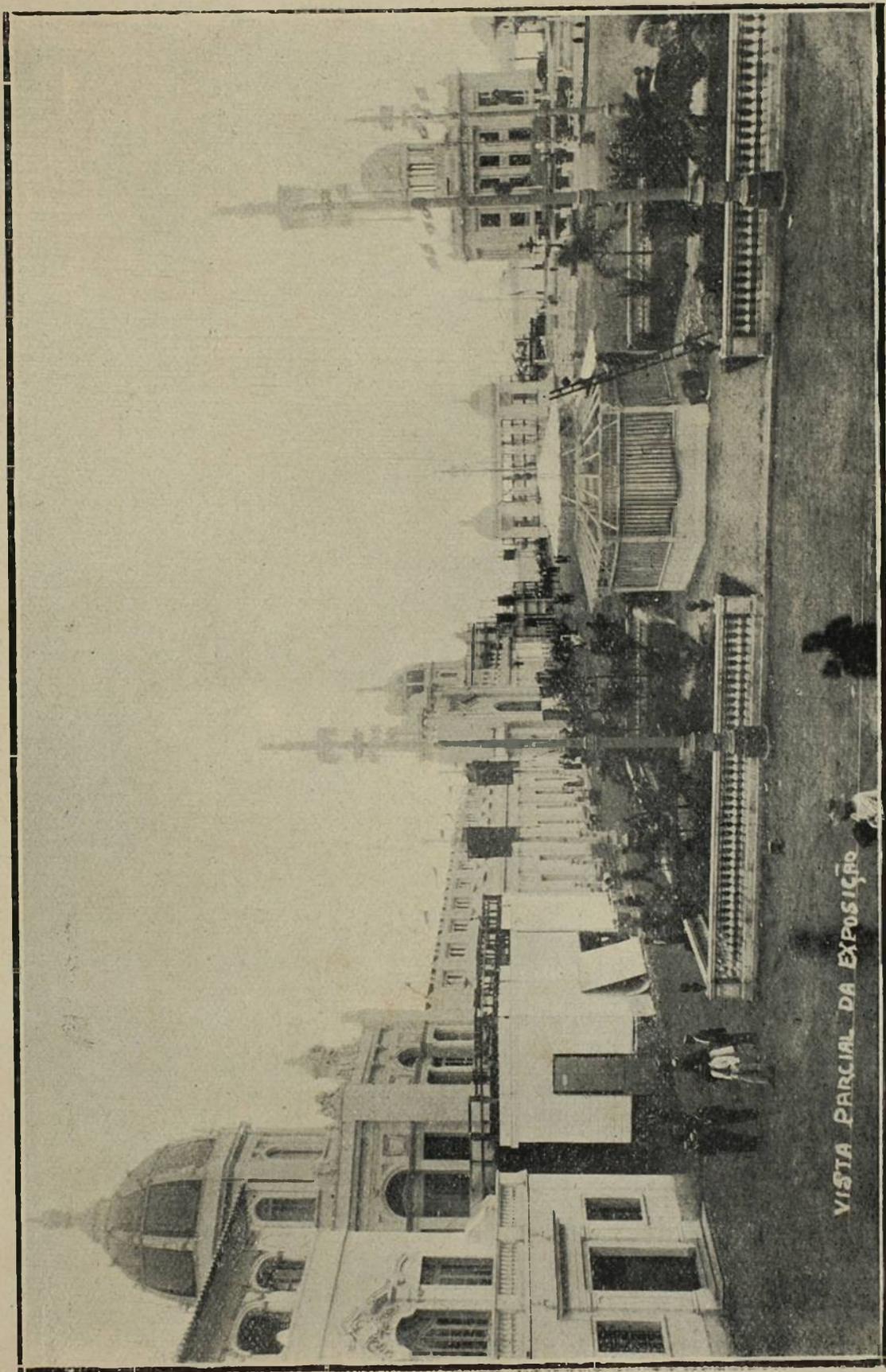
*As abelhas, irmãs aladas das mulheres,
são todavia insatisfeitas e curiosas.
Ora, eu tinha num vaso uns botões rosiclères
que, por ser de papel, nunca seriam rosas.*

*Ella porem suppoz que fossem verdadeiros;
e, deixando o jardim, onde havia outras flores,
voou sem ver por sobre todos os canteiros,
na attracção singular dos botões multicores.*

*Minha janella estava aberta por acaso.
Ella entrou a zumbir. Mas, fechei-a nessa hora.
E a pobre, assim que viu a mentira do vaso,
pensou na linda flor que deixara lá fóra.*

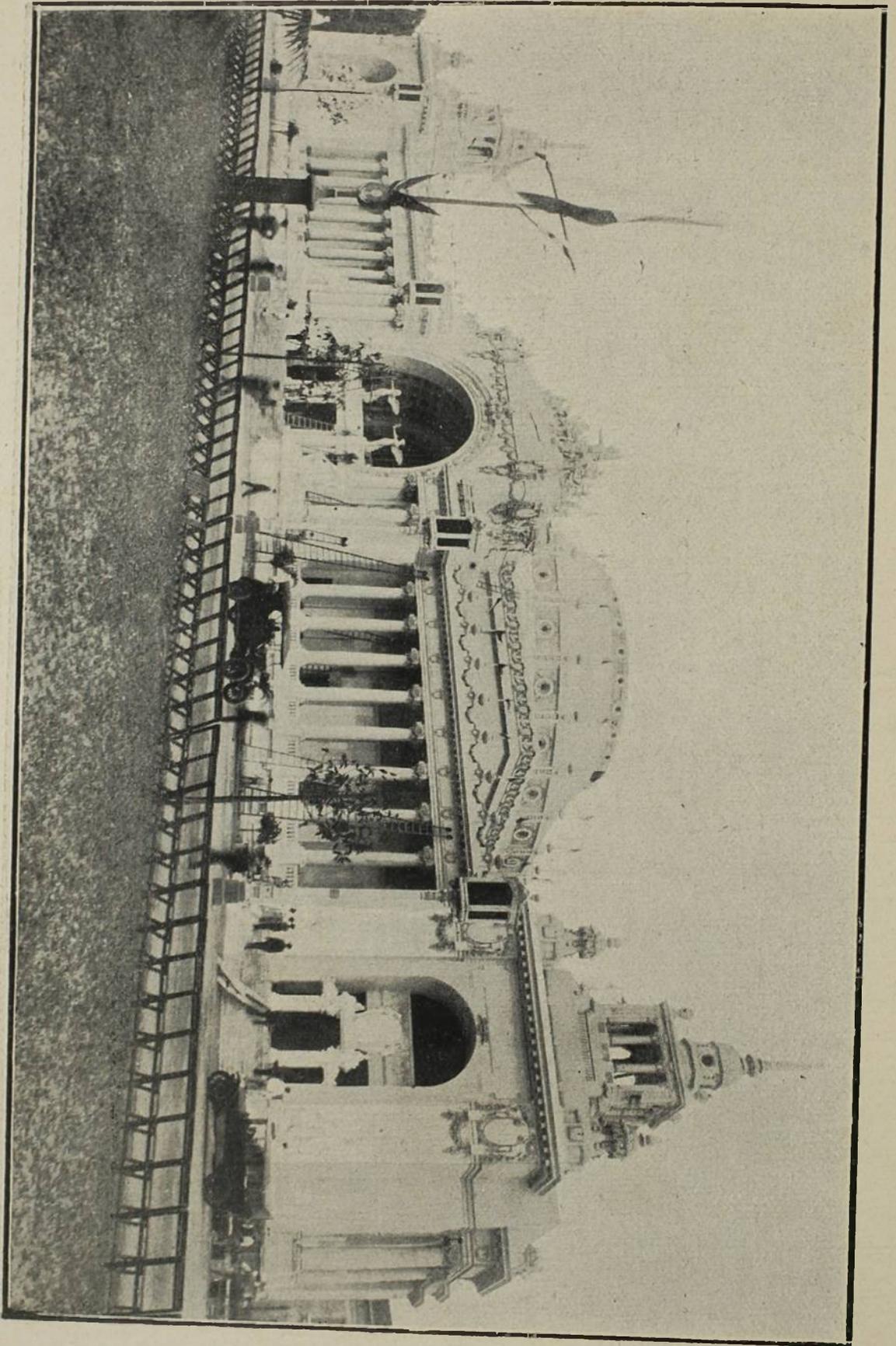
*Foi-se á vidraça a olhar; tentou fugir... e nada:
estava presa em minha sala silenciosa.
E, dois dias depois, achei-a inanimada,
na mesma posição, inda fitando a rosa...*

EXPOSIÇÃO NACIONAL



VISTA PARCIAL DA EXPOSIÇÃO

EXPOSIÇÃO NACIONAL



Pavilhão das festas

*O' alma, que a ambição vae levando á cegueira:
não te esqueças da abelha ambiciosa e illudida!
— não deixes nunca a tua rosa verdadeira
pelos falsos botões que encontrares na vida.*

CANÇÃO DA LOURA DESCONHECIDA

E nem sei quem tu és, minha boneca loura!
Mas passaste por mim tão entontecedora,
que te fiquei amando com delirio...
O' tu, que és alva e esvelta como um lirio,
ó tu, que tens a linda e serena elegancia
das palmeiras que estão paradas á distancia...
Teus gestos musicaes, mysticos e lascivos,
vão semeando canções na alma dos emotivos...
Tens a suave attracção das montanhas, ao poente...
E teu silencio é um philtro para a gente...
Teus olhos verdes, ó Miragem fugidia,
são tão verdes, ou mais, do que as folhas molhadas;
são tão verdes, ou mais, que o mar ao meio dia;
são tão verdes, ou mais, Miragem fugidia,
que as esmeraldas virides lavadas...
E nem sei quem tu és, minha boneca loura!
Mas passaste por mim tão entontecedora,
que te fiquei amando com delirio...
O' tu, que és alva e esvelta como um lirio,
ó tu, que tens a linda e serena elegancia
das palmeiras que estão paradas á distancia...

EU TENHO ADORAÇÃO POR MEUS OLHOS...

*E*U tenho adoração por meus olhos, Querida,
não porque tenham elles contemplado,
no vasto ceo, de súbito rasgado,
um pouco dessa luz, que fulge alem da vida;

*nem o fundo do mar; nem as flores amenas
que, a um aceno aromal da primavera, abriram,
e estão no meu jardim oscillando, serenas...*

*— Eu tenho adoração por meus olhos... apenas
porque meus olhos, meu amor, te descobriram...*

(Do "Coração Encantado")

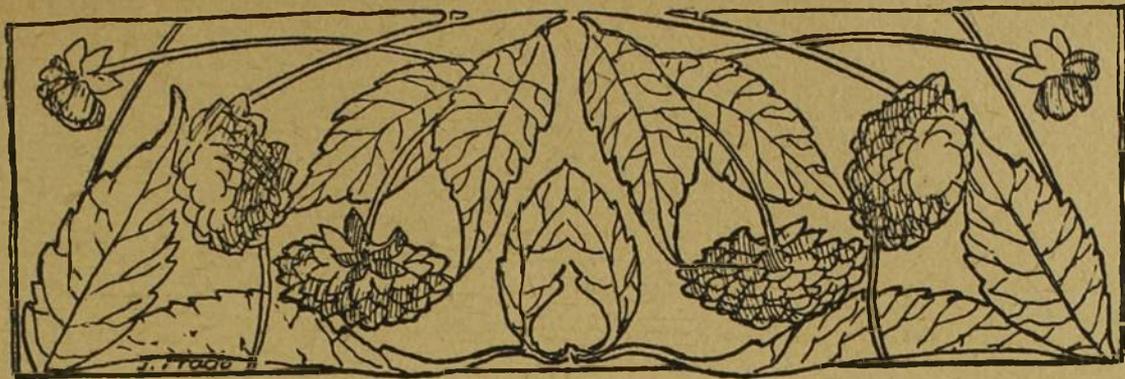
TROVAS SOLTAS

UM mundo de coisas belas,
E tão belas quanto bôas,
A nossa vida contem,
Mas, não valem todas ellas,
Um gesto só das pessoas
A quem a gente quer bem...

José de Andrade.

10-11-922.





“A ESTHETICA DA VIDA,, E “ILLUSÃO,,

BRENNO FERRAZ

“Fóra da consciencia o Universo não existe — assevera Graça Aranha. — Só por ella e para ella o Universo se realisa”.

É Angelo Guido, que aliás, na “Esthetica da Vida”, vê “o ponto de partida de uma nova orientação da literatura nacional” — começa a discordar della: “Graça Aranha não destruiu as duvidas tremendas em que se debate o espirito humano”.

Não fundamenta, porém, convenientemente, a discordancia. Concede ao seu contestado uma “asseveração” que não é perfeitamente delle e, desde logo, passa adiante, engulindo á pressa o dogmatismo do Mestre, que, já apressado, com elle nos brindára.

Vamos, pois, devagar. Não é bem Graça Aranha, quem assevera que “fóra da consciencia o Universo não existe”. Asseveram-no, sim, todos os idealistas, desde os gregos da escola eleatica, para os quaes a realidade se reduz á intelligencia, até Fichte, para quem só existe o *eu*, até Schelling, para o qual o *eu* e o *não-eu* se identificam, até Hegel, para quem a ideia é o ser... “A Esthetica da Vida” apenas repete. Não discute, nem argumenta: dogmatiza, reaffirmando. Será, talvez, porque é tão verdadeira a verdade asseverada que não admite discussão, pertencendo já ao patrimonio commum dos conceitos fundamentaes? E’ duvidoso. Ainda não se fecharam os debates, nem tão cedo se fecharão, decerto, entre as duas correntes, — dualismo e monismo. Os proprios deterministas, concebendo a consciencia epiphenomeno, sobreposta ás funcções psychicas, incidem na dualidade. Apenas,

dado o estado actual da sciencia, a ponto que facil já não é negal-a, importa deter-se a gente a examinar affirmações que ora nos são chocantes.

“O Universo não existe fóra da consciencia.” Que se entende por isso? Que só subjectivamente existe o Universo e a experiencia é impossivel e só a intelligencia é realidade?

Graça Aranha começa dizendo: — “Todo problema metaphisico (philosophico, religioso ou esthetico) está subordinado á consciencia que nos explica o Universo, e este só existe *na sua realidade subjectiva* pelo facto da consciencia”. Aqui não se nega a existencia exterior, objectiva do Universo, em favor de sua realidade interior, egocentrica... Mas, logo, o pensamento ahi ensaiado se expande e se completa na famosa asseveração. E’ taxativa. E’ absoluta.

“Fóra da consciencia o Universo não existe”. Antes de tudo, importaria saber o que é consciencia. Dil-o Graça Aranha vagamente: — “a consciencia é um facto natural, um “modo” da substancia”; “phenomeno neurologico, commum aos animaes, a consciencia, que tem os seus organs physicos, se desenvolve na escala dos seres”.

São essas, duas expressões vagas e, ademais, antagonicas. Que se entende por “modo da substancia”? Certamente o que entenderam os antigos, attribuindo uma alma ás coisas, ao mundo, aos proprios atomos: pantheismo, pan-psychismo, etc. Por outro lado, que “phenomeno neurologico” é esse? Acaso, o epiphenomeno? Não o diz Graça Aranha. Que hediondos “organs physicos” são esses da consciencia? Devem ser medonhos... Dão assim ideia de machina infernal, não é? Na “escala dos seres”? Mas, desde o atomo ou desde a cellula; desde o vegetal ou desde os animaes; desde a monéra, ou desde os vertebrados? — Eis ahi, nas duas definições consecutivas ou mesmo numa só, a ultima, extranho e impenetravel eclecticismo metaphisico-philosophico-scientifico. Queremos crêr que, de tudo, prefere Graça Aranha a hypothese monista, isto é, pretende dizer que a consciencia é puro phenomeno biologico. Queremos crêr.

Ora, ensina Ingenieros, em seus admiraveis Principios de ‘Psicologia’, á pagina 272: — “A psychologia biologica pode affirmar categoricamente que *não existe nenhuma realidade a que se possa chamar “consciencia”*”.

“E’ uma abstracção que não corresponde a nenhuma realidade concreta; a “consciencia” não existe, nem siquer intuitivamente, sinão como consciencia “de algo” que não differe della a não ser por abstracção, da mesma maneira que abstrahimos o conteúdo da forma que o contém. A “consciencia” não existe sinão como qualidade commum a certos phenomenos psychicos

chamados conscientes. Como poderíamos ter consciencia sem tel-a de algum phenomeno determinado?”

Assim, não havendo consciencia, só ha personalidade consciente, “acquirição progressiva no curso da experiencia individual”.

Outra não é a comprehensão de Bergson, em “Matière et memoire” quando, á pagina 22, fugindo habilmente á definição de consciencia, se limita a estudar a percepção consciente:

“Deduzir a consciencia seria empresa muito ousada, mas, verdadeiramente, não é ella necessaria aqui, porque, dado o mundo material, está dado um conjuncto de imagens e é impossivel, aliás, dar-se outra coisa”. Dito isto, era o que bastava. Mas acompanhemos-lhe o desenvolvimento das ideias.

Entre o realismo e o idealismo ha um fundo commum: a percepção tem um interesse todo especulativo; ella é conhecimento puro. “Perceber significa antes de tudo conhecer”. “Ora, é este postulado que contestamos”. Acompanhando o progresso da percepção externa, desde a monéra até os vertebrados superiores, vê-se que a materia protoplasmica já é irritavel, soffre a influencia de estimulantes externos, a que responde por meio de reacções mechanicas, physicas e chimicas. A’ medida que progride a escala animal, as reacções se tornam mais variadas, até que se distingue o puro automatismo da acção voluntaria, dando a illusão de que a impressão recebida se espiritualisa em conhecimento. Puro engano: seria um milagre inadmissivel. O papel do cerebro é o de um centro telephónico: permite á excitação ganhar, á vontade, tal ou tal via para effeito da reacção. O systema nervoso não fabrica nem prepara representações. Recebe excitações e apresenta-lhes o maior numero de apparatus motores. A percepção orienta-se para a acção e nunca para o conhecimento puro. Será tanto mais intensa quanto maior fôr a indeterminação deixada á nossa escolha. A percepção é, pois, a reacção abortada.

Mas como se torna consciencia essa percepção? Entra aqui o papel da memoria, que “constitue a principal contribuição da consciencia para a percepção, o lado subjectivo do nosso conhecimento”. É neste ponto que Bergson se esquiva a “deduzir a consciencia”, proseguindo na mesma ordem de considerações.

Uma imagem pode *ser*, sem *ser percebida*, estar *presente* e não *representada*. Como se dá a representação? Por accrescimo? Seria impossivel: o cerebro nada accresce ás coisas. A representação se dá por diminuição do objecto: apanha apenas a superficie; supprime tudo o que não nos interessa; o resto, pelo proprio isolamento, se torna “percepção”. Em linguagem figurada — tudo se passa então como si reflectissemos sobre as superficies a luz dellas emanada. Dahi o conceito da percepção-miragem: — “A

percepção assemelha-se muito a esses phenomenos de reflexão que vêm de uma refração impedida; é como um effeito de miragem”.

“A consciencia attinge certas partes dos objectos, por certos lados. A consciencia — no caso da percepção exterior — consiste precisamente nessa escolha”.

Como psychologista, portanto, Bergson está de accordo, em linhas geraes, com Ingenieros: — não ha necessidade de “deduzir a consciencia”, “a consciencia consiste na escolha”, as percepções são percepções de alguma coisa; o que, tudo, está, sem duvida, melhor dito pelo outro, o philosopho buenairense — não ha consciencia e sim personalidade consciente.

Assim tambem, indiscutivelmente, pensa Th. Ribot, quando, em “As doenças da vontade”, (Pg. 11, trad. portugueza) ao explicar que a ideia, no sentido espiritualista, não produz movimento de musculos, como por milagre, diz taxativamente: — “Si nos obstinarmos em fazer da consciencia uma causa, nada se poderá comprehender, cahimos em trevas perfeitas; si a considerarmos como *um simples acompanhamento de um processo nervoso*, que é, por si só, o elemento essencial, tudo se tornará claro e desaparecerão as difficuldades ficticias”.

*

Ora, visto isso, como comprehender o conceito fundamental d’ “A Esthetica da Vida”? Decididamente, não se comprehende, ainda que tomando o termo “consciencia” em sua accepção monista, que acabamos de expor atravez de tres grandes psychologos. Dar-se-á caso que Graça Aranha conceba o mundo material, á Bergson, como “um conjuncto de imagens” e possa então affirmar que “fóra da consciencia o Universo não existe”? Talvez...

Nesse caso, porém, é o proprio Bergson que o contesta, á pg. 11 do livro citado:

“Toda imagem é interior a certas imagens e exterior a outras; mas do conjuncto das imagens não se pode dizer que nos seja interior, nem que nos seja exterior, pois que a interioridade e a exterioridade não são mais que relações entre imagens. Perguntar si o universo existe sómente em nosso pensamento ou fóra delle é, pois, enunciar o problema em termos insoluveis, suppondo que sejam intelligiveis; é condemnar-se a uma discussão esteril, em que os termos pensamento, existencia, universo, serão necessariamente tomados de um lado e de outro em sentidos de todo differentes”.

Em linguagem bergsoniana isso se entende: — a imagem-homem tem imagens interiores, isto é, as representações e tem imagens exteriores, isto é, as coisas. Mas, o conjuncto das imagens, isto é, mundo material ou universo, não nos é interior, porque somos parte delle e não poderíamos contel-o e a nós mesmos, sendo ao mesmo tempo continente e conteúdo; e não nos é exterior porque não estamos fóra delle, porém, dentro... Perguntar, pois, si o mundo só existe em nosso pensamento — o que vale dizer consciencia — é enunciar o problema em termos insolúveis e fazer logomachia esteril, como faz Graça Aranha.

Porventura, será espiritualista o nosso illustre Mestre da Vida ou simplesmente, idealista? Não o é porque ao dualismo declara oppor “a radiante philosophia monista”. Supponhamos, entretanto, que o é, dada aquella premissa em que repousa o seu livro: — “Fóra da consciencia o Universo não existe. Só por ella e para ella o Universo se realisa”.

Examinemos-lhe o pensamento apenas sob o aspecto de logicidade: — o universo, criação da consciencia, só existe dentro della. Só se realisa por ella, pois que é criação sua. Mas como “só se realisa para ella”? Para que tal coisa exista para outra coisa preciso é que sejam... duas; e, no caso, é preciso tambem que o Universo seja exterior á consciencia. Ora, Graça Aranha já disse que não: o mundo, criação da consciencia, só *dentro* da consciencia existe e só existe por ella, isto é, universo e consciencia são uma e a mesma coisa. E são duas?!...

Na verdade, aquella é uma expressão de espiritualismo.

Não precisamos, aliás, discutil-a, porque se declara monista quem a escreveu; e reconhece a sciencia, cuja objectividade briga com aquella concepção subjectivista; e entende por “consciencia” “phenomeno neurologico”, produzido por organs proprios...

Registremos, entretanto, a semelhança existente entre aquelle pensamento e a concepção transcendental de Fichte, resumida por Carlyle e por elle aceita. Em suas conferencias “Acerca da natureza do Homem de Letras” — refere o auctor de “Os Heroes” — diz Fichte: — “Todas as coisas que vemos ou com que trabalhamos nesta Terra, especialmente nós mesmos e todas as pessoas, são como uma especie de vestimenta ou de sensorial Apparencia: sob todas ellas jaz como sua essencia, o que elle chama a “Divina Ideia do Mundo”: tal é a Realidade que “jaz no fundo de toda Apparencia”. Para a massa dos homens nada de semelhante a esta Divina Ideia é reconhecivel no mundo; elles vivem puramente, entre as superficialidades, as praticabilidades e apparencias do mundo, não cuidando que ha qualquer coisa de divino debaixo dellas. Mas o Homem de Letras é enviado especialmente afim de poder discernir

por si mesmo e nos tornar manifesta precisamente essa Divina Ideia..."

Eis ahi o nucleo de ideias donde sahiu a maior parte da "Esthetica da Vida": — o universo, conjuncto de apparencias na visão de consciencia; a "Divina Ideia", de Fichte, a "Indizível Significação Divina", de Carlyle, a "Consciencia Metaphysica do Todo Infinito", de Graça Aranha, tres respeitaveis e rotundas denominações de coisa nenhuma; a "Concepção Esthetica do Universo" e o desejo de "posar" o Heróe-Homem de Letras... Não lançamos em rosto ao auctor nenhuma pilhagem de ideias: ellas andam no ar e cada um se serve dellas como póde. Só queriamos saber como se concilia toda essa transcendencia com o monismo realista... E isso não conseguimos.

*

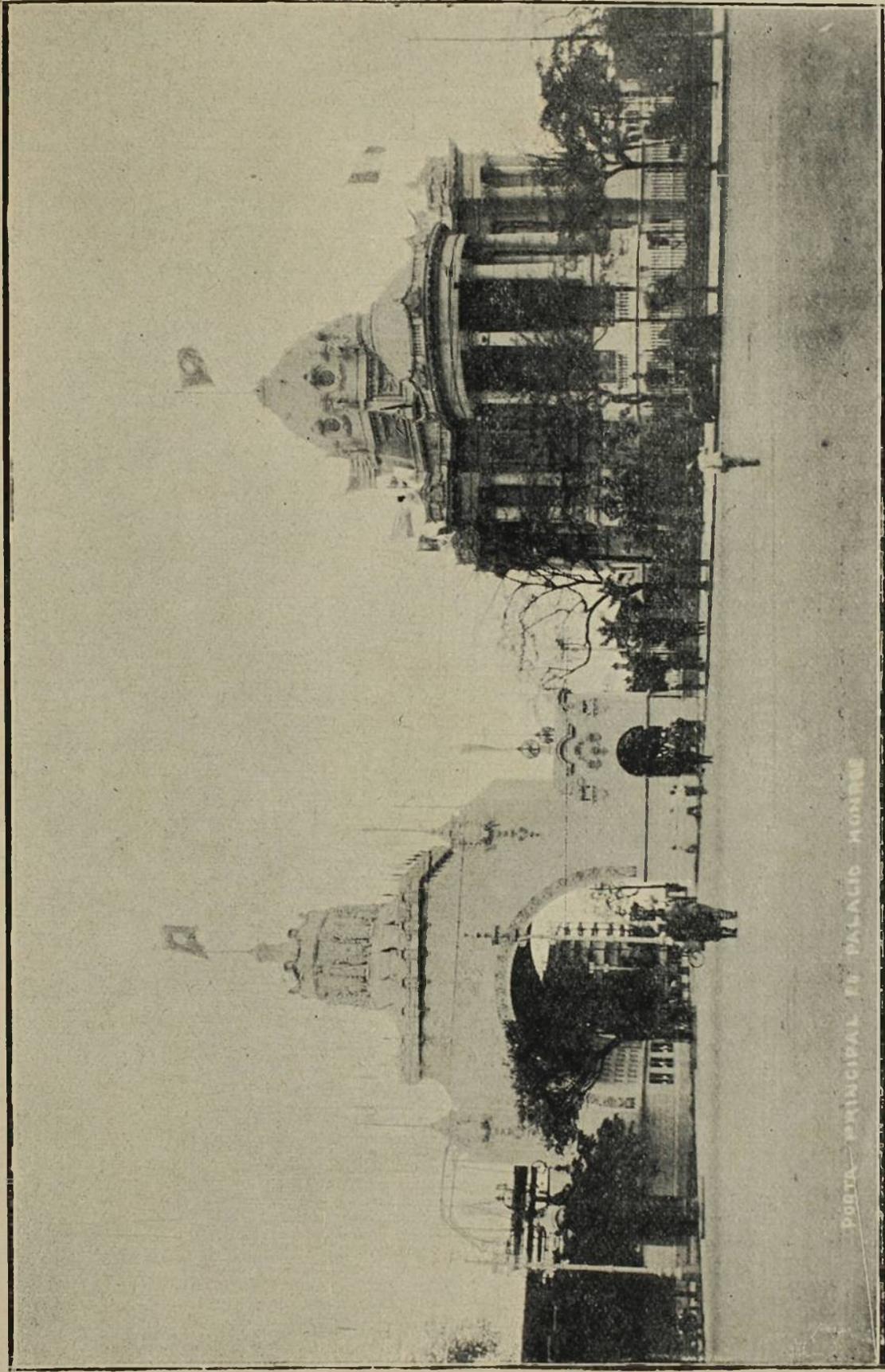
Em resumo: — vimos com Ingenieros que não ha consciencia; assistimos, com Bergson psychologo, a longa e astuciosa fuga para longe della, ao mesmo tempo que a viamos objectivada em "percepções conscientes", o que é um modo de negal-a; e negamol-a, com Ribot, que a um e outro, mais que subsidios, offerceu as bases em que assentam suas ideias. A seguir, acceitamos que Graça Aranha se inspirasse em Bergson e vimol-o negado pelo proprio Bergson. Concedemos-lhe que, contra Graça Aranha, o nosso Mestre da Vida fosse espiritualista e vimol-o negado por si mesmo.

Que concluir de tudo? Que Graça Aranha não é philosopho e sim estheta? Mas, o estheta procura elementos na philosophia e as suas construcções hão de ser sobretudo logicas. E' um artista? Não nos apresenta uma só pagina de estylo, puramente e nenhuma de pensamento, si é possível distinguir entre umas e outras. "Illusão" não responde a essas perguntas.

E' preciso, entretanto, comprehender Graça Aranha, desde que é collocado ao par de Nietzsche, Kant, Spinoza. Leiamos, pois, a sua melhor critica, noticia européa que lhe outorga fóros de genio. No "Mercure de France", n.º de 1.º de Dezembro de 1921, pagina 528, encontramos longo estudo subscripto por Tristão da Cunha, que muito nos esclarece:

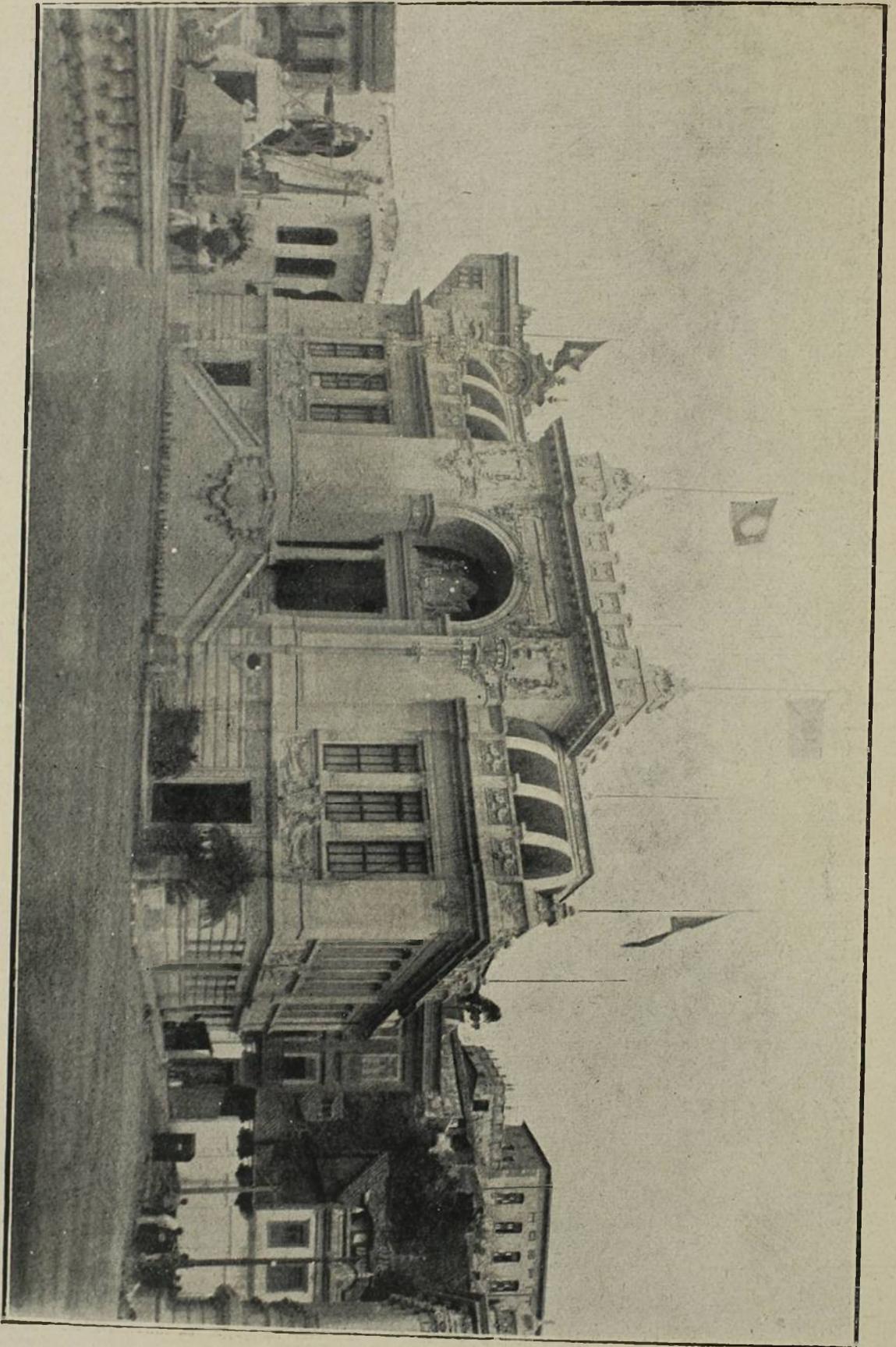
Os tres livros de Graça Aranha, "Chanaan", "Malazarte" e "A Esthetica da Vida" illustram a sua evolução "dos tormentos da consciencia dualista á serenidade esthetica". Ora, temos visto o contrario: — nenhuma serenidade e tormentoso imbroglio. Depois de ter dado dois livros de arte pura — continua — "G. A.

EXPOSIÇÃO NACIONAL



PORTA PRINCIPAL DE PALACIO MONTEVIDEO

EXPOSIÇÃO NACIONAL



Pavilhão do Distrito Federal

quiz de algum modo fazer-nos o commentario de sua obra, explicar-lhe os symbolos e propôr-nos a sua philosophia pratica”. Convenhamos que nisto logrou fins plenos: quem não lhe penetrára a metaphysica de “Chanaan”, fica sabendo que ella é para se não penetrar... “Os ensaios que compõem o seu ultimo livro — estabelecem theoria, sendo todos ligados por uma idéa conductora e repetindo todos o motivo principal, isto é, a unidade universal da *consciencia esthetica* do mundo”. Combinando os resultados seculares das experiencias scientificas especializadas, — prosegue — “o philosopho pôde vir a oppôr ao dualismo, pessimista por definição, o que Graça Aranha chama o *radioso monismo esthetico*, unico capaz de dar-nos, com uma explicação empirica do universo, a serenidade moral que toda philosophia procura”.

Antes de tudo, em “A Esthetica da Vida” nunca se fala em “consciencia esthetica”, expressão creada pelo seu habil apolo-gista, afim de emprestar-lhe um ar de logica e intelligencia que ella não tem; tambem naquellas paginas não se encontra referencia a “monismo esthetico” de especie alguma; o que lá se lê muitas vezes é “consciencia metaphysica”, que os dictionarios philosophicos não registram e só pôde ser entendida como “consciencia moral”, differente de “consciencia psychologica”; assim tambem, em vez de “monismo esthetico” lê-se no livro — “philosophia monista”.

Já vimos como Graça Aranha “combinou os resultados das sciencias”; como se oppoz ao dualismo; e como explica “empiricamente” o universo...

“A obra de Graça Aranha é o reflexo de sua attitude para com o mundo, a flôr e o fructo do seu pantheismo cordial”. Já não é, pois, monista com a sciencia: é pantheista...

“Nelle a critica é positiva”. — Temol-o visto... “Tenho-o por um espirito genial”. — Sem duvida, pois tudo baralha, não é verdade? “E’ original, tumultuoso, ás vezes vulcanico...” E’ grande o poder da generosidade, que transforma em virtudes os vicios! Tumultuosos, vulcanicos são todos os collegiaes, insipientes no pensar e no escrever: têm a cabeça em tumulto, o cerebro em lavas e se permitem todas as inconveniencias e todos os absurdos.

“E’ um dyonisiaco á maneira de Nietzsche e, como elle, um pensador musical”. Pensador musical é, decerto, como pensador wagneriano, obscuro, incomprehensivel. Mas, perdão, Nietzsche entende-se!

Com toda essa generosidade, a critica de Tristão da Cunha é esplendida: confirma o leitor na incomprehensão dos absurdos d’ “A Esthetica da Vida”.



AS FRONTEIRAS DO SUL

FERNANDO NOBRE

Os Ingleses rechassados no Rio da Prata. A Independencia Norte-Americana. Novas luctas. A politica de Elio, Governador de Montevideo, busca a approximação do Brasil. As agitações napoleonicas no continente europeu. A ambição da corôa portugueza de implantar em Buenos Aires um throno para a princeza Carlota Joaquina. O clarim da independencia na America do Sul, resôa em Montevideo, em 1808. Desintelligencia entre Montevideo e Buenos Aires. O que era Montevideo de então.

Do mesmo modo que os reinos de Portugal e Castella rivalisaram em descobrimentos na aurea epoca de sua Historia, rivalisaram, tambem, nas suas consequentes iniciativas de expansão e colonisação.

Cada uma dessas potencias, por seus representantes colonisadores, se debate com denodo no grande empenho daquelle espirito avassallador, em cujo commettimento se celebrisam e até se immortalisam os seus mais arrojados homens, na mór parte subditos originarios daquelles paizes e alguns indigenas, ou já filhos nativos destas plagas americanas.

N. da R. — O presente capitulo faz parte da obra "*As fronteiras do Sul* — A jurisdicção das aguas do Prata e a Ilha de Martin Garcia", que acaba de ser publicada, em S. Paulo, pelo sr. dr. Fernando Nobre. Trabalho de vulto, mereceu os maiores encomios de Clovis Bevilacqua, Capistrano de Abreu e outros intellectuaes.

Rivalisaram em tudo: — em idéas e principios, em coragem e em luctas, nos meios e nos fins, nos designios e nos resultados, na glorias e nas compensações, nos fructos e nas consequencias.

Estudando o ponto a que nos dispuzemos — “*as fronteiras*” — no decorrer desses tres agitados seculos que medeiam desde a descoberta do Rio da Prata, quiçá, em 1508, até ás pretensões napoleonicas e o advento da familia real portugueza ao Brasil, em 1808, vimos que as Corôas, aqui, em suas colonias, bem como as successivas gerações de colonisadores e conquistadores recebiam de seus antepassados as heranças das suas rivalidades e o espolio das suas conquistas, completamente despidos de beneficio de inventario, marcando com a cruz intemerata das suas espadas ou com a lamina das suas adagas os limites e os territorios conquistados, em linhas mais ou menos sinuosas, mais ou menos duradouras, mais ou menos tintas de rubro, mas que só se conservavam por força dos postos avançados, vigilantes, em atalaia e de lança em riste...

Assim é que cada um desses chamados momentos historicos, como os das nossas apreciações, era dado dentro de um lapso de tempo mais ou menos curto, em que extensões de territorio se apanhavam dentro de linhas limitrophes mais ou menos fugazes.

Em summa, os Portuguezes viram frustrados todos os seus ingentes esforços para que a linha de limites ao sul fosse o traço largo marcado pelo Rio da Prata no dorso dos pampas e dos mappas.

No ultimo ajuste, apenas reconquistaram as Missões, á ilharga do Rio Grande. Com a perda da debatidissima Colonia do Sacramento, Montevideo e adjacencias, os Portuguezes não mais obtiveram toda a margem septentrional do Prata.

O governo de Montevideo, que tanto auxiliara e tão jubilosamente assistira, em 1806, á reconquista de Buenos Aires, operada por Liniers contra os Inglezes commandados por Beresford, recebendo por esse faustoso acontecimento aquella cidade e seu escudo honras regias especialissimas, — essa mesma “*Muy Fiel y Reconquistadora*” Montevideo era tomada pelo general inglez Auchmuty, a 3 de fevereir ode 1807, máugrado os esforços do mesmo e devotado Liniers.

Refeito em Montevideo, o general em chefe das forças inglezas — John Whitelocke — tenta retomar Buenos Aires, sendo, porém, rechassado e obrigado a evacuar completamente o Rio da Prata.

Depois de sete mezes de dominio britannico, em virtude daquela capitulação, os Inglezes retiram-se definitivamente de Montevideo a 9 de setembro de 1807.

Torna-se, neste particular, indispensavel a seguinte consideração: — desde os esforços combinados dos gabinetes de

Pariz e de Madrid, em prol dos Estados Unidos da America do Norte, para dahi expulsarem os Inglezes e sacudirem o seu jugo, colimando a independencia que immortalizou Washington, — a Gran-Bretanha, naturalmente, e num gesto rispido de represalia, empenhou-se em envolver-se nas colonias hispano-americanas, assaltando-as, suscitando e protegendo revoluções, promovendo sublevações contra a metropole e disseminando a mais infrene propaganda de idéas separatistas e de independencia, para o que, naturalmente, acenavam com o fulgurante exemplo historico da independencia da propria America do Norte.

A esse tempo, Carlos IV nomeia Vice-Rei das Provincias do Prata a Santiago Liniers, sendo nomeado o Coronel Francisco Xavier Elio para Governador de Montevideo.

O Governo do Rio de Janeiro, para precaver-se, como dissémos atrás, contra a vizinhança dos Inglezes reincidentes em seus planos e contra as mui provaveis invasões francezas, enviou para o Rio da Prata o Brigadeiro Joaquim Xavier Curado, o qual não pôde passar de Montevideo em vista das desconfianças e indisposições de Liniers contra os Portuguezes.

A esse passo, Liniers ordenava a Elio que se aprestasse com mil e oitocentos homens e, por via Maldonado, marchasse e cahisse de polpe sobre o Rio Grande.

Lance de grande relevancia historica foi o que, então, se desenrolou.

Elio, sagaz e ponderado, senhor da verdade quanto ao espirito do seu povo, conscio das suas aspirações de independencia, comprehendeu que não seriam de maior efficacia os bons officios que porventura pudesse vir a empenhar o Vice-Rei do Rio da Prata, em semelhante salvaguarda, ou em qualquer outra, em favor de Montevideo. Ainda mais se certificara disso, ante o fracasso dos auxilios prestados por aquelle governo e que haviam sido impotentes para resguardas sua Provincia do recente insulto inglez.

Facilmente vislumbrou o Governador montevideano as solidas vantagens que poderiam advir para o seu governo, se conquistasse as boas graças do real e imperial governo do Rio de Janeiro, então capital da corôa portugueza. Era certo, além de tudo, que o Gabinete carioca lh'as offerencia.

Sob tão justificaveis reflexões retorquiui ás ordens do Vice-Rei declarando ser-lhe impossivel obedecer. Pretextava não poder aprestar os taes mil e oitocentos homens, em vista de não lh'o permittir o estado de suas tropas. Além disso, ponderava serem enormes as distancias a vencer, penosissimas as jornadas no rigor do inverno que reinava e, sendo estação chuvosa, os corregos e arroios estariam invadeaveis. Demais a mais, se dado lhes fosse

vencer taes asperezas, por certo que, ao journadearem aquellas cento e trinta leguas, até o Rio Grande, iriam topar, em estado de jámais poderem combater, inimigos descansados, fortes, nutridos e bem municidados, sendo certo que tal expectativa faria assustar qualquer general á frente, mesmo, dos soldados mais intrepidos.

Liniers o comprehendeu e foi bem reciproca e hostil a attitude assumida pelo Vice-Rei contra o Governador de Montevideo.

A situação tornava-se critica e da maior gravidade, sobretudo devido aos reflexos provenientes do agitadissimo periodo que commovia as nações européas.

Napoleão despojara Fernando VII da sua corôa e, aprisionando-o, sentara seu irmão — José Buonaparte — no throno de Hespanha.

Houve, contra isso, repulsa declarada por meio de "*Juntas*", que se organisaram em provincias hespanholas em acção de represalia contra o invasor e usurpador do throno.

Chegavam, em consequencia, ao Rio da Prata emissarios para conseguirem a adhesão das colonias em pról de tal movimento.

Sassenay pugnava para obter essa adhesão a favor de Buonaparte, e Goyenneche havia chegado exactamente a procurar capital-a em pról da "*Junta de Sevilha*". Montevideo declarou-se por esta ultima, entre vivas e acclamações a Fernando VII.

No entusiasmo desse feito, Elio aproveitou-se do ensejo para dirigir uma interpellação a Liniers, concitando-o a tomar declaradamente partido, — pois, sendo Liniers francez nato, embora houvesse dedicado, durante quasi trinta annos, os seus bons officios e o melhor da sua vida ao serviço da corôa de Hespanha, merecia, nessa conjunctura, ser posto em duvida, dado o seu berço.

Liniers, com a dignidade do seu alto cargo de Vice-Rei, elle que nunca discrepara, absolutamente abnegado e leal até ao sacrificio, tendo posto muitas vezes em risco a propria vida pelo rei de Hespanha, firme no seu posto, não titubiou em contestar a ousada interpellação, depondo Elio do governo de Montevideo e nomeando Michelena para o substituir.

Estava, porém, de tal modo identificado o povo de Montevideo com o governador Elio — fidelissimo interprete das suas aspirações — que foram *in limine* desobedecidas as ordens vindas com a resolução de Liniers, sob a seguinte allegação: — "*desde que no existía el Rey d'España, habia caducado la autoridad de su representante — el virrey.*"

A 21 de setembro de 1808, occorreu em Montevideo um dos acontecimentos mais memoraveis da Historia sul-americana. Pródromo das mais legitimas ambições que enchiam os peitos ávidos de independencia, foi esse facto — o de ahi reunir-se, naquella data,

uma assembléa popular que constituiu uma "*Junta de Governo*", a cuja presidencia elevaram Elio.

Essa pagina da Historia Uruguaya exerceu decisiva influencia no espirito da época e surtiu as mais retumbantes consequencias a favor da autonomia de varias provincias da colonia hespanhola, que anhelavam constituir-se em Estados independentes.

Tal "*Junta de Governo*", embora de curta duração, pois se dissolveu no anno seguinte, foi o signal de alarme contra a autoridade da metropole, o toque de clarim para a sublevação precursora da nova éra que a "*Revolução de Maio*" veio marcar.

Os échos dessa chamada "*La Junta del año 8*" iam-se repetindo ao longo dos pampas e desdobrando de quebrada em quebrada para fazer transpôr os cumes andinos a justa rebelião e reiterar-se, no mesmo diapásão, nas identicas "*Juntas*" de Chuquissaca, de Quito e de La Paz!

Cortando essa digressão do ponto principal que mira o nosso estudo, diremos, em summa, que Fernando VII, prisioneiro de Napoleão desde 1808, voltou ao seu throno em 1814 e durante o seu reinado fizeram-se independentes todas as colonias hespanholas da America do Sul.

E' obvia a apprehensão que veio causar no animo das Côrtes européas e, sobretudo, na de Portugal, o celebre decreto de 1811, bem symptomatico da situação e no qual, em pacto secreto, a Hespanha admittia a mediação da Gran-Bretanha no intuito de conciliar as Provincias da America, sob bases pre-estabelecidas e (nem o precisava dizer) com exuberantes vantagens para o commercio inglez...

Perfeitamente superfluo seria aqui alludirmos á razão logica que explica a adiação da independencia do Brasil, dada a natural influencia que se operou nesta colonia com a mudança da Côrte portugueza para o Rio de Janeiro.

"*La Junta del año 8*", com a sua alma de independencia, foi a pedra de toque para a separação e rivalidade de Montevideo e Buenos-Aires, — facto esse do qual se originaram os attritos politicos em que tanto se escorcharam, envolvendo-se no embate tambem o Brasil.

Além do mais, com a intervenção dos Inglezes, que haviam sido, ha tão pouco tempo, intrusos dos mais indesejaveis, tudo eram motivos que, de dia a dia, se multiplicavam no sentido de exigir a mais apurada attenção do governo do Rio de Janeiro para aquellas bandas.

Em outubro de 1809, o Conselheiro do Conselho Ultramarino — D. Diogo de Sousa — mais tarde Conde do Rio Pardo,

tomava posse do governo da *Capitania de S. Pedro*, pois a esse grau era elevada a Colonia do Rio Grande (1).

Em julho do mesmo anno, chegava, enviado pela "*Junta de Sevilla*", o Brigadeiro da Armada — Baltazar Hidalgo de Cisneros — para substituir Liniers no cargo de Vice-Rei das provincias do Prata.

Elio, que tambem se indispuzera com este, retirou-se do governo de Montevideo e seguiu para a Hespanha, deixando para substituil-o, conjunctamente, D. Joaquím de Sória e D. Cristóbal de Salvañach.

Cisneros, que teve de arcar com varios movimentos sediciosos, nos quaes se convulsionavam as idéas já irreprimiveis da revolução patriotica da independencia, viu-se tambem hostilizado por seu antecessor — o mallogrado Liniers — que se havia afastado para Córdoba.

Procurava o novo Vice-Rei apaziguar tal estado de superexcitação, suffocando geitosamente esses movimentos sediciosos e, para manter-se no governo, tentava attrahir as sympathias do povo, sobretudo as dos estancieiros. Teve, para isso, a iniciativa de decretar o livre commercio entre os Castelhanos e os Inglezes e Portuguezes, contrapondo-se, embora, á vontade do Cabildo e do Consulado. Tambem não titubiou em ceder a uma "*Representación de hacendados*", dirigida em nome da classe pelo Doutor Moreno, o proprio que, mais tarde, se celebrisou como prócer da Independencia. (2)

Montevideu de então, para repetir com fidelidade o que diz o emerito Bauzá, era "pequenina cidade que se erguia encerrada

(1) Grandes eram as vantagens e necessidades apontadas para a elevação da Colonia do Rio Grande á categoria de Capitania Geral, independente da do Rio de Janeiro, e taes se acham apontadas no officio que o Conde de Rezende, Vice-Rei do Brasil, a 23 de janeiro de 1798, endereçava ao Secretario de Estado do Ultramar e no officio dirigido por este mesmo Secretario, em 31 de outubro de 1799, ao Governador Veiga Cabral.

Foi criada a junta da fazenda dessa Colonia, em virtude de Carta Régia de 14 de julho de 1802, tendo a mesma começado a funcionar em 14 de fevereiro de 1803, dando resultados para a Real Faztnda, que excederam a toda a expectativa.

(2) Esta *Representación*, segundo Mitre, constiue um monumento imperecível do genio de seu autor e nella a valentia da linguagem campeia a par das mais sãs idéas economicas. Pedindo liberdade de commercio, concluia a sua representação dizendo: '*No confirió el soberano á V. E. la alta dignidad de virrey de estas provincias para velar sobre la suerte de los comerciantes de Cádiz, sino sobre la nuestra, etc.*' E, ainda opina o mesmo grande historiador, esta revolução economica em que a Colonia se emancipou commercialmente de Hespanha foi o primeiro passo atrevido dado no sentido da Independencia. — Bartolomé Mitre — "*Historia de Belgrano y de la Independencia Argentina*".

em um quadrilatero de fortificações, que havia resistido desde a infancia aos embates da guerra e ás travas do monopólio. Com o titulo de *Cidade* vegetava a éste o casario de Maldonado, que preocupações ineptas de todo genero haviam sacrificado ao nascer. A oeste, um montão de ruínas testemunhava que havia existido a Colonia do Sacramento. Em direcção ao norte, desde Daymán até ás Missões, apenas o forte do Salto interrompia a solidão em todo esse espaço em 1801 arrebatado pelos Portuguezes. No resto do Paiz só se conhecia uma ou outra fortificação militar erecta por precaução contra os inimigos. A população da Provincia, de accôrdo com os dados aproximativos de Azara e de Funes, não passava de uns 40.000 habitantes, dos quaes 15.000 e poucos residiam em Montevideo.

Mas, sob a cortina de toda aquella agitação de animos, ante as varias metamorphoses de governos e, notadamente, tomando-se em consideração as rivalidades entre Argentinos e Orientaes, deve-se vislumbrar um factor de grande importancia e que, encobertamente, actuava com a maior actividade sobre taes successos: — era a aspiração que se apoderava do espirito da princeza D. Carlota Joaquina. Na sua qualidade de filha mais velha do Rei D. Carlos IV, que, com quasi toda a familia hespanhola de Bourbon, se achava prisioneiro da França, aproveitando-se da situação politica da península sob a acção napoleonica e das desintelligencias em que se revolviam as colonias de Hespanha, aspirava aquella princeza, com todas as suas energias, a sentar-se num throno que se erigisse em Buenos-Aires. Apoderara-se de seu futil espirito que, assim, empunharia um sceptro que seria proprio, independente do de seu infeliz marido, a quem abandonaria para cingir uma corôa num governo em que ella fôsse a figura maxima, — o que não podia succeder no do Rio de Janeiro.

D. João VI, obediente á politica que seu gabinete vinha tramando desde Lisbôa, em beneficio de sua propria corôa e desejoso da sua tranquillidade domestica, demonstrava coadjuvar as pretensões da endiabrada princeza, a quem nenhum laço de affecto conjugal o unia. Fêl-o, porém, discretamente, como o exigia o caso.

E' factó, ainda, que houve neste lance historico o episodio chamado das *intrigas platinas*, de que trataremos no capitulo seguinte e cuja alma foi o Conde de Linhares, animado de grandes planos politicos.

Era o momento azado de agir, pois estavam sobremaneira anarchisados os governos platinos, naquella época de transições.

Dava-se o levantamento popular que estalou em Buenos-Aires em primeiro de janeiro de 1809. O Vice-Rei Liniers, depois

de vacillar publicamente (1) com a proclamação de 15 de agosto de 1808, sobre o reconhecimento do novo monarcha hespanhol, acabara por ser obrigado a jurar obediencia ao mesmo Fernando VII, — em quem o pae — Carlos IV, como vimos, abdicou em Aranjuez a corôa. Tornou-se, portanto, o dito Liniers submisso á Junta de Sevilha. Ao mesmo tempo, o Cabildo portenho e as principaes autoridades aconselhavam o dito Vice-Rei a renunciar o cargo para evitar derrame de sangue nas ruas de Buenos-Aires. (2) Concomitantemente, Elio — governador de Montevideo — firmava-se em sua politica realista e aquelle mesmo Liniers, hostilizado pelo dito Elio, deportava para a Patagonia os principaes conjurados contra a sua autoridade de Vice-Rei.

D. João VI, conseguintemente, não podia perder essa optima oportunidade e procurara elementos de acção, alliciando varios adeptos e emissarios em pról da causa que esposara com tanto agrado da Princeza sua mulher.

D. Manuel Goyenneche, a quem já tivemos oportunidade de nos referir, trahira em Hespanha José Napoleão, passando-se para o serviço da Junta de Sevilha, a mandado da qual vinha para o Prata. (3) Como estava de passagem pelo Rio de Janeiro, foi dos primeiros chamados para adherir á causa das pretensões da Princeza, incumbindo-se de fazer não só em Montevideo e Buenos-Aires a desejada propaganda, mas tambem de assoalhal-a pelo interior até o Chile e o Perú, para onde levava a missão de que o investira a alludida Junta.

O Pincipe Regente entendera-se tambem, desde logo, com o Cel. Santiago Burke, que servia sob as ordens do vice-almirante inglez — Sidney Smith, chefe da esquadra britannica que se achava fundeada no Rio de Janeiro.

Muitos outros eram os proselytos angariados quer pelo Principe, quer pela Princeza, quer directamente ou indirectamente, quer em entendimentos pessoaes, quer por meio de numerosas cartas. Dessa interessante correspondencia encontram-se innumeras cartas dadas á publicidade por um dos proprios confidentes de D. Carlota Joaquina — José Prezas. (4) Corespondia-se a Princeza com o proprio Vice-Rei Liniers, dirigindo-lhe cartas conjunctamente com o Dr. Saturnino Rodrigues Peña, argentino de

(1) Funez — *“Ensayo de la Historia Civil del Paraguay, Buenos-Ayres y Tucuman”*.

(2) Parish — *“Buenos-Ayres and River de la Plata”*.

(3) Mitre — *“Historia del General D. Manuel Belgrano”*, cit.

(4) V. *“Memorias secretas da princeza D. Carlota Joaquina de Bourbon”* — Bordéus, 1828.

accentuadas idéas monarchicas. Identica correspondencia era travada com D. Gregorio Funez, illustre historiador, a quem tantas vezes nos temos referido, deão da cathedral de Córdoba, e, bem assim, com D. Juan Almagro — assessor do vice-reinato, como tambem com o Marquez de Sobremonite e muitas outras personalidades de influencia em Buenos-Aires e no interior das Provincias. Pela correspondencia constante entre a Princeza e Prezas — seu secretario particular — vê-se como as suas diligencias eram prestas, e, por curiosidade, passamos a extractar, por exemplo, as seguintes linhas:

“Prezas, remito los papeles y las cartas: las de las juntas no le puzo el titulo, porque yo tuve mi duda: cuando tu vengas, traseme la carta del virey, y para Florida Blanca; en la del virey ponle que el portador de la carta es el coronel D. Santiago Burke, que es de mi confianza, y que el mismo le dirá la comision de que a cargado. Bien sabes que es preciso contentar á todos, y por faltar dós palabras no descompongamos todo. 8 de Noviembre á las ocho y tres cuartos.”

“Prezas, remito la carta de Liñiers: y yá estan hechas todas las que han de ir para Buenos-Aires y Montevideo.”

“Prezas, las cartas las quiero todas mañana para despachar á Cortés y á Cerdan despues de mañana, así como las dos cartas para ellos y tambien la de Abascal para que ellos la lleven. La de Goyenneche que vaya bien tocadita y al mismo tiempo agradecida para el buen éxito de nuestro negocio; y las de ellos que sean honrosas y obligantes e prometiéndoles que yo sempre he de mirarlos como que fueron los primeros Españoles que vinieron aqui y como ellos merecen, etc., y mandame los nombres porque yo no los sé, y su puesto, si son capitanes ó tenientes, para ponerles al sobrecrito.”

Por ahi se vê, tambem, o lugar commum que occupava a instrucção da Princeza. Entretanto, o Dr. Rodriguez Peña, em sua céga propaganda, não se pejava de fazer a mais rasgada apologia, não só ás qualidades elevadas e aos sentimentos heroicos daquella Princeza, como ainda fazia elogios á sua illustração... E' isso o que se vê dos seguintes paragraphos de uma das suas cartas, datada de 4 de outubro de 1808:

“La señora doña Carlota, princesa de Portugal y del Brasil, e infanta de España, tiene una educación ilustrada y los sentimientos mas heróicos. Esta mujer singular y tanto que la créo única en su clase, me parece dispuesta á sacrificarlo todo por alcanzar la noble satisfacción de servir de instrumento á la felicidad de sus

semejantes. Es imposible oír hablar á esta princesa sin amarla: no posée una sola idéa que no sea generosa, y jamás dió lugar á las que infunden en estas personas la adulación y el despotismo. Parece prodigiosa la venida de tan digna princesa, su educación, intenciones, y demás extraordinarias circunstancias que la adornan, en cuya virtud non dudo ni Vds. deben dudar que esta sea la heroína que necessitamos y la que seguramente nos conducirá al más alto grado de felicidad. Pero para conseguirlo es absolutamente necesario que Vds., apartando toda preocupación, se dedignen á meditar con reflexión sobre sus deberes, intereses generales, y urgentissimas circunstancias del dia, y despues suplicar á S. A. R. la princesa se digne ampararlos y protegerlos, para cuyo fin le hacen la siguiente proposición que me atrevo á garantir:

“Los Americanos, en la forma más solenne porque ahora les es posible, se dirigen á S. A. R. la señora doña Carlota Joaquina, Princesa de Portugal y infanta de España, y la suplican les dispense la mayor gracia y prueba de su generosidad dignándose trasladarse al Rio de la Plata, donde la aclamarán por su regente en los términos que sean compatibles con la dignidad de una y la libertad de los otros. Convocando cortes seria muy conveniente para este caso acordar las condiciones y circunstancias que tengan ó pueden tener relación con la independencia de la patria, y con la dinastia que se establezca en la heredera de la immortal reina doña Isabel, quien ciertamente tuvo la mayor parte en la conquista de las Américas, etc.

“Son muy manifiestas por si mismas las causas que pueden haberme obligado á abrazar este partido, y así solo diré: que mis honrosas intenciones nunca fueron otras que la de sacrificarme al bien de la patria, aprovechando la oportunidad de sacudir, sin los horrores de una sublevación ó tumulto, una dominación corrompida por el abuso de unos ministros codiciosos y bárbaros, y que sin estos motivos jamás puede debidamente influir en la felicidad de sus vasallos un rey que se halla á la distancia que el de España de nosotros, etc.”

Se é verdade que a propaganda imperialista não encontrava echo nos confins do Chile e Perú, não é, porém, menos exacto que em Buenos-Aires a idéa medrava num terreno de verdadeiras sympathias, maximé no espirito dos homens de maior destaque na vida publica. Estavam todos convencidos de que a salvação do Rio da Prata consummar-se-ia proclamando-se uma nova dymnastia na pessoa de D. Carlota Joaquina, pois estavam todos promptos a acclamal-a soberana, desde que ella fósse para Buenos-Aires e consentisse em acceitar instituições livres para a nova monarchia.

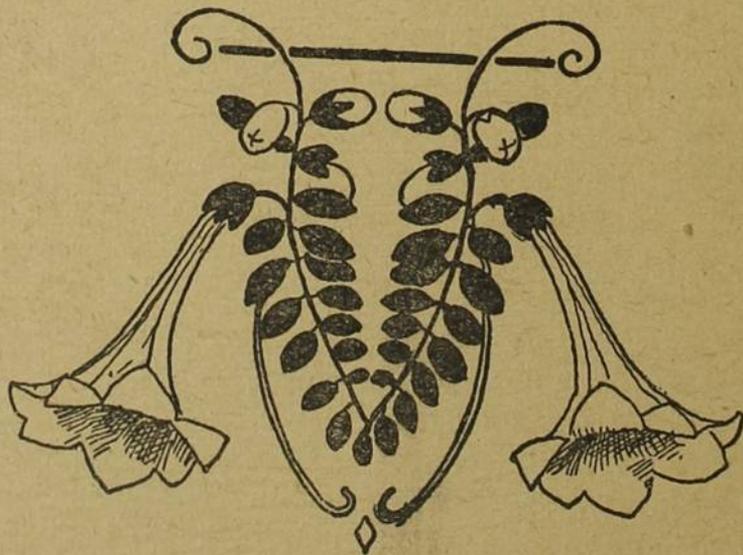
Effectivamente, existia na alma popular o sentimento de rebellião contra semelhante idéa, mas, não obstante, ainda o repeti-

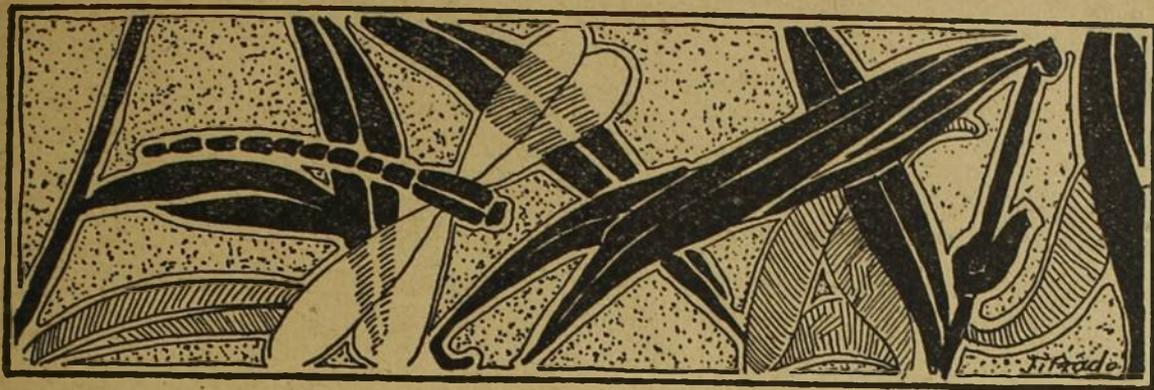
mos, era factó incontestavel que os homens de mais valor se rendiam cordealmente áquellas convicções. Tambem é certo que a alguns desses faltara a hombridade para se declararem positivamente. E, assim, por exemplo, o ex-Vice-Rei Liniers, publicando que jámais pactuara com as pretensões de D. Carlota Joaquina, talvez faltasse á verdade, segundo testemunhos fidedignos e o parecer de eminentes historiadores. (1)

Chegou-se em Buenos-Aires a organizar uma sociedade secreta com o intuito de patrocinar as pretensões da Princeza, constituindo-se sua direcção de sete membros entre os mais conspicios elementos da politica platense. Eram elles: D. Manuel Belgrano, D. Nicoláu Rodrigues Peña, D. Agostinho Donao, D. Juan José Pasos, D. Manuel Alberti, D. Hipolito Vieytes e D. Juan José Castelli.

Entretanto, em todo esse terreno propicio e promissor ás idéas monarchicas, não medrou, como era de esperar, tal desideratum, pois a elle se oppunham os entraves da soberania do povo. Comtudo, a sementeira lançada não deixaria de produzir frutos que, cerca de um decennio mais tarde, ainda viriam convulsionar os horizontes politicos sul-americanos.

(1) Calvo, Belgrano e Mitre.





NOTAS BIOGRAPHICAS DE GEOLOGOS (*)

POR J. C. BRANNER

XII

PETER WILHELM LUND

NASCEU aos 14 dias do mez de Junho de 1801 em Copenhagen, Dinamarca e falleceu aos 25 de Maio de 1880 em Lagoa Santa, na então Provincia de Minas Geraes. Era filho de Henrique Lund, opulento negociante de Copenhagen, que falleceu em 1820 deixando uma fortuna consideravel.

Peter Lund graduou-se na Universidade de Copenhagen em 1818, principiando logo após o estudo de Medicina.

Fascinado pelo estudo de historia natural, abandonou a medicina, dedicando-se inteiramente a estudar botanica, zoologia e physiologia. Homem de constituição fraca, decidiu residir nos tropicos, quando ainda occupado com seus estudos, afim de evitar a doença fatal que já havia victimado seus dois irmãos. Deixando a Dinamarca aos 28 de Setembro de 1825, estabeleceu-se na cidade do Rio de Janeiro.

Não obstante haver-lhe deixado seu pae bens de fortuna, a



(*) V. numeros de Agosto e Outubro.

Sociedade Scientifica de Copenhagen obsequiou-o com instrumentos necessarios para fazer observações meteorologicas, além de uma pequena somma annual para cobrir as despesas feitas com as collecções que porventura enviassè ao Museu de historia natural.

Lund chegou ao Rio aos 8 de Dezembro de 1825, iniciando immediatamente o seu trabalho de colleccionar plantas e insectos.

Residiu em Nictheroy até Julho do anno seguinte, mudando-se para Nova Friburgo, indo, passados 4 mezes, para a fazenda do Rosario, onde permaneceu por um anno e meio, estudando e colleccionando animaes e plantas.

Em Janeiro de 1829, regressou á Europa, onde visitou as collecções zoologicas mais afamadas, sobretudo as oriundas do Brasil. Com esse fim, visitou o sul da Sicilia, onde se entregou a estudos botanicos.

Depois de haver percorrido varias cidades da Italia, foi a Paris, onde se encontrou com Decandoble, Milne-Edwards, Cuvier e Humboldt.

Aos 12 de Novembro de 1832, deixou Hamburgo, chegando ao Rio de Janeiro aos 19 de Janeiro do anno seguinte. Logo depois fez conhecimento com o dr. Riedel, companheiro e collega de Landsdorff, combinando ambos uma excursão ao interior do Brasil. Partiram a 12 de Outubro de 1833, passando por Taubaté, S. Paulo, Campinas, Araraquara e Villa Franca chegando a Curvello, em Minas, aos 10 de Outubro, depois de atravessarem o Rio S. Francisco. Foi ahi, na fazenda "Porteirinha" que Lund pela primeira vez visitou as cavernas calcareas de Minas Geraes, a cuja exploração mais tarde devotou a sua vida.

Continuando a excursão, chegaram a Ouro Preto, via Lagoa Santa e Sabará. Dessa cidade, Riedel regressou para o Rio.

Lund voltou ás cavernas da vizinhança de Curvello, interessando-se especialmente pela Lapa Velha e Lapa Nova de Maquiné, escrevendo sobre esta o seu primeiro relatorio. Em Curvello, empregou os serviços do norueguez P. A. Brandt, para preparar as illustrações de sua obra. Brandt esteve em sua companhia até o fim de sua vida, já como desenhista, já como auxiliar na exploração das cavernas e seus fosseis.

Em Agosto de 1835, Lund completou seu relatorio sobre a caverna de Maquiné enviando-o para Copenhagen. Isso feito, sahiu em busca de novas cavernas nas immediações do Rio das Velhas. Tendo visitado dezenove differentes localidades, chegou finalmente a Lagôa Santa, aos 7 de Outubro, ahi passando o inverno.

Suas excursões subsequentes foram feitas dessa base de operações, onde, ao chegar em 1835, alugou uma pequena casa, que occupou até os seus ultimos dias.

Em Junho de 1836, enviou o seu segundo relatorio sobre as cavernas calcareas brasileiras á Sociedade Scientifica de Copenhagen.

Um anno depois, deu inicio á publicação de artigos sobre historia natural, que continuou até 1844. Esses artigos referiam-se especialmente aos animaes prehistoricos da região, porém, com o intuito de estabelecer comparações, diziam muita cousa sobre a fauna então existente no Brasil.

Em 1842, o seu trabalho foi mais ou menos interrompido pela revolução que estourou em Minas e em S. Paulo.

Nos annos seguintes, porém, recomeçou-o com maior actividade.

Em 1847, recebeu a visita do dr. Reinhard.

Em 1853, preparava-se para ir á Europa, o que não conseguiu por haver apparecido a febre amarella no Rio de Janeiro.

Em 1862 morreu o seu assistente Brandt, convidando Lund para seu secretario o dr. Eugen Warming, eminente botanico hollandez que exerceu essa funcção de 1863 a 1866.

Os seus ultimos annos, viveu-os Lund socegradamente, na tranquillidade caracteristica do interior brasileiro, vindo a fallecer aos 25 de Maio de 1880 em sua casinha de Lagôa Santa, onde foi inhumado.

A sua obra sobre os fosseis encontrados nas cavernas de Minas constitue um dos mais importantes trabalhos biologicos e geologicos até aqui feitos na America do Sul. Além das muitas e valiosas publicações, deve-lhe o mundo scientifico admiração pelas collecções enviadas aos Museus da Europa, que serviram de estudo para Lutken, Reinhardt, Hansen e Winge.

Os pormenores da vida de Lund podem ser encontrados na biographia que sobre elle publicou no Rio o dr. T. H. Langgard em 1833.

Ha um topico interessante sobre a casa e as reliquias de Lund num artigo do Barão Homem de Mello, publicado na "Revista Industrial de Minas Geraes" (vol. V, pagina 12, Ouro Preto, 20 de Junho de 1897.)

Diz esse escriptor: "Sua bibliotheca dispersou-se toda não se encontrando aqui um só volume della. No horto botanico tão cuidadosamente mantido por aquelle sabio, conservam-se ainda algumas das plantas por elle cultivadas."

XIII

RICHARD RATHBUN



NASCEU a 25 de Janeiro de 1852 na cidade de Buffalo, Nova York, e ingressou na Universidade de Cornell em 1871, escola que abandonou em 1874, sem haver terminado os seus estudos.

Quando ainda estudante fez o seu primeiro trabalho sobre a geologia brasileira, descrevendo a fauna Brachiopoda Devonica de Erere, trabalho esse publicado em 1874.

Em 1875, publicou tambem um relatório sobre os Lamellibranchios de Pernambuco. Nesse mesmo anno, veio ao Brasil como assistente da Comissão Geologica do Imperio, chefiada pelo professor Hartt, aqui permanecendo até o anno de 1877, época em que os trabalhos dessa commissão foram extinctos.

A maior parte de seus trabalhos, no Brasil, foi feita ao longo da costa, entre Rio de Janeiro e Bahia, e especialmente sobre coraes e recifes de coraes dos Abrolhos e da ilha de Itaparica, no Estado da Bahia.

Voltando em 1878 para os Estados Unidos, foi nomeado assistente da cadeira de zoologia da Universidade de Yale, e em 1879 foi feito assistente scientifico da Commissão de pesca desse paiz.

Em 1894 foi-lhe conferido o gráo honorifico de Dr. em ciencias pelo Bowdoin College.

Desde 1897 Mr. Rathbun foi secretario assistente da Smithsonian Institution de Washington D. C. e teve a direcção do Museu Nacional dos Estados Unidos, que é um dos mais importantes cargos scientificos do paiz, posição essa que exerceu até o fim de sua vida.

Rathbun falleceu em Washington a 16 de Julho de 1918.

L. BRIZZOLARA



Monumento a Carlos Gomes

L. BRIZZOLARA

ATA 1000 1911



Monumento a Carlos Gomes — *O Genio*



NOTAS SCIENTIFICAS

ARTHUR NEIVA

*O chá e o café. — O instinto alimentar.
— O chá e a impassibilidade do chim. — Met-
chnikoff e o café. — O uso do café e o pro-
gresso no Brasil. — O alcool.*

E' de Liebig o seguinte conceito a respeito do uso do chá e do café:

“Será sempre um mysterio o porque e o como chegou-se a fazer uso da infusão de certas folhas ou do decocto de bagas torrefeitas. Entretanto, é forçoso admittir-se um motivo para explicar o ter-se tornado necessidade vital em todas as nações”.

Entre a retorta do chimico e o mysterio de que é feita a vida, existe um abysmo insondavel. Póde-se num instante passar-se de um extremo a outro, isto é, da vida á morte e transpor-se de um salto o nada que os separa. O caminho, porém, que vai do berço á sepultura, dure o instante de um vagido ou se prolongue por 100 annos, não deixa maior sulco que uma pedra lançada n'agua.

A sciencia o que busca em vão, hoje e sempre, é desvendar o segredo da vida, comprehendel-a, explical-a; nada mais. Sob o nome de tropismo, chimiotaxia, avides, instinto e todos os rotulos que inventa para definir o que não sabe, existe a propria essencia de tudo quanto cresce e se reproduz, e que, obedecendo ás leis eternas e invariaveis, dá ao vivente essa orientação para buscar, onde estiver, o elemento vital que lhe permitta crescer e multiplicar-se.

Aquella definição do genial allemão encerra uma grande verdade: o homem sabe procurar o que lhe convem; a natureza suscita uma fome especial que lhe permitta encontrar o equilibrio. Ao esquimó deu a fome da gordura, aos germanos a cerveja, e a uva a quasi todos os povos da antiguidade: o vinho que embriagou Nóe, foi santificado por Christo nas bodas de Caná.

Funk, ao criar o vocabulo "vitamina" para o principio encontrado em varios alimentos e que hoje já está comprovado serem diversos e cuja ausencia provoca no homem e nos animaes molestias denominadas de carencia, como o beriberi, escorbuto e outras, apenas indicou por um nome uma extensão como um Sahara a explorar-se; existe, mas não se sabe o que é, e a sciencia procura estudal-a, conhecel-a, preparal-a e de tudo só se sabe que existe, que o homem della se aproveita.

Foi ao ler Afranio Peixoto, na recente e valiosa edição em 2 volumes de sua "Hygiene", que sorri com a opinião de Lauder Brunton, que accusa o tomador de chá de "nervoso, sensível, emocionavel, timido e deficiente da vontade", tudo isso em consequencia da cafeina que contem a bebida de que faz uso. E não sei por que incomprehensível associação de ideas, evoquei aquella macabra e espantosa photographia vinda a lume, ha alguns annos, na "*Illustration*", por occasião da execução de numerosos chinezes e a narrativa do official francez encarregado de verificar a applicação da sentença, attonito diante da impavidez e serenidade daquelles amarellos que iam assistindo, impassiveis, á decapitação dos seus companheiros de supplicio; e tão senhores dos seus nervos se encontravam aquelles homens, que um delles, um dos ultimos, pouco antes de perder a cabeça, chamou a attenção do official francez para um escorpião que estava a subir-lhe pelas calças, o que causou ao occidental muito maior excitação que a presença da morte proxima a aquelle inveterado tomador de chá.

Em 1916, extinguiu-se uma das grandes intelligencias do seculo, Elias Metchnikoff. O vice-director do Instituto Pasteur era zoologo, isto é, pertencia a casta de gente de insaciavel curiosidade e que na pesquisa da vida tem contribuido com grandezas taes como Darwin, Haeckel, Grassi, Schaudinn. Era um colosso de saber o cientista russo. Sobre elle, proferiu Roux, successor de Pasteur, no seu septuagesimo anniversario, entre outras palavras as seguintes: "Votre érudition est si vaste e si certaine, qu'elle sert a toute la maison." Pois um dos problemas que attrahiram a attenção do grande sabio a quem a humanidade tanto deve, foi a origem de velhice. Ha dois livros de Metchnikoff ou sobre elle, que o leitor leria com prazer. Um, que se intitula "Vie

d'Elie Metchnikoff", foi escripto por sua mulher e dado á publicidade em 1920; é dos mais empolgantes livros que conheço. A vida de Metchnikoff foi um romance, e sua obra scientifica tinha a harmonia das linhas d'um templo gothico, a escalar os ceus nas manhãs brumosas. O outro foi ainda por elle escripto. Teve duas edições, uma datando de 1907 e a segunda, corrigida e augmentada, vinda a lume em 1914, tem por titulo "Essais optimistes."

Nesses ensaios Metchnikoff estuda pormenorizadamente a longevidade na serie animal, pondo em dia pesquisas proprias e alheias e observações de todos, a respeito do problema da longevidade na serie zoologica, um dos que mais o absorveram na sua longa carreira scientifica.

De tudo verificou que não ha base para se accusar o café, havendo casos verdadeiramente espantosos em que a bebida, mesmo tomada em excesso, permittiu longa vida aos apreciadores. A proposito, cita a conhecida resposta de Voltaire a alguém que lhe advertia, ao vel-o tomar café, ser este um grande veneno: "Voilà bientôt 80 ans que je continue a m'empoisonner". Resposta analoga eu já vi attribuida a Fontenelle, o que mostra que mais de um intellectual viveu longamente, máo grado o veneno.

O mais curioso, porém, é o caso referido por Metchnikoff, a respeito de uma mulher de nome Elisabeth Durieux, que viveu mais de 114 annos, usando e abusando do café. "Sa principale nourriture était du café, dont elle prenait jusqu'a 40 petites tasses par jour." A cafeteira estava sempre ao fogo; o toxico permittia á macrobia certa actividade physica e completa lucidez intellectual até o fim de tão longa vida. O grande Balzac declarou nos ultimos momentos aos amigos: "morro devorado por 3 mil noites de insomnia e 40 mil chicaras de café"; finou-se aos 51 annos e foi dos maiores e mais productivos escriptores da França.

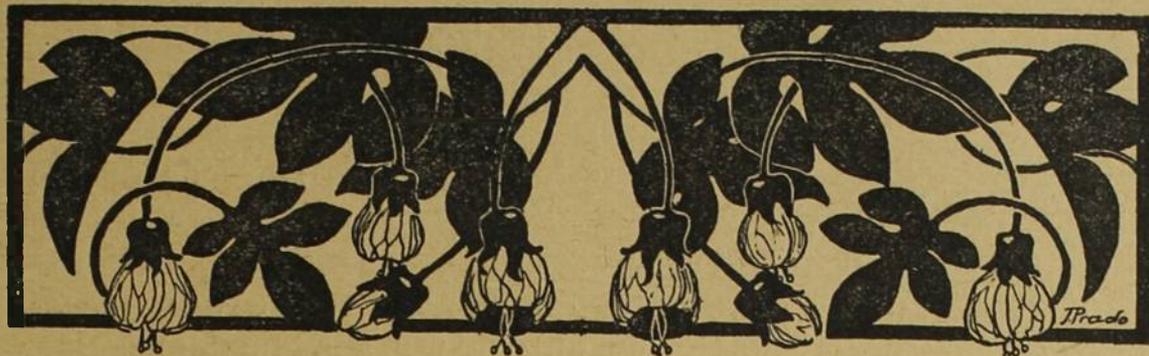
Ha evidentemente quem deseje separar o café e o chá como causando maleficios differentes. Foi assim que o chá prevaleceu na Inglaterra. Contra esse abuso é que o Brasil tem de se precaver. O chá é tão nocivo ou tão benefico quanto o café. Ha um principio commum nas duas bebidas — cafeina; não ha sahida possivel. A moda, o snobismo, a organização commercial foi que estabeleceram as maiores differenças, acabando por educar o paladar e acostumando o consumidor a essa ou áquella bebida.

Não sei mais onde li, alguém, ao fazer o calculo do consumo interno do café, assignalou o muito que se bebe pelo norte. Segundo observação pessoal, ha grande equivoco em tal affirmacão; o nortista consome muito menos café que o sulista. Em 1916,

em trabalho meu publicado em Manguinhos, sob o titulo de "Viagem scientifica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piahy e de norte a sul de Goyaz", occupei-me da alimentação das populações que habitam tão grande area. O café é tomado por aquelles sertanejos, ás 6 horas da manhã e por occasião da ceia, ás 7 horas da noite. No sul de Goyaz, para quem vem do norte deste Estado, começa a surgir o habito de se offerecer café ao visitante. E' a influencia mineira e paulista que já se faz sentir e não deixa de ser extranho observar-se que a parte mais adiantada do paiz é a que actualmente se desdobra de Minas ao Rio Grande do Sul, isto é, justamente aquella onde "é maior o consumo de cafeina, seja sorvida aos goles em chcaras de café, seja ingerida á bomba com o chimarrão.

Quando vejo o furor religioso dos protestantes norte-americanos contra o alcool e me recordo que toda a humanidade teve de inventar um processo de fermentação alcoolica para seu uso, fico a cogitar se a suppressão total do alcool em nome da razão, como dizem os yankees, não virá justificar Vauvenargues quando proclama: "La raison nous trompe plus souvent que la nature."





INQUERITO LITERARIO SUL-AMERICANO

PROMOVIDO EM BUENOS AIRES POR

B. SANCHEZ-SÁEZ

B. Sanchez-Sáez, representante da "Revista do Brasil" na Republica Argentina, é um fino homem de letras que com muita elevação cultiva a critica. Ardente amigo do pensamento brasileiro, de ha muito que vem empenhado em tornar a nossa literatura conhecida nas republicas hispano-americanas, trabalhando, assim, para o ideal de approximação que o anima.

Norteadado por este objectivo, teve agora a idéa de abrir um inquerito entre os sul-americanos a respeito do que conhecem elles do Brasil mental.

E' um meio intelligente de esclarecer a questão e preparar o terreno para um intercambio literario de mais vulto que o existente.

A "Revista do Brasil" inicia hoje a publicação desse inquerito, abrindo-o com a communição inicial do seu illustre correspondente.

Coisa curiosa para um paiz joven ou velho em suas manifestações espirituas é saber em que grau apparece no pensamento dos homens de outras nações, distinctas em idioma e, si se quizer, mesmo em pensamento. E tem que o ser porque é da curiosidade humana saber o que os outros pensam de nós.

Ao iniciar o meu inquerito, como representante, em lingua

castelhana, da "Revista do Brasil", encontro um campo propicio na magna gentileza dos seus directores, que são antes de tudo o forte pensamento das ideias modernas, que o conjunto actual do Brasil contemporaneo patrocina.

Quando representante de outras publicações, mais ou menos analogas por sua orientação, eu quiz iniciar a mesma indagação, mas... nunca encontrei boa vontade nas direcções. Hoje é diferente. A aproximação entre alguns intellectuaes americanos permite o exito do inquerito que iniciaremos no proximo numero da "Revista do Brasil".

Serão feitas apenas tres perguntas:

1.^a) Que conheceis da literatura classica ou moderna — arte, sciencias ou letras — do Brasil?

Seguramente que as respostas serão em geral negativas, pois tenho certeza que tanto na Hespanha como nas republicas do mesmo idioma é quasi completamente desconhecido o Brasil intellectual.

2.^a) Que julgaes necessario para uma ampla intelligencia entre os dois idiomas?

A esta serão mais satisfatorias as respostas, pois dirão que o mais pratico é traduzirem-se obras de um e outro paiz. Isso, porém, não bastará e, provavelmente, outros opinarão pelo estabelecimento de cathedras universitarias para estudo das duas linguas e literaturas.

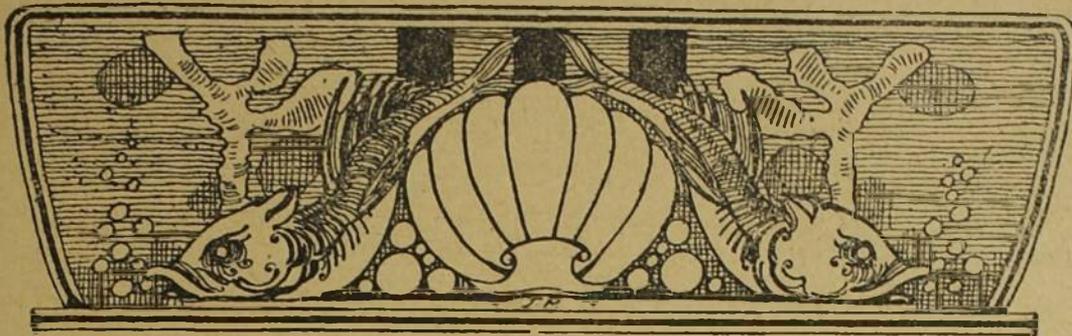
3.^a) De que forma podeis cooperar nessa cruzada intellectual?

E' a pergunta mais importante, pois sem a boa vontade dos auctores, de uma e outra nacionalidade, nada se fará.

Os auctores consultados serão apresentados ao leitor por uma nota bio-bibliographica.

B. Sánchez-Sáez.

Buenos Aires, Outubro, 922."



A LITERATURA NACIONAL NO ESTRANGEIRO

VIDA OCIOSA, por Godofredo Rangel

B. Sánchez Sáez, que em Buenos Aires representa a "Revista do Brasil", escreve para CRISOL, orgam dos empregados de banco da vizinha republica, a seguinte chronica sobre o victorioso auctor da "Vida Ociosa":

Francisco Bret Harte, o admiravel narrador da vida mineira da California, tem, não sei por que extranha "consonancia", certas parecenças com os esbocetos mineiros de Godofredo Rangel.

Hoje em dia, que a vida literaria está por completo em desuso, é quasi ridiculo relatar vidas mais ou menos exemplares, de homens consagrados a uma finalidade espiritual.

Lamentavel destino o do homem de letras deste seculo, que, de fracasso em fracasso, caminha para o mais terrivel da vida, os calafriantes appetites da carne!... Não acontecerá o mesmo que no 1848 francez?

Tanto confiamos, annos passados, num platonismo "esthetico", que no presente não nos resta outro recurso sinão recolhermo-nos em nosso foro intimo, para poder, silenciosamente, cuidar do pouco de consciencia que nos resta; da calamidade pornographica da literatura...

Os amores mais estranhos sondam as almas, e os temperamentos mais solidos caem ante a nudez excitante da carne.

Por isso é que são para nós, os que temos um poucocinho de pundonor, um grande consolo livros como o de Godofredo Rangel — "Vida Ociosa" — que nos lembra Bret Harte, e algo de Victor Domingos Silva, em seus contos rudes da vida chilena.

Quem é Godofredo Rangel? Por este livro que tenho em minha modesta mesa de trabalho, vejo que é um valor de grande merito nas letras contemporaneas. O Brasil, de um tempo a esta parte, se está manifestando de uma forma claramente interessante.

Entre os livros que meu estimado amigo Monteiro Lobato me remetteu no mez passado, ha obras dignas de nos interessar mais que por uma simples leitura, para voltar logo á simetria mais ou menos artistica da bibliotheca.

Eu aconselharia, quando nossos olhos tropeçam n'elle, que fosse o coração um criado docil, e o acompanhasse até mesmo á porta de outros corações.

Comprehendemos já a pequenez do campo dos amantes da verdade, e devemos, os poucos que nos encontramos com força, dizer claramente aos ventos a grande razão dos trabalhadores de espirito.

E' o caso de Godofredo Rangel.

Hilario Tacito, o satyrico "carioca", autor d'essa obra colossal que se chama "Madame Pommery", relata no prologo d'esta "Vida Ociosa" de Godofredo Rangel, como floresceu este homem de letras, e muitos que são hoje donos da situação nas letras brasileiras.

Os concorrentes ao Minarete, cenaculo onde se festejaram os sonhos de todos elles, foi berço desta "Vida Ociosa" do provinciano Rangel.

Esse Minarete tinha a qualidade encantadora de não torcer a convicção de seus congregados, nem permittir o predominio de nenhum auto-dialectismo sobre a consciencia dos criadores.

Uma especie de Bolchevismo esthetico, que em substancia mantinha o fogo de suas ideas, sem a contaminação de um segundo fanatico, e um terceiro em discordia. Todos irmãos em canção de pureza, mas cada qual com o sonho da sua cidade encantadora!

Por esse Minarete, o que tambem nos conta Hilario Tacito, no prologo de "Vida Ociosa", comprehendemos a fortaleza dos artistas, ou pensadores brasileiros, que, em que pese ás desigualdaes do tempo egolatra, têm a firmeza de character de saber ser sonhadores, com os olhos no ceu e os pés firmemente agarrados á terra, mãe superior de todos.

"Vida Ociosa", romance da vida mineira, é livro de uma grande fortaleza, como seus irmãos — "Urupês", de Lobato, "Madame Pommery", de Hilario Tacito, "O professor Jeremias", de Léo Vaz e "Paiz de Ouro e Esmeralda", de J. A. Nogueira.

Para os que conhecem como eu a vida mineira do Brasil, apresenta-se este livro como a realidade verissima das coisas.

Vida nomada, espiritos torturados por uma inquietude doentia, onde as almas se quebram de ancia interior.

O traço forte, energico d'este livro é de uma realidade quasi brutal, porque a vida desses seres requer que a mão do artista que os traça siga as suas contracções epidermicas.

Godofredo Rangel é um pintor exquisito, cuja palheta apresenta um colorido-plomo-azul" como a mão de Henri Beigle.

"Vida Ociosa" — disse-me um amigo, que pousou seus olhos antes que eu nas paginas deste livro, era um livro mystico, do mysticismo selvagem dessa gente da terra que sangra.

E creio que é assim. Ha um mysticismo interior, que não é a palinodia conhecida dos inadaptados; que é, ao contrario, a realidade de seus pensamentos, em consonancia com a terra, mãe dos proprios pensamentos dos seus homens.

Suas paixões são satisfeitas com o mysticismo sensato de suas religiões, e suas almas são puras de maus encontros, contaminações que não chegam a seus corações, porque permanecem em constante communhão com a terra.

Rangel é um mystico, um mystico dos homens de "tierra adentro", como pastor de leões e não de ovelhas

Eu queria que o contacto intellectual com esses paizes irmãos fosse mais amplo, e que livros de umas terras e de outras encontrassem campo propicio para que se tornassem mais populares.

L. BRIZZOLARA



Monumento a Carlos Gomes — *A Republica*

L. BRIZZOLARA



Monumento a Carlos Gomes — *Condor*

Emquanto uns e outros são desconhecidos, passam as épocas essenciaes para o estudo das obras, que para ellas foram escriptas, e a claridade não se apresenta, nem mesmo remotamente.

Queria, pois, que estas notas traçadas á ligeira, sobre o autor de "Vida Ociosa", Godofredo Rangel, fossem pensamentos que se gerassem no coração dos diligentes, para que, de uma vez por todas, tenhamos, os d'este paiz, e os do outro, por conseguinte, a certeza e a realização de que caminhamos concordes com o progresso.

"Los caranchos de la Florida" de Benito Lynch é o livro que julgo irmão em pujança de "Vida Ociosa" de Godofredo Rangel.

E tenho para mim que "Los caranchos de la Florida" é um dos melhores livros que tem a Argentina, em questões de fortaleza e realidade.

Seja, pois, um passo de confraternidade solida e clara a traducção ao nosso idioma de "Vida Ociosa" deste energico pintor da vida mineira do Brasil que se chama Godofredo Rangel.

B. Sánchez Sáez.

PAIZ DE OURO E ESMERALDA, por J. A. Nogueira.

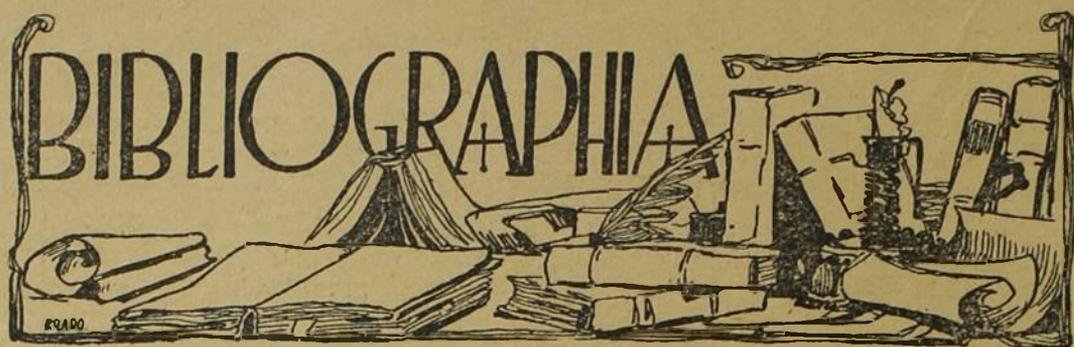
Na "Revue de l'Amérique Latine", de Paris escreve Dominique Braga:

O paiz de ouro e esmeralda, de que se trata, é sem duvida o Brasil. De resto, adverte o autor que não pretendeu fazer um romance, mas um ensaio. "O que se passa neste livro, escreve elle, são ideias, sonhos, conjecturas acerca do futuro da Patria." A forma narrativa, porém, contribue innegavelmente para o attractivo do volume, amenizando a these. O que o sr. Nogueira quiz mostrar foi a acção da terra brasileira sobre os jovens européus que lá vão tentar fortuna. Angelo Orsini, italiano de origem, torna-se brasileiro, ou antes, esposando Maria Luiza, terá filhos que serão bons brasileiros. "Como é bello o seu paiz!" — exclama elle, a sua mulher. "O nosso paiz, o paiz de nossos filhos..." — corrige após.

Em pequenos quadros, sobriamente desenhados, e que nos levam a diversos meios, até ao quarto d'um anarchista, o sr. Nogueira diz tudo, em seu ensaio, com tacto e finura.

Dominique BRAGA





Juan Pablo Echague — UN TEATRO EN FORMACION —
Buenos Aires — 1919.

Este livro foi para nós uma dupla revelação — revelou o theatro argentino de hoje e revelou um notabilissimo critico. Toda epoca de floração theatral determina o advento de um critico, especie de *leader* do movimento. Um, dissemos, porque si apparecem numerosos, é sempre um que detem o sceptro e exerce a contento geral a liderança. E' conhecida a acção despótica em França do velho Sarcey, critico de horizontes pouco dilatados, mas honestissimo, que fielmente interpretava os sentimentos do publico.

Não é, entretanto uma posição de facil conquista, nem de agradável estadia, porque, ou o critico o é, e desagrada aos auctores com as suas inevitaveis restrições, ou finge sel-o e em vez de critica faz *politica amavel*, incorrendo no mau conceito do publico.

J. P. Echague é um verdadeiro critico e por todas as razões merecedor da situação primacial que occupa.

Não vê na peça que analysa apenas a obra literaria, o que muito lhe facilitaria a tarefa. Vê-a em funcção do ambiente e do momento social argentinos, de modo que ler suas criticas é, alem de prazer esthetico, visionamento flagrante da vida do grande povo do sul.

Neste livro reúne analyses de setenta e tantas peças theatraes e consegue fazel-as ao geito de pequenos ensaios riquissimos da gamma inteira de qualidades que tal genero requer. Algumas das peças estudadas, cremos, tiveram como merito maior o originarem a meia duzia de paginas que Echague lhes consagrou. Abençoadas sejam por isso!

Suas directrizes mentaes, claras, fecundas, resurtem a cada momento, mostrando que Echague não é "critico de veneta" e sim de principios.

Leiam-no: "Não buscamos a plasticidade scenica na facilidade funambulesca de mover titeres; não a buscamos na acção bem tramada, porem falsa, e que funciona como machina de precisão; não a buscamos na incondicional rebusca de efeitos. Queremos que se traslade para a scena a vida como ella é, dentro do possivel na arte; que se não equipare o profundo analysmo de Shakespeare á subalterna destreza machinal de S'cribe; que se comprehenda a differença que vae entre anatomizar paixões e escamotear bonecos. Queremos o real no theatro. Não pode viver o theatro sem convencionalismos, sem ficções? Certo. Cada dia, porém, mais limitado fica o outróra vastissimo dominio da convenção. Os trajes, as decorações, a maneira de actuar moderna, demonstram-no.

Os processos de composição no theatro são a synthese e o movimento. O que num livro se diz em vinte paginas deve em scena suggerir-se com um gesto. Até onde possivel, a palavra será substituida por actos. E é nesta habilidade de factura que reside, a meu ver, o especialissimo talento do escriptor dramatico."

Foi longo o transcripto, mas vale para dar uma noção aos nossos leitores, não só das sadias idéas de Echague sobre o theatro como ainda do seu estylo, vivo e elegante de escriptor de raça.

Joaquim de Vedia — COMO LOS VI YO — Buenos Aires—1922.

A alta reportagem é bem uma arte, e a mais curiosa, a mais interessante de todas as artes modernas. É a historia em alvorada, a nascer; é a primeira revelação dos factos e dos homens que amanhã o historiador metterá como blocos na indefinida e ininterrupta construcção. Mas se a historia é crystallização, a reportagem é vida quente, febril, plasmica. Dahi seu encanto, quando a praticam jornalistas de talento. Joaquim de Vedia, pela singeleza do estylo, pela modestia, pela sinceridade, pertence a esta categoria. Vive com extrema intensidade as scenas e typos que reporta. Lel-o, neste livro, é ver, sentir, cheirar Julio Roca, Pellegrini, Clemenceau, Jaurés, Herrera y Obes e tantos mais, vultos de renome exorbitante das respectivas patrias. E abrir tal livro é lel-o: o assumpto empolga, o autor prende e o nosso espirito vae na corrente até á derradeira pagina. Aconselhamos sua leitura aos nossos jornalistas. Certificar-se-ão do precioso instrumento de documentação humana e historica que é a reportagem, quando fina, sincera, coloridamente impressionista qual a faz Joaquim de Vedia, um verdadeiro mestre do genero.

Menotti del Picchia — O HOMEM E A MORTE — M. L. & Cia. — S. Paulo — 1922.

Era um livro esperado. A posição do A. em S. Paulo, sua actividade na imprensa como jornalista-artista e sua obra anterior, copiosa e variada, igualmente valiosa na poesia, no romance, na novella curta e na chronica d'arte, despertaram no publico viva curiosidade pelo livro que o autor tinha como o seu livro maximo. Todavia, dada a acção de Menotti na campanha futurista e o ardor com que traz o estandarte da escola, tal livro era esperado como o "prefacio de Cromwell" da esthetica revolucionaria. Porque, até aqui, o futurismo se limitou a destruir e a... prometter. Exhibiu alguns panninhos de amostra, que não satisfizeram. Mas provinham de fabricas menores — era a desculpa. Os Crespis, os Mattarazzos não tinham ainda apresentado productos.

Surgem elles, afinal. Surgem com "Os Condemnados", de Oswald de Andrade e com este romance de Menotti.

Decepção profunda. Livros solidos, passadistas, sem nenhuma extravagancia, respeitadores da natureza e do homem como elles o são, respeitadores da psychologia media do leitor e da lingua. Apenas uma coisa os distingue: o talento com que são feitos e a forte personalidade dos autores, que revelam.

O livro de Menotti é um poema em prosa. A sua musa insoffrida lançou de si todas as peias do metro e da rima e, num delirio, creou de jacto uma perfeita joia de arrojo e belleza.

Que riqueza de imagens! Ha-as alli mais que em tomos e tomos somados da nossa velha obra poetica. E imagens soberbas, prejudicadas apenas pelo excesso do amontoado. Tirem-nas dalli, engastem-nas, uma por uma, em sonetos, de modo a realçal-as, e será um deslumbramento. Porque Menotti no fundo é poeta. Faz romance, conto, chronica porque tem o espirito extremamente ductil. Mas a sua caracteristica predominante é a do poeta. Que chamamos nós um poeta? A creatura que possui um mundo in-

terior e que consegue fazel-o entrever por meio de imagens tomadas ao mundo externo. Sem possuir o seu mundo interior de sonhos e belleza poderá fazer versos, lindos versos, poemas, sonetos, eclogas, odes, o que fôr, mas não será poeta.

Menotti o é. O seu mundo interior estua e irrompe em vulcões.

"O Homem e a Morte" é um poema eruptivo. A lava candente borbotota, derrama-se em fulgurações, irisa o ambiente mental do leitor com a vaporização magica.

Sente-se que é escripto de arranco, sob o phrenezi duma exaltação incoercivel. E' como um producto natural, emanação inconsciente de uma psychica.

A these, se ha these, é de um arrojo infinito. Depois da tragedia, o heroe adivinha que Kundry, o succubo de olhos verdes, era a Morte. Todos temos *nossa* Morte, que alimentamos dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, com pedaços de vida que saem de nós, no tempo, com emoções e attitudes que se irradiam de nós, no espaço. A' medida que os annos correm, ella cresce, se aperfeiçoa, cada vez mais bella e profunda". E por ahi alem.

Não tiremos ao leitor o gosto do imprevisto. Não procuremos fixar em logicismos claros, analyticos, o que é de essencia sonho e belleza. Leiam-no, os que se não contentam com o prosaism da vida e adoram os revôos pelos mundos interiores. Os outros, deixem-no em paz.

Lellis Vieira — FACTOS E FITAS — S. Paulo — 1922.

Escreptores ha cuja obra destoam do homem; outros, que formam com ella uma identidade.

A esta categoria pertence Lellis Vieira. Impossivel separar o homem da obra. Lel-o é vel-o; vel-o é lel-o. Tanto faz segurar o A. num café, para quinze minutos de prosa, como abrir seu livro e ler tres capitulos. A impressão é a mesma. É impressão de quem está na vida á vontade, como peixe n'agua, sempre alegre, comprehendendo tudo, perdoando tudo, extremamente generoso, amplo, desembaraçado .e.. sceptico. Que ductil philosophia, o scepticismo! Como se concilia bem até com os mais rijos credos religiosos!

Este livro de Lellis Vieira revela o jornalista que conhece o publico e a arte de ser lido. O genero é dos mais engenhosos, mixto de chronica e conto, com recheio de philosophia amavel, satyra leve, pitadas de ironia, estudo de caracteres, tudo dosado sob as sabias regras do *quantum satis*. O A. não perde de vista nunca o pittoresco e o effeito comico. Não faz estylo, não rebusca torneios preciosos.

Conta e brinca. Escreve como fala e põe-se ao alcance de todos. Lellis possui o dom da amabilidade. Amabilidade é a qualidade do que é amavel, do que é querido — do que sabe se fazer querido. Não ha na vida social feição mais attractiva, que mais aggreemie creaturas. D'ahi a quantidade prodigiosa de amigos que tem o homem, e de leitores que tem o escriptor. "O Lellis disse", "O Lellis escreveu." Lellis é o interprete fiel de um milhão de creaturas. Exprime-lhes os pensamentos mais intimos, traduz-lhe a media das opiniões, dá-lhes forma á vaga psychologia. Veterano do jornalismo, só agora lhe veiu a idéa de apparecer em livro. Deu o primeiro (do genero; já possuia outros de outra feição), dará uma serie e será em pouco um dos autores mais lidos no Brasil e de maior peso na opinião publica. A nossa gente deschorirá nelle o seu mais precioso interprete.

M. L.

Ribeiro Couto — O CRIME DO ESTUDANTE BAPTISTA — Ed. Monteiro Lobato & Cia. — S. Paulo — 1922.

A formação de Ribeiro Couto vem-se fazendo á luz da publicidade, sempre com raro interesse psychologico. Estreiou com "Jardim das Confidencias", livrinho promettedor, que foi, aliás, consagração. Do verso passou á prosa e tivemos os contos d'"A casa do gato cinzento". Tudo o que puzera de poesia naquelle, poz tambem neste. Houve até vantagem: a figura sentimental do poeta se definiu em toda a sua largueza, liberta das preocupações "penumbristas", como as chamaram, que a velavam, estragando-lhe o espontaneo lyrismo. A sentimentalidade, porém, raiou então pelo feminino. Era um desesperador extravasar de delicadezas de alma, a comprometter o dominio do artista sobre si mesmo. Eis que agora "O crime do estudante Baptista" repõe o escriptor em pés que são muito seus, ostentando elle a plena serenidade do seu poder creador.

Attinge, assim, á plenitude, da propria personalidade em sua linda marcha ascencional, senhor agora de equilibrada originalidade, que ha de ser fecunda e ha de ser extraordinaria. E' um escriptor. E' um artista. Colloca-se, decididamente, entre os melhores auctores de novellas que têm surgido na actual geração.

Da concepção como da composição não ha que se lhe diga. Não explora o exotico, nem o piégas, nem o erotico. E', com isso, realista no bom sentido e no optimo, e romantico ainda no melhor. A'parte o conto de abertura, em que o auctor sacrifica ao publico, apresentando-se-lhe com estardalhaço tragico, todas as peças do volume se caracterizam pela normalidade, isto é, pela realidade. De nenhuma se dirá que é impossivel, phantastica, inacreditavel.

Engenho é a sua qualidade primacial, engenho tanto maior quanto não recorre a artificios de estylo para supprir uma deficiencia que não existe. Ribeiro Couto não é um estylista. Escreve simplesmente, limpidamente, sem desleixo, mas sem o brilho das palavras procuradas e das ideias bem achadas, ricas de suggestões. E' a sua feição exterior a simplicidade da phrase. E' o seu feitio intimo a boa urdidura da novella.

"O primeiro amor de Antonio Maria", "A denuncia do sangue" e "D. Theodorinha" são as melhores paginas do livro.

Antonio Maria é um exemplar empregado de escriptorio. Em annos de serviço, nunca deu ponto, nem deixou de cumprir a menor de suas obrigações. Uma vez pede licença para faltar no dia seguinte. Foi espantoso. Logo mais, requer tres dias para tratar de negocios de familia. O escandalo subiu de ponto e toda a sua discreção não bastou para disfarçar o caso. no espirito dos collegas: era casamento, pela certa. Com quem? E' começam as indagações, as pesquisas, toda uma devassa na vida mysteriosa do rapaz. Subito, descobre-se tudo: — Antonio Maria casára-se com a Chiquinha Mineira, do 59 da rua Joaquim Silva. Cobre-o o ridiculo. O pobre moço, afinal, retira-se para Barbacena, a pretexto de acompanhar um sobrinho enfermo. Demora-se e reaparece de luto, cuja explicação, confuso, não consegue dar com sequencia logica á inverdade inicial. E, em segredo, confessa ao chefe: quem lhe morrera fôra a irmã, aquella rapariga que recolhera da rua e que tanto dera que falar, irmã e não amante, como pensaram.

Esse material, acima resumido, é trabalhado em cerca de vinte paginas admiráveis de analyse de uma situação e um carcter, nas quaes não falta um promenor, nem um traço.

"A denuncia do sangue" não é tão natural, mas é tão bem acabada como a precedente. Carlos Passos, formado em Medicina, clinica com o mestre, o dr. Soeiro, notabilidade em syphiligraphia. Aquelle tem o sangue puro e grande horror ao mal; tem-no este contaminado. Trabalhando juntos, o

discipulo é o melhor amigo do mestre, frequenta-lhe a casa e é tido como filho. A's tantas, o dr. Soeiro exige-lhe que se submetta ao seu exame de sangue. Segue-se nova exigencia, novo exame, outro e outro. Resultados negativos e o mestre a insistir. Era a mania: desconfiára que Carlos o trahia... Por fim, enlouquece e morre, antes qu chegue á prova e se vingue. — Esses episodios da sua vida, refere-os Carlos a um antigo companheiro de estudos, que, ouvindo-o, lhe pergunta da viuva e insinua a suspeita de que, com herdar a clinica do outro, herde tambem a ella. Carlos protesta o seu velho horror á syphilis, mas concorda, emfim, em que é já tempo de acabar com essa infantilidade.

O extranho do trama, que facilmente conduiziria ao extravagante e ao exotico, ou pelo menos ao horrivel, é atenuado e desvanecido mesmo pelo fino da concepção geral, de que não ha uma só pequena discrepancia. A toda prova está o bom gosto em tão escabroso terreno.

Vejamos, ainda, perfunctoriamente, "D. Theodorinha", em que reponta uma saliencia de "humour". Guedes resolveu tomar uma companheira de vida. Arranjou-a como lhe convinha, recatada e discreta. D. Theodorinha, divorciada, nunca alludia ao marido. A vida em commum trouxe a necessidade de relações. Ensaaiaram-se umas poucas. Entre ellas, Peregrino, amigo de infancia de Guedes. Recebem-lhe a visita: estava approvado. Mas não impressionára a mulher, com quem Guedes insiste em partilhar a admiração pelo outro: — "Almoçaremos com elle e a senhora, amanhã, no hotel." — "Estás doido! Esse é que é o meu marido, arre!"

Moacyr Piza — TRES CAMPANHAS — Off. do "Estado de S. Paulo" — S. Paulo — 1922.

Um dos mais bellos talentos de São Paulo é Moacyr Piza, typo curioso de retardatario, que parou, gerações atraz, na preocupação do bem publico e em sua expressão pratica, a politica. Está atrazado, positivamente atrazado uns cincoenta annos...

E' verdade que estamos em plena effervescencia nacionalista. Mas tanto não basta para que o auctor de "Tres campanhas" seja considerado em dia. Pelo contrario, a verificação do movimento regenerador, que o é apenas em esphera platonica, a mais abstrata possivel, só dá ainda maior contraste á figura deste campeão das liberdades publicas, quec om platonismo não se contenta.

E' um solitario no meio paulista, um perfeito incomprehendido. A indole realisadora do paulista, que nos levára no terreno das ideias á politica, bem como fóra dellas, á acção economica, a ponto que nos diriamos incapazes para pensamento e para letras, evoluiu de polo a polo, dando-nos bom quilate literario e sonegando-nos valor civico, baixado hoje a zero. Só restou Moacyr Piza, temperamento visceralmente literario que teima em ser politico, realisando no presente o milagre de uma revivescencia atávica. Está errado, tão errado que em suas mil campanhas — e não tres — não conseguiu uma só victoria...

O argumento sophistico é o da epoca. Este é, pois, respeitavel.

A nossa éra mental é a do livro e não da politica, do livro despreoccupado, puramente literario, alheio ao ambiente faccioso. A éra partidaria, á base da imprensa, passou ha muito. Conformemo-nos e esperemos que o livro, indifferente e alheio, complete o seu cyclo, realisando um dia o que a imprensa e a tribuna não puderam realizar.

E' isto platonismo? Restava saber si contra a insinceridade, a mentalidade subvertida e a avessa moralidade seria possivel outra attitude sinão a desse messianismo

“Tres campanhas” é um livro, livro de duzentas paginas. Inquina-o a tãra da politica. Dará o mesmo resultado das proprias campanhas: nenhum. Propendemos a crêr que, não fosse do genero, outra seria a sua efficacia... politica. A acção directa não vinga. Porque não vingará a indirecta, mediata, longinqua?...

Escriptor de tantas qualidades — estylo, mordacidade, vida e força — havia de fazer esplendida literatura, como nesta boa mostra. E teriamos, por maior dos paradoxos, não o politico que se faz auctor, mas o auctor que se faz politico, accidentalmente.

Dom Aquino Corrêa — TERRA NATAL — Off. Escola Typ. Salesiana — Nictheroy — 1922.

E' particularmente grato aos paulistas este livro, dedicado “A São Paulo, terra das bandeiras e da liberdade” e “A Matto Grosso, minha terra natal, a maior conquista de São Paulo”. Profissão de fé civica, affirmação de um sentimento que dia a dia se consolida entre as duas grandes unidades do conjunto nacional, os versos do illustre arcebispo de Cuyabá assumem a significação maior de um compromisso politico, no elevado sentido da palavra. Grande dignitario da Igreja em plena actividade de sua funcção social, ex-presidente do Estado e chefe politico, essa multipla individualidade se desdobra ainda em poeta, procurando no terreno effectivo o subsolo profundo em que deita as raizes de uma acção nacional que ha de ser das mais fructuosas — a cooperação economico-social de S. Paulo e Matto Grosso. E' bello e é sabio. A expansão paulista além-Paraná equivale á re-integração da rica terra mattogrossense, tanto tempo influenciada pela fronteira, na communitade brasileira para a qual a trouxe a mesma expansão em seu primitivo surto.

Os versos de D. Aquino são bons, cantantes e repassados de enthusiasmo.

Affonso d'E. Taunay — GRANDES VULTOS DA INDEPENDENCIA — Ed. Cia. Melhoramentos de S. Paulo—1922.

Entre as innumeradas publicações commemorativas da independencia, nenhuma tão luxuosa e tão acuradamente acabada appareceu ainda como o volume “Grandes vultos da Independencia brasileira”, do sr. dr. Affonso d'E. Taunay, bastante conhecido pelos seus estudos historicos.

A Cia. Melhoramentos de São Paulo, antiga Weiszflog Irmãos, poz na confecção material da obra o maximo cuidado, apresentando um primoroso trabalho, que faz honra á nossa industria graphica. Desde o bom gosto geral, da capa á ultima pagina, até a composição e a impressão, tudo é perfeito. Assim, o livro é principalmente um rico album, em que têm logar de destaque admiraveis trichromias.

As suas 230 paginas contém excellentes estudos biographicos de Lord Cochrane, Antonio Carlos, Rebouças, Cypriano, Feijó, Muniz Barreto, Valença, Barbacena, Paula Souza, Frei Sampaio, Hippolyto, Januario, Joanna Angelica, Queluz, Ledo, Pirajá, Curado, José Bonifacio, José Clemente, Magé, J. J. da Rocha, Lino Coutinho, Cayrú, D. Leopoldina, Souza Coutinho, Maria Quitéria, Maricá, Martim Francisco, Vergueiro, Pedro I e Labatut, com os respectivos retratos, devidos a reproducções dos professores Oscar Pereira da Silva e D. Failutti.

Pela magnifica edição está de parabens a casa Weiszflog.

Heli Menegale — AZUL — Ed. Casa Mayença — São Paulo — 1922.

As cem paginas, pouco mais ou menos, deste livrinho de versos valem uma promessa ou, mais que isso, uma primeira prova de talento, de que se pode esperar logo uma affirmação.

Veja-se o soneto 'Lago Azul':

A minha alma é tranquilla como um lago
De aguas azues e superficie mansa
Que, entre sombras e nevoas, sempre trago
Adormecido em placida bonança.

Não sentiu nunca o borbulhar mais vago:
E' o Mar-Morto do Amor e da Esperança,
Oceano da Tristeza, mar do Affago,
Que eternamente dentro em mim descança.

Sem jamais transformar o calmo nivel,
Reflecte o lago, immovel e impassivel,
A alegria do céu ou o céu tristonho.

Nada lhe turba, a placidez. Sómente,
Na superficie azul da agua dormente,
Emerge a flor-de-lotus do meu Sonho...

Si não é perfeito, pouco falta; tem por si o desenvolvimento geral do thema, a limpidez das ideias, o relevo das imagens. Logo a seguir, lê-se 'Esperança', que não é inferior áquelle:

Ai do intermino areal si não houvera
Oasis ensombrado e verdejante,
De frias aguas e aprazivel hera,
Para allivio do tropego viandante.

A existencia é um deserto. Primavera,
Oasis placido e reconfortante,
Ha nella a sombra que nos refrigera
E nos leva confiados para deante.

Amavel protectora, arvore amiga,
A Esperança nos cobre e nos abriga
Desde o nosso primeiro e aureo minuto

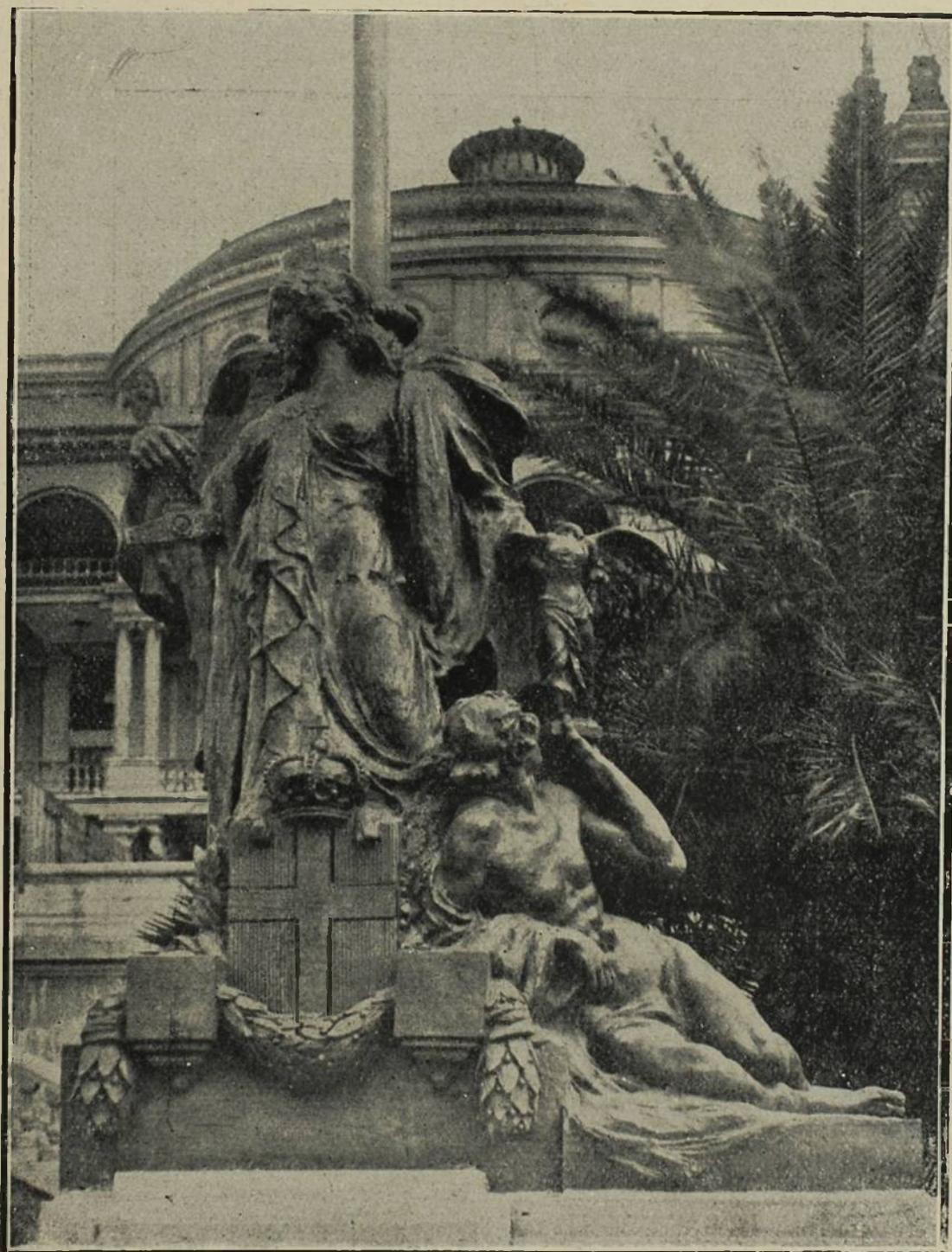
Até os momentos ultimos, extremos,
E abraçados a essa arvore morremos,
Mas sem podermos alcançar-lhe o fructo.

Mais do que uma alma de poeta, sente-se ahi o tactear de uma arte, ainda infirme, é verdade, mas que ás apalpadelas acerta, sempre com um ar de espontaneidade, de instinctiva intuição artistica.

*Oliveira Lima — O MOVIMENTO DA INDEPENDENCIA
1821-1822 — Ed. Comp. Melhoramentos de S. Paulo — 1922.*

Commemorando o centenario do Brasil independente, o illustre escriptor Oliveira Lima acaba de publicar, editado pela casa Weiszflog, o livro — "O

L. BRIZZOLARA



Monumento a Carlos Gomes — *A Italia*

L. BRIZZOLARA



Monumento a Carlos Gomes — Fosca

movimento da independencia", que vem a ser uma das obras mais notaveis que têm apparecido no assumpto.

O volume contem trezentas e setenta paginas e historia os factos desde o regresso de D. João VI a Portugal até a coroação de D. Pedro I. Merecem destaque os capitulos — "A sociedade brasileira", "O regimen das juntas provinciaes", "José Bonifacio no ministerio", "O trabalho das lojas maçonicas" e "A concepção da monarchia democratica".

Excusado é dizer da illustração e do alto criterio historico que distinguem esta obra, assim como todas as de Oliveira Lima.

Selda Potocka—A CAMINHO DA FELICIDADE—Ed. Monteiro Lobato & Cia. — S. Paulo — 1922.

"A caminho da felicidade", em que se sente a mão feminina que lhe traçou as paginas, é um romance doce de lêr e acompanhar em suas peripecias até final desfecho.

A historia, sempre cheia de interesse, se desenrola em torno de um thema simples: — a opposição entre a sociedade mundana e a vida do lar. O protagonista conhece todo o tumulto da grande capital, com os seus prazeres, as suas pompas e as suas grandes miserias, até que se volta para o passado e, reatando um amor ingenuo de creança, põe-se "A caminho da felicidade".

Salles Campos — A POESIA CEARENSE NO CENTENARIO — Typ. F. Carneiro — Fortaleza — 1922.

O centenario da Independencia trouxe oportunidade ás grandes revistas do seculo. Principalmente na esphera das letras, ellas não têm faltado. O Maranhão, terra de poetas, deu-nos a sua collectanea. Agora, o Ceará, que a dedica á memoria de José de Alencar.

As primeiras paginas são consagradas á poesia desse bello temperamento que é Antonio Salles. Seguem-se sonetos de Antonio Thomaz, Alf. Castro e outros, num total de duzentas e oitenta paginas.

Lyndolpho Xavier — GEOGRAPHIA COMMERCIAL — Ed. Jacinho Ribeiro dos Santos — Rio — 1922.

Em mais de quinhentas paginas, este volume encerra informações commerciaes e geographicas, referentes especialmente á America e ao Brasil, as quaes são de incontestavel valor pratico.

Versam os principaes capitulos sobre a riqueza vegetal, café, algodão, canna de assucar, cereas, borracha, cacau, etc; industria, viação ferrea, navegação, importação, finanças, etc.

Sylvio B. Pereira — TORTURADOS — Est. Graphico Canton & Beyer — Rio — 1922.

Contêm as cem paginas deste volume alguns ensaios de contos, que são uma boa promessa de melhores coisas. O auctor escreve correntemente e com grammatica. Revela desde os titulos — "O ebrio", "O forte", "O tarado", "O covarde" e outros — decidido pendor para a caracterisação psychologica.

Aloysio de Castro — PALAVRAS DE UM DIA E DE OUTRO — Ed. Monteiro Lobato & Cia. — S. Paulo — 1922.

Em volume de 130 paginas, excellentemente impressas, reúne o dr. Aloysio de Castro uma dezena de discursos, pronunciados em varias occasiões. O illustre medico e scientista é possuidor de um estylo mobil e vivaz, que nada perde, transposto da tribuna para o papel.

Entre essas orações figuram: discursos inauguraes do edificio da Faculdade de Medicina do Rio e do Instituto de Radiologia, discursos de encerramento do 2.º Congresso Americano da Creança, em Montevideo, conferencia sobre "O ensino clinico e sua organização", além de outros trabalhos.

Alcides Munhoz — COMEDIA PARANAENSE — Off. A. Guimarães & Filho — Curityba — 1922.

O sr. Alcides Munhoz é um escriptor fecundo. Aos seus romances, ensaios, estudos, já publicados, reúne agora o volume "Comedia Paranaense", de trezentas e tantas paginas, contendo as seguintes peças: — "O vigiado", "As meias de seda", "Castor e Pollux", "Flor do campo" e "Estrella Polar".

Angelo Venosa — CARAMURU' — Off. Gr. Monteiro Lobato & Cia. — São Paulo — 1922.

A epopéa e o drama são generos que não se acclimaram entre nós. Uma e outro pouco têm produzido, não passando aquella além do Santa Rita Durão e alguns mais, estando este perfeitamente em branco. Porque? Por mil causas que não cabe aqui estudar. O facto é que essa raridade se torna synonymo de difficuldade. A epopéa no Brasil é extremamente difficil, como o é, em igual proporção, o drama.

Ora, imaginem-se as difficuldades que não suscitaria a conjugação de ambos os generos em um só, o poema dramatico! E' tudo o que ha de mais apurado.

Pois, o sr. Angelo Venosa, que é daquelles espiritos que não se contentam com vencer, mas se deleitam em accumular obstaculos para delles triumphar, um a um, escolheu exactamente o poema dramatico. Escolheu-o e executou-o brilhantemente, chegando ao desejado triumpho.

"Caramurú" é uma obra original. Em vão procuraremos associar-lhe as bellezas e os defeitos á maravilhosa orchestração de Rostand, em qualquer dos seus poemas e qualquer das variantes do seu espirito. Debalde, igualmente, approximal-o-emos da arte sobria e forte, toda ella realidade shakespeareana e acção e vida — de Sem Benelli. Perigoso seria arriscar um parallelo.

Creemos, porém, que, entre os dois, tem Angelo Venosa mais deste que daquelle e em seu abono o dizemos. A verdade é que "Caramurú" não se confunde.

Outra coisa, aliás, não se podia esperar do thema indigena, á maneira do mais puro indianismo, em mãos de quem no proprio nome mostra a recente porém accentuada, "brasilidade". O auctor, certamente filho de paes estrangeiros, sente o drama da America como o não sentiria um filho da terra atravez de seculos de ascendencia brasilica a entroncar em velho cacique tupy.

Rocha Ferreira — SÓES — Typ. Arlindo R. Alves — São Paulo — 1922.

Depois dos "Sons" e dos "Céos", que tiveram os maiores elogios de Luiz Guimarães, D. Silverio e outros, apparecem os "Sóes", de Rocha Ferreira.

Egual successo. Abre o livro uma carta encomiastica de João Grave, que lhe gaba a sonoridade e lhe admira "a maravilhosa orquestração de sua poesia". Outros encomios receberá, decerto e com maior justiça o operoso poeta.

Barão de Studart — REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ' Typ. Minerva — Fortaleza — 1922.

A 'Revista Trimensal do Instituto do Ceará', dirigida por um grande obreiro da Historia como é o Barão de Studart, é a prova de quanto naquelle Estado se estuda a terra e o meio, com um carinho e devotamento inegua-laveis. Dedicada especialmente á Historia, essa publicação acolhe tambem trabalhos de outra natureza, referentes a interesses geraes da região. Assim é que no presente numero encontramos entre os seus capitulos o artigo intitulado — "Rearborisação do Ceará", pelo dr. Raymundo Ribeiro.

Desse trabalho transcrevemos o appello aos governos em favor da rearborisação:

"Para convencimento de que esta terá influencia benefica na meteorologia do nosso Estado, basta que ouçamos o testemunho dos nossos velhos, que conheceram o Ceará rico de mattas, e hoje o conhecem dellas indigente; e si não é sufficiente este *exemplo de casa*, encontraremos fóra o do Egypto, antes e depois de sua arborisação, ordenada por Mumet-Ali, a quem a sua patria deve a introducção do plantio do algodão com as primeiras sementes mandadas adquirir em Pernambuco, algodão que era considerado por aquelle grande estadista, vice-rei e pachá hereditario de seu paiz, o melhor do mundo.

Os proprietarios de terras não devem esperar que primeiramente venha a acção official: independentemente desta, directa ou indirecta, devem pôr mãos á obra, tanto porque assim as valorizarão, como porque de tal serviço resultará um beneficio geral que, afinal, synthetisarà favor a cada um dos membros da communhão social.

Innumeraveis trechos de terra cearense, particularmente as serras, se prestam á cultura do cedro, madeira preciosa, que se acha prestes a extinguir-se neste Estado, que já se tornou freguez dos Estados do Pará e Paraná na compra de madeiras de construcção e marcenaria.

Pois, bem, comece-se a rearborização do Ceará pelo seu plantio. O cedro tem crescimento rapido: em 10 annos dá taboa de 0m, 35. Não exige amanho, plantado logo no começo do inverno, quando este finda, já está assegurado, e de então desenvolve-se com celeridade, melhor convindo-lhe o terreno secco do que o alagado.

Propaga-se intensamente, bastando um plantio para que, independentemente de renovar o cultivo, o plantador tenha, enquanto proceder sua exploração com prudencia, madeira para seu uso e para negocio. E' arvore sadia: cupim e outros insectos paraitarios não atacam-na.

Não serve para fogão, o que o põe a salvo do machado do lenhador, o maior inimigo da arvore."

Eduardo Jacobina — A AGRICULTURA E A POLITICA NACIONAL — Typ. Americana — Rio — 1922.

O sr. Eduardo Jacobina divulga em folheto uma conferencia que pronunciou no Rio, perante o 3.º Congresso de Agricultura e Pecuaria. Toda a peça é um libello contra os politicos nacionaes.

Leoncio de Queiroz — CONSIDERAÇÕES SOBRE PERTURBAÇÕES MORBIDAS DO LACTENTE — Typ. G. Asbahr — S. Paulo — 1922.

O sr. dr. Leoncio de Queiroz, medico em S. Paulo, publica em folheto varias das observações de sua clinica de crianças, especialmente sobre dyspepsia, intoxicação, decomposição, molestia de farinha, anomalias constitucionaes, etc. Além de salutaes conselhos ás mães, reproduzem-se tambem as conferencias que sobre mortalidade infantil pronunciou o A. na Academia Paulista de Medicina.

Liga Nacionalista — PELO BRIO E PELA HONRA DO BRASIL — Typ. Monteiro Lobato & Cia. — S. Paulo — 1922.

A campanha da Liga Nacionalista contra o jogo legal, que já uma vez se corouo de pleno successo, ganha novamente terreno, ante a revivescencia que se annuncia do malsinado projecto de lei. Este folheto é dos que nesse sentido vem sendo distribuidos pela benemerita associação. Reproduz a petição que, em Setembro ultimo, enviou ao Congresso o sr. dr. Vergueiro Steidel.

A. Monteiro de Souza — O ENSINO UNIVERSITARIO — Typ. Cá e Lá — Manaus — 1922.

Trata-se de parecer apresentado á commissão de instrucção publica da Camara dos Deputados, pelo sr. Monteiro de Souza, como relator do projecto n.º 396 de 1920, sobre ensino universitario.

Após longa explanação do seu ponto de vista, conclue o A. propondo a transformação do Collegio Pedro II em Faculdade de Sciencias e Letras e outras medidas que reputa indispensaveis para que se complete o nosso aparelho de ensino superior.

Padre Leonel Franca — NOÇÕES DE HISTORIA DA PHILOSOPHIA — Ed. Livraria Drummond — Rio de Janeiro — 1922.

A livraria Drummond, do Rio, edita mais um compendio escolar — “Noções de Historia de Philosophia” pelo padre Leonel Franca. Cingindo-se aos programmas officiaes, o illustre sacerdote organisou obra digna de encomios pela sua feição didactica: systematisação de factos, clareza de expressão, synthese. Dá assim ao estudante noções precisas sobre as philosophias oriental, grega, patristica, medieval e moderna. Releva notar, porém, a parte final, em que estuda a evolução da philosophia em Portugal e no Brasil, particularmente a figura de Farias Brito.

E', em summa, para os que se iniciam na materia, um precioso guia.

Affonso de Freitas Junior — SAUDAÇÃO — Ed. Jacob Zlapotolsky — S. Paulo — 1922.

Publica-se em folheto, magnificamente impresso, a saudação que em nome do Instituto Historico de S. Paulo, fez o A. aos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral. E' mais um hymno de louvor á raça.

Gastão Penalva — FÓRA DO MUNDO — Ed. Imprensa Guanabara — Rio — 1922.

"Fóra do Mundo" — são narrativas da vida em Fernando de Noronha, onde sentenciados pelo jury de Pernambuco cumprem penas de prisão. Prisão original, aliás: vivem lá em commum com suas familias, cultivando um trato de terra e recebendo do governo outras ajudas para sua subsistencia. Separa-os, porém, do continente a immensidão do oceano revolto, a cuja conquista ninguem se aventura. A terra que ficou para lá é — o mundo...

E' leitura interessante.

Ranulpho Prata — DENTRO DA VIDA — Anuario do Brasil Rio — 1922.

Quadros de miseria e de dôr, descriptos com uma simplicidade e quasi desatavio de linguagem — eis o que é este livro. O autor, intentando descrever a vida dos parias, não carvoou defeitos, não exalçou virtudes. Deixou-se levar pelo fluir dos acontecimentos, tudo muito espontaneo, commovente. Em summa, um bom livro, que se lê sem esforço.

Antenor Urioste — LA BIBLIOTHECA DE MAESTROS — Ed. Barreiro & Cia. — Montevideo — 1922.

Montevideo possui sua bibliotheca pedagogica, de que o sr. Antenor Urioste nos dá, neste folheto, pormenorizada noticia, ornada de nitidas photographias. A ultima parte da obra é occupada com considerações sobre o valor da leitura, que o autor deseja se considere serviço publico.

L. Lavenère — O PADRE CORNELIO — Jaraguá — 1922.

De "Zéfinha", novella do mesmo autor, escreviamos ha tempos:

"Excellente novella, dada com o subtítulo "Scenas da vida alagoana". Estylo simples, correcto, isento de vicios e pedantismos. Acção continuada e espirituosa. Paginas que se lêem com agrado crescente e que nos levam a fazer uma alta idéa do sr. Lavenère."

Podemos repetir o mesmo com referencia a esta novella. Pena é, porém, que o aspecto material do livrinho não predisponha o leitor logo de entrada.

General Tasso Fragoso — A BATALHA DO PASSO DO ROSARIO — Imprensa Militar — Rio — 1922.

"... nos ultimos annos anteriores ao advento da Republica, se havia arraigado no espirito de muitos, sobretudo de republicanos, a falsa ideia de

que a democracia verdadeira e a fraternidade real entre os povos deviam assentar preliminarmente no esquecimento e até na maldição de certos factos do passado, os quaes na verdade só deveriamos julgar transportando-nos á época em que se realizaram, isto é, repondo-os no respectivo ambiente social"... D'ahi o descurar-se quasi por completo, naquella epoca, o estudo dos feitos militares do Brasil, que, no proprio seio da Escola Militar não encontrava admiradores. "Havia um como temor de falar em guerras"...

O autor deste livro, durante os annos em que frequentou a escola da Praia Vermelha, teve os ouvidos cheios dessas ingenuas ballelas, nada ouvindo, porém, que lhe dissesse dos louros da nossa milicia. Passados, no entanto, os annos, o commercio dos homens e dos livros espertou-o da beata convicção. A pouco e pouco, reconhecendo a falsidade de suas ideias, alijou-as por outras, sensatas. Deu-se a estudar os nossos feitos militares, que, si lhe crearam uma alma nova, não lhe embotaram o criterio. Sabe distinguir dos louros os erros de nossa politica continental.

"A Batalha do Passo do Rosario" — é um dos fructos de suas inculcas. Volume de quasi quatrocentas paginas, nelle se compendia toda a historia da velha pendencia, que culminou na batalha que se chama de Ituzaingó para os argentinos. Não é obra que interesse apenas a soldados. Excluida a parte technica, lê-a a gente sem esforço, inteirando-se dos acontecimentos, desde o descobrimento da terra até as peripecias da celebre batalha. Ajuntam-se á profusão de pormenores varios mappas e clichés, que tornam a obra um valioso documento.

Como se diz em epigraphe, "não foi pouco o disvelo e trabalho no seu contexto".

José Augusto — EDUQUEMO-NOS — Ed. "O Norte" — Rio — 1922.

O sr. José Augusto, que tem dedicado ao ensino o melhor dos seus esforços, como deputado, reúne em folheto varios dos seus pareceres como membro da commissão de instrucção da Camara. São de actualidade as questões ventiladas — ensino primario, regimen universitario e a União e o ensino primario — e a maneira pela qual o autor encaminha a exposição, é clara, convincente.

Hugo Wash — EL VENGADOR — Ed. Libertad — Buenos-Aires — 1922.

Na Argentina, Hugo Wash é um escriptor popular. O numero de suas obras é avultado, contando-se por dezenas as reedições. Este romance, que agora nos vem de Buenos-Aires, segundo se lê na pagina de rosto, está no seu 69.º milhar, o que quer dizer que se trata de livro feito.

Maurice Gandillot — ETHER OU RELATIVITÉ — Ed. Gauthiers-Villars & Cie. — Paris — 1922.

O sr. Maurice Gandillot combate a theoria da relatividade, apontando ao leitor este caminho:

"Para encontrar o repouso intellectual, um só meio vos resta: abandonar o paiz das especulações transcendentaes e retomar pé lucidamente no vosso costumado terreno, o do bom senso, relembrando-vos da palavra de Bacon: "Physique, garde-toi de la Metaphysique".

*Carlos D. Fernandes — LIVRO DAS PARCAS — Parahyba
— 1922.*

Poeta e prosador, o sr. Carlos Dias Fernandes é dos mais operosos escriptores brasileiros. Ultimamente, boa meia duzia de livros tem lançado, cujo apparecimento foi aqui registrado. Cabe-nos hoje registrar o "Livro das Parcas", que em bem cuidada edição nos vem da Parahyba.

Digam do poeta estes versos:

Pouco me importa o estímulo ao meu canto,
Seja elle admiração, premio ou louvor:
Por estas mingoas taes não me quebranto,
Nem voto á Lyra uma affeição menor.

Nasci poeta e hei de cantar, emquanto
Actuarem no meu sêr as leis do amor,
Propiciando o transcendente encanto,
Que em mim reside, que me fez cantor.

O' natureza, ó mãe prodigiosa,
Que me encheste de luz e de arrebol
Como de aromas inundaste a rosa.

Renova sempre esse quinhão de sol,
Que me vasaste n'alma numerosa,
Porque eu te exalte como o rouxinol.



LIMA BARRETO

Domingo chuvoso. Chuvoso e mais sombrio por ser dia de finados e os vivos commemorarem tão ruidosamente os mortos. O contrastes entre os nossos actos e os nossos sentimentos! Depois que li, cedo a noticia da morte subita de Lima Barreto, saio á procura da sua casa, nos suburbios, rua Mascarenhas, Todos os Santos, numero incerto. No bonde, a azafama de passageiros apressados, com ramos de flores baratos, caminho do cemiterio de Inhaúma.

Peço esclarecimento a um delles.

— A rua Mascarenhas? Pois não! O senhor saltará na rua das Officinas, subirá por uma outra que lhe indicarei e a rua Marcarenhas será a terceira, á esquerda.

Obedeci á indicação, atirei-me á lama de barro amarello daquelles recantos e verifiquei que meu informante se enganara.

Chovia sempre e havia já uma hora que me molhava. Lembrei-me, então, daquellas paginas de realismo sentimental e grave-grotesco que o proprio Lima Barreto vivera no episodio "A procura do defunto". Assim eram todas as suas composições: amassadas nas pequenas tragedias anonymas que a gente humilde é obrigada a representar todos os dias...

Emquanto, indeciso, assim conjecturava, avistei numa rua transversal um transeunte cabisbaixo, trazendo um ramilhete de perpetuas. Fui ao seu encontro.

— A rua Marcarenhas? A casa de Lima Barreto? Para lá vou eu.

Acompanhei-o. Estava no mesmo estado

dos outros, os que procuravam o defunto, nas paginas dos "Sonhos e Contos".

Fizemos o percurso em silencio e quando transpuzemos a sala em cujo centro jazia o cadaver, o homem correu a espalhar no caixão, votivamente, aquellas perpetuas de um roxo tão expressivo. Depois, mal contendo a commoção, descobriu-lhe o rosto, beijou-o na testa, que ainda recebeu algumas lagrimas.

Uma pessoa da familia dirigiu-se ao visitante. Quiz saber quem elle era.

— Não sou ninguem, minha senhora. Sou um homem que leu e amou esse grande amigo dos desgraçados.

E ali estive, com as poucas pessoas que encontrara, velando o corpo durante algum tempo.

Soube, então, que varias manifestações semelhantes fizeram a Lima Barreto ou tras almas reconhecidas.

Homenagens dessa natureza são raras. Principalmente partindo do nosso povo, que lendo pouco, quasi sempre lê mal, considerando ainda o romance como um passa-tempo e a poesia como um "brinco da imaginação"...

O culto desse homem, profundamente affectuoso, é um symptoma de que os escriptores realmente brasileiros já influem na alma da nossa gente.

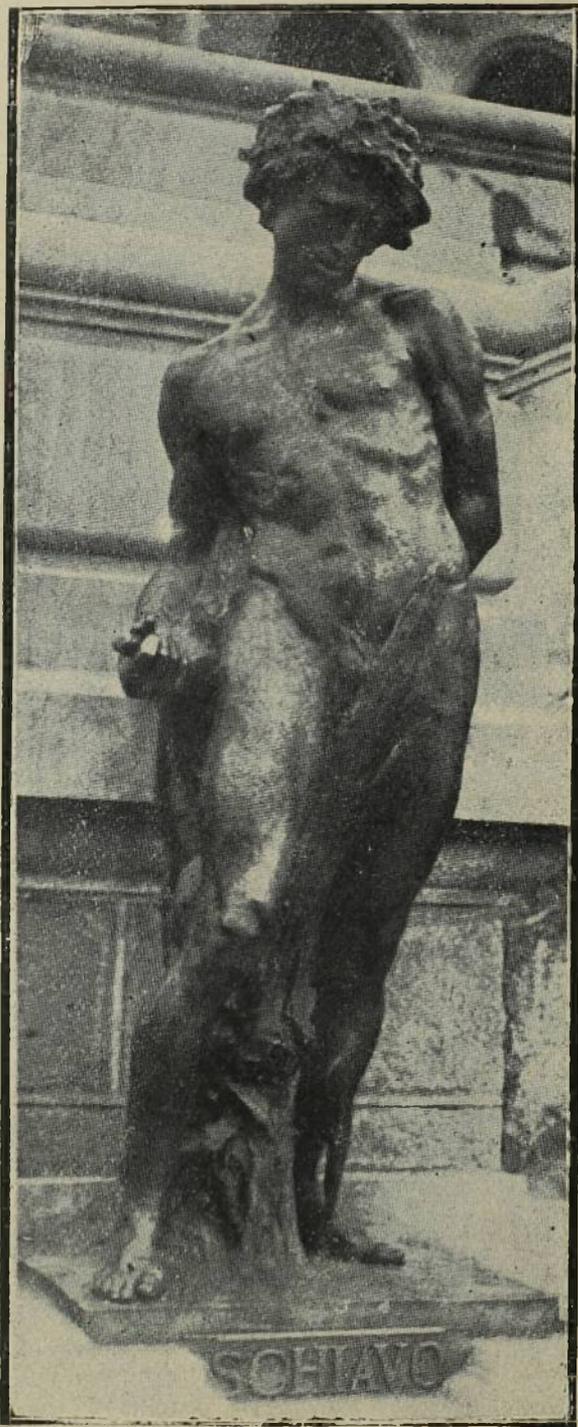
E' possivel que não se veja nesta ponderação nenhuma novidade. Afigura-se-me, porém, que ha, porquanto se alguns homens de letras gozam maior estima dos seus contemporaneos, devem tal estima não aos proprios meritos intellectuaes, mas á sua fortuna social ou politica. Aquelles são sempre insignificativos quando não constituem um obstaculo a toda

L. BRIZZOLARA



Monumento a Carlos Gomes — O Guarany

L. BRIZZOLARA



Monumento a Carlos Gomes — *O escravo*

e qualquer outra aspiração daquelles que os possuem. Eu tinha ali mesmo, deante dos olhos, uma prova flagrante desta verdade. Nenhum escriptor da nova geração fôra tão generoso, trabalhara mais regularmente e dignificara tanto o romance como Lima Barreto. Entretanto, porque se deixara exclusivamente absorver por sua arte, ali jazia quasi sem outra velatura que a de tres ou quatro amigos, alma da dedicação commovedora da irmã, digna de figurar em seu monumento, como o exemplo mais tocante de ternura fraterna, por quem tanto a merecia, por sua inflexível benevolencia com os humilhados e offendidos. Só ella, de certo, comprehendeu a bondade incompensada e estimou dignamente as virtudes intimas e raras 'o fecundo creador de caracteres humanos que foi o retratista das "Memorias do Escrivão Isaias Caminha". Só ella sabia a significação daquelle sorriso inconformista do homem que a vida desencantou desde a primeira juventude, revoltando-o por habitos, gestos, palavras e attitudes contra os preconceitos injustos, as idéias hostis, a ambição cega, a inveja subterranea e os sentimentos e resentimentos mesquinhos dos outros homens. Só ella, portanto, penetrou bem o rythmo desigual daquelle coração incomprehendido e perdoou todas as suas fraquezas generosas.

O que mais surprehendia a todos nós, no convívio de Lima Barreto, era a propria resistencia mental aos habitos irreductiveis da sua bohemia. Quando vinha á baila a sua capacidade creadora surgia, para logo, esta pergunta enigmatica: Como é que Lima Barreto concebe e realisa a sua obra no meio daquelle vida tão incontinente?

Ninguem tentava explicar o milagre. E' que os milagres desafiam as possibilidades de nossa intelligencia. O certo é que esse escriptor produzia sempre e lograva cada vez mais a estima dos espiritos independentes e mais ruidosa acolhida do povo.

Emquanto os curiosos commentavam-lhe a producção, segundo a sympathia ou a antipathia que tinham pelos motivos que a determinava, a fertilidade extraordinaria

daquelle espirito editava novas obras, alargando o circulo de sua influencia.

Foi sempre assim ha uns dous decenios, ou menos.

Durante esse periodo de tempo, quanta gente feliz, reconfortada e philauciosa, não se desilludiu da propria genialidade, apesar do seu desprezo pelas roupas ou pela vida bohemia mas fecunda e consciente do autor de tantos livros duradouros! Lima Barreto era uma vocação literaria. Nascido para as letras, não houve infortunio que o impedisse de realisar a sua obra. Encarou a vida de frente, como o seu temperamento o obrigava, e soube por isso, viver-a e reflectil-a sem hypocrisia, honestamente, alheio a censuras ou louvores. Póde ser que nem sempre fosse exacto o conceito que fez dos homens do seu tempo e dos sentimentos que determinaram os actos ou as acções das creaturas dos seus romances. Ninguem é infallivel e muita vez a criatura diz melhor que a photographia. A verdade é que a literatura, para esse homem, foi uma cousa sagrada, um dever de consciencia, tanto mais imperativo quando via os mais bellos talentos se desviarem, por motivo de ordem egoista, de sua funcção consolidaora. Uma critica isenta de paixões póde allegar e provar defeitos de execução na obra desse escriptor. O stylo de Lima Barreto ou a sua falta de estylo, como queiram, é uma qualidade immanente á sua propria organização. Vivendo os seus personagens, respirando o mesmo ambiente, na elocução nunca procurou outros recursos estheticos alheios á gente e ao meio social que o interessava. Não foi um mero espectador da vida. Confundiu-se, ao contrario, com o que ella tem de mais humano e contingente, o que lhe valeu o resentimento de todos, de tudo, de si proprio. Esse resentimento, porém, era o de um homem ingenuamente bom, e por isso nunca chegou á maldade. Pelo contrario. A caracteristica de sua mentalidade é a de um scepticismo sorridente, tanto quanto póde tel-o um observador sincero e que, não querendo trair os factos, prefira o desdem piedoso ao sarcasmo justo. Vê-se, com effeito, que a sua psychologia, entalada entre a realidade e a apparencia das cousas, preferiu a primeira, mas não descrendo das forças vivas do coração.

Para muita gente Lima Barreto era um pessimista, porque lhe aprazia o estudo da vida nos seus aspectos mais sombrios. Mas é preciso vêr que mesmo levado a essa conjuntura, a sua bondade é expansiva e procura pôr em evidencia que as offensas e humilhações resultam menos da vontade do que de forças cegas ou incomprehendidas.

O egoismo, o interesse, a vaidade, o orgulho, o vicio, que predominam nos moveis humanos, não figuram em sua obra sem as consequencias a que quasi sempre arrastam suas victimas.

Ha, pois, uma finalidade na obra literaria de Lima Barreto. Este homem de indole romantica, sensibilidade mestiça, tinha naturalmente que viver á parte das ruidosas agitações utilitaristas destes dias e a finalidade de sua obra era a de attrair a attenção dos outros homens para os proprios ridiculos. Era um meio de reduzi-los á expressão real e despertar-lhes pendores menos egoisticos ou imbecis.

Tanto vale dizer que Lima Barreto se collocava, com a critica ao pharisaismo ora dominante, em conflicto com as opiniões e conveniencias sociaes. O momento não permittia, talvez, uma comprehensão da vida menos passiva, egoista e hypocrita do que a que tanto provocava a sua ironia e o desgostava do mundo. Elle não considerou assim ou não admittiu tal contingencia. Fiel aos seus sentimentos ingenitos, não transigiu nunca. O successo de sua obra implicava o insuccesso de sua vida na ordem dos interesses materiaes. Aceitou ou, antes, aproveitou a emergencia para melhor desempenho de suas aspirações realisadoras. Desse contraste entre a sua sensibilidade e as vicissitudes da vida real resultou uma obra commovente, impressionista e uniforme, embora sem preocupações de escola.

O homem e o romancista em Lima Barreto foram uma só e mesma individualidade viva. Elle tinha forçosamente de morrer como vivera...

A. J. PEREIRA DA SILVA.

(A Noite).

EVOLUÇÃO DAS PROFISSOES

A proposito do centenario da Independencia do Brasil já se celebrou quasi

tudo. Não houve manifestação de actividade nacional que não apanhasse o seu dythirambo. A eloquencia e o lyrismo indigenas inundaram o paiz na exaltação das glorias domesticas. Se ainda o estrangeiro persistir em nos ignorar, a culpa será delle. Tudo fizemos por que avantajadamente nos apresentassemos aos olhos estranhos... Uma coisa, entretanto, esqueceu ao orgulho nacional deitar em relevo nas paginas que consagrou aos fastos brasileiros. Foi o progresso da nossa mentalidade no que toca ao exercicio das differentes profissões humanas.

Ainda ha pouco o patriciado brsaileiro, que veio da mineração e da lavoura, só admittia para os seus rebentos uma profissão digna: a de doutor. A mocidade brasileira era toda encaminhada, desde os primeiros passos na escola, desde as primeiras lutas com o a b c e as quatro operações, para a conquista do diploma de doutor, notadamente para o diploma de bacharel. Proporcionalmente, fomos talvez, até ha pouco, o paiz mais saturado de bachareis que existia no planeta. Houve tempo em que o officialado da Guarda Nacional fez alguma concurrencia á invasão dos canudos academicos. Mas não durou muito: o bacharel venceu o guarda nacional.

Ficando sósinho em campo, como ficou, parecia que o bacharel conquistaria definitivamente o paiz. O seu dominio devia alastrar-se pelo territorio nacional como o de certas hervas que matam toda a vegetação que alcançam. Assim, porém, não aconteceu. Não podia de facto acontecer. O bacharel, como todas as coisas deste mundo, não escapa á lei do declinio após o periodo aureo de completo desenvolvimento. E, realmente, o bacharel está declinando. O doutor já não é o mesmo fetiche de outrora. O encanto dos diplomas academicos já perdeu os mais vivos dos seus reflexos. As proprias meninas casadoiras já não collocam no doutor o ideal dos seus sonhos matrimoniaes. O deus, retirados dos lares, já passeia entre os mortaes sem provocar sobresaltos e admiração. O doutor é, no presente, um homem como os outros; um bipede, com tanto raciocinio que os outros, e ás vezes, com muito menos... Do coração das meninas ricas

o doutor resvalou, hoje, para as carteiras da burocracia. De genro nato rebaixaram-n'o as contingencias humanas a simples amanuense de secretarias governamentais.

Essa transformação de valores reflectiu-se no teor geral da vida brasileira. Com a queda de cotação que o bacharel soffreu, apagou-se no espirito publico o preconceito contra as profissões que não se enquadravam na categoria das chamadas profissões liberaes. No reinado do bacharel não havia familia com pretensões a destaque que se decidisse a fazer dos filhos abastados negociantes ou opulentos industriaes. Era geral o prejuizo de que a essas profissões escaseavam toques de nobreza e que, para exercel-as, não precisava o individuo de certas condições intellectuaes, nem de qualquer especie de cultura. O negociante de mais não precisava que de uma ligeira dóse de esperteza e de algum capital. Quanto menos intelligente, quanto menos illustrado, mais aparelhado estaria para o exercicio das suas funcções sociaes, e mais seguro teria o exito das empresas em que se envolvesse. Typos, como o Barão de Mauá sobrenadavam, no oceano do desprezo que cercava as profissões mercantis, como flôres estranhas e phenomenaes. Eram admiradas de longe, mas não eram imitadas.

Hoje, mudou-se tudo. Poucas são as familias que não procuram encaminhar para o commercio e para a industria os seus membros mais intelligentes e poucos são, no commercio e na industria, os exemplares do modelo typo antigo. A industria e o commercio passaram a ser, de tempos para cá, profissões que demandam larga e quotidiana despesa de energia intellectual e que se não podem exercitar cabalmente sm uma vasta somma de conhecimentos. O commerciante bronco, sem lettras e sem maneiras, só se encontra hoje no commercio rudimentar das tabernas. Os grandes commerciantes e os grandes industriaes não attingem ás culminancias, na sua especialidade, sem revelar primeiro uma solida força mental. E' a cabeça, é o espirito quem, hoje, domina todas as profissões no Brasil, quer sejam as denominadas liberaes, quer sejam as de outra catalo-

gação. Na industria e no commercio os homens só valem, como nas lettras e na administração publica, pela cabeça e pelo caracter.

A evolução neste ponto attingiu a um tão adeantado gráo de desenvolvimento que já se percebem signaes de uma troca radical de valores. O industrial e o commerciante exercem agora, na sociedade, um papel muito mais efficaz e muito mais importante do que o lettrado de antanho. O proprio politico, que foi, por muito tempo, o polarizador de todas as admirações populares, começa a perder sensivelmente o seu prestigio diabolico. Já se admira hoje muito mais o homem obscuro que triumphava em arriscada empresa commercial ou industrial do que o bacharel verboso capaz de prender nos labios, horas a fio, uma assembléa inteira.. E' que, para felicidade do Brasil, já atravessamos o periodo romantico da vida, onde as palavras significam mais que os actos. Os periodos sônoros já perderam para nós a magica seducção de outrora. Os homens de acção principiam a ser os nossos heróes predilectos. O espirito amadurecido não se satisfaz mais com as lentejoulas faiscentes dos phraseados rendados. Reclamam substancia nutritiva para a sua alimentação.

Emancipamo-nos intellectualmente

Essa transformação, que assignalamos com o maior jubilo, não deve, entretanto, accentuar-se demasiado num só sentido. E' uma felicidade que nos tenhamos libertado da escravidão das palavras, mas será uma desgraça se, orientados no rumo da acção, venhmos a confundir no desprezo ao palavreado ôco o culto dos ideaes. Façamo-nos homens de acção mas não nos esqueçamos nunca de que sem o orvalho do ideal a acção não se apresenta com viço e frescura nem se desentranha em fructos saborosos. Orgulhemonos por ter aberto o espirito ás rajadas de bom senso, que o limpam da fuligem dos preconceitos, mas não recusemos á cultura litteraria o tributo que ella merece. Já entrou em nossos costumes, definitivamente, a idéa democratica do nivelamento de todas as profissões. A intelligencia do homem continúa a ser a mesma maravilha divina, quer se applique ás largas combinações da industria

ou do commercio, quer fulgure na trama dos systemas philosophicos, ou no ajuste das rimas preciosas. Não consentamos que, por excesso de materialismo, desça ella, um só ponto, na sua magestade.

PLINIO BARRETO.

(*Revista da Associação Commercial*).

THEATRO NACIONAL

Não havia logar vago no Theatro Appollo, á estréa da Companhia Nacional de Comedia, da qual é primeira figura a distincta actriz Abigail Maia.

A anciedade, que, ha varios dias vinha despertando essa estréa levou ao theatro da rua D. José de Barros enorme e selecta assistencia. Por outro lado, o espectáculo correspondeu inteiramente á expectativa. O excellente conjuncto da companhia Abigail Maia e, tanto como isso, a fina e linda comedia de Oduvaldo Vianna, fizeram do espectáculo de hontem uma bella noitada de arte.

A apresentação da companhia foi feita em scena aberta pelo brilhante poeta paulista, sr. Amadeu Amaral, que pronunciou as seguintes palavras:

“Apenas duas palavras, antes que principie o espectáculo. Terão no minimo, o merito de vos entreter de algum modo por momentos, na anciedade natural da espera.

A companhia que hoje se apresenta ao publico de S. Paulo não é uma companhia vulgar; não deve ser, em São Paulo, recebida como uma companhia qualquer. Ella apresenta-se amparada por dois altos pensamentos directores, — o seu capacete e o seu escudo: um claro e inabalavel intuito de arte, e um não menos decidido, nem menos obstinado intuito de nacionalismo. Qualquer dos dois merece amplamente o nosso apoio, o nosso interesse, a nossa sympathia mais effusiva.

A arte theatral, no Brasil, depois de um periodo de relativo florescimento, com as primeiras gerações após a independencia, decaiu rapida brutalmente, como num desmoronamento lamentavel, para as peores fórmulas da farça e da palhaçada. Antes, quando o Brasil era menos povoado, menos emprehendedor, menos pros-

pero, menos culto, o theatro attrahia a multidão, e a multidão defluia, em noites de espectáculo, dos palacios e dos casebres, da residencia dos principes e da morada dos humildes, guiada por uma nobre intuição, para vir commungar espiritualmente na eterna paixão multifaria dos soffrimentos e das anciedades humanas, representada nos paineis vivos da scena, e vibrar no calefrio tragico de um João Caetano, e rir o largo riso sincero de um Vasques. Os autores, então, eram a fina flor da intellectualidade brasileira, eram os nossos maiores romancistas e os nossos maiores poetas. Os assumptos, giravam em torno das mais elevadas preocupações humanas e dos themas sociaes mais interessantes daquella época. O estylo e a carpintaria das peças, se não eram perfectos, procuravam ao menos enquadrar-se nos limites naturaes do genero, e fazer unicamente “theatro” no theatro, e não baixos entremezes de circo, nem repugnantes truancices de feira. A arte, emfim, se não se desvendava inteiramente e não empunhava em triumpho o sceptro de ouro das suas grandes épocas do mundo antigo, do periodo classico na França ou da era shakespeariana em Inglaterra, pairava, comtudo, como uma sombra augusta, sobre o tablado e sobre a sala, invocada sinceramente pelos autores, pelos artistas e pelo publico attento.

Depois, é a ladeira por onde tudo se despenha. Nos primeiros decennios da Republica, apesar de todos os esforços, todos os planos e todas as prédicas, o theatro nacional, fonte viva, se mudou em charco empestado. Chegou a desaparecer por completo. Foi o dominio exclusivo da “revista” e da “magica”, da “burleta” e da “pochade”, — tudo leve até á leviandade, tudo facil até ao descozido, tudo baixo até ao rasteiro. O theatro brasileiro transformou-se (com raras excepções) em “rendez-vous” de boçalidades escriptas por autores sem elevação, montadas por empresarios sem escrupulos, representadas por actores sem alma, toleradas por um publico sem exigencias.

Mas, assim como não ha nada que inspire um desejo certo de reconstrucção como um desabamento completo, a quédia definitiva do theatro nacional acarretou

emfim um trabalho de reorganisação aproveitável. Tentativas mais ou menos bem orientadas, mais ou menos efficazes, succedem-se, de varios lados. Hoje, em poucos annos de actividade reconstructora, temos feito quasi tanto, senão mais do que em meio seculo da producção theatral anterior. Temos emfim algumas companhias "nossas", como esta que hoje ides applaudir; temos artistas "nossos", como essa admiravel Abigail Maia e seus dignos companheiros; temos uma duzia de autores "nossos", como Oduvaldo Vianna, cuja linda peça vos vai encantar esta noite, — autores que tratam por uma maneira "nossa" os themas universaes do theatro colhidos em "nosso" meio, e tomos um publico animado e animador que, como nesta noite, accorre ás platéas para vibrar nas altas, nas bellas, nas superiores, nas insubstituiveis emoções da arte condensando e transfigurando as emoções da vida.

A companhia que hoje se vos apresenta, guiada por uma energia indomita, só deseja realisar em terra brasileira, um theatro brasileiro, — tão desejavel, tão legitimo, tão necessario como quaesquer outras fórmãs e expressões de autonomia moral, intellectual, politica, ou economica, que accentuam e perfazem a physionomia de um povo, sem por isso o arredarem absolutamente do mais largo convivio universal, antes permittindo-lhe levar á obra geral da civilisação humana alguma contribuição realmente apreciavel e interessante.

Auxiliae, senhoras, apoiae, senhores, bafejae com o vosso carinho este sincero esforço de arte e de patriotismo; concorrei para que esta planta se firme em solidas raizes, e vice, e pompeie, e floresça magnificamente e, — porque as suas flores, o melhor, o mais fino, o mais amavel, o mais bello destas vegetações não é para quem as cultiva, as trata, as rega com seu suor e com suas lagrimas, as apura com as suas canceiras e mortificações; não é para os autores, não é para os actores, não é para as empresas, mas para vós, mas para o espectador, e para aquella que é a origem, o estímulo e o fim de todos os nossos melhores anhelos — a nossa Patria muito amada".

As ultimas palavras do nosso presado

companheiro de trabalho foram cobertas por uma longa salva de palmas.

Logo após teve inicio a representação da comedia "Manhans de Sol", de Oduvaldo Vianna, que a companhia escolheu para a sua apresentação ao nosso publico.

A escolha foi das melhores e contribuiu poderosamente para o successo que alcançou a Companhia Nacional de Comedia. "Manhans de sol" é uma bella comedia, bem construida, com correcto desenvolvimento da acção, com typos estudados cuidadosamente. A essas qualidades, juntam-se ainda a vivacidade do dialogo e o brilho de uma graça leve, emprestando a todas as scenas extraordinario interesse. Naturalmente, nos seus tres actos, podiam notar-se alguns pontos fracos, como seja a prolongada demora em scena de "Mestre Domingos", seja pela impressão penosa que produz a figura de um negro que já perdeu a conta dos annos e com ella, e razão; seja pela nenhuma parte activa que esse pe sonagem representa no desenvolvimento geral da peça. A figura de "Mestre Domingos" é, aliás, uma das figuras apresentadas com perfeição e abundancia de detalhes e de minudencias, o que revela, tanto da parte do autor como do interprete, o mais acurado estudo. Outro ponto, que não pôde deixar de chocar o espectador, é o da paixão, subita e inesperada, do bacharelando Alvaro por Leonor, pois parece que, nesse trecho, a peça se precipita, com demasiada pressa. Isto, porém, representa simples detalhes que não prejudicam de modo algum os meritos da peça, que são muitos.

Um dos melhores valores do trabalho de Oduvaldo Vianna está, sem duvida, no estudo dos typos. O papel de Leonor, uma joven estouvada, apesar dos seus bons sentimentos, e que uma paixão desventurada leva até ás portas de um convento, felizmente não mais longe, é um delles. A figura de Alvaro, um estudante despreoccupado e brincalhão a todo proposito, é outra personagem de realce. Destacam-se ainda os typos de "Mestre Domingos", ao qual já nos referimos; de "Chiquinho", um moleque levado, que se transforma num "chauffeur" pernóstico; "Nhanhan", velha mais ou menos rabu-

jenta; os tres caipiras "Nito", "Zezé", "Firmino" e outros.

Com todos esses meritos, a comedia de Oduvaldo Vianna não podia deixar de alcançar o bello exito que hontem obteve. Aliás, para esse exito concorreu de maneira apreciavel o conjuncto da companhia Abigail Maia, que se não possui nenhuma celebridade de cartaz, é, no entanto, de efficiente homogeneidade, dispondo de bons elementos artisticos, capazes de dar cabal desempenho ás nossas melhores comedias.

Em primeira plana, destaca-se a distincta actriz Abigail Maia, que a nossa platéa já conhecia e de que se recordava sempre com saudade. A brilhante artista, tanto pela sua graça como pela sua intelligencia, recebeu hontem os mais calorosos e merecidos applausos, pelo excellente desempenho que soube dar ao papel de Leonor. Procopio Ferreira é tambem um fino artista, que desde logo conquistou a inteira sympathia da sala, com o seu esplendido jogo de scena e admiravel desenvoltura e naturalidade. O papel de "Mestre Domingos" teve um interprete fiel em Manuel Durães. Angelica Silveira e Adelaide Coutinho estiveram muito á vontade nos seus papeis. A parte de Sinhá foi desempenhada com graça e intelligencia por Gabriella Diniz. Palmeirin Silva fez o moleque Chiquinho com muito brilho, provocando constante hilaridade. Destacam-se ainda Jorge Diniz, Sylvia Machado, João Lino, Brandão Sobrinho, Eduardo Vianna, Aida Ferreira e as meninas Sara e Aidé Diniz.

Conjuncto formado quasi inteiramente com elementos nacionaes, a Companhia de Comedia representa, de resto, um bellissimo e louvavel esforço, digno do melhor apreço da nossa sociedade.

A montagem da peça foi feita com muito gosto e os scenarios são primorosos.

A marcação da peça é irreprehensivel.

(O Estado de São Paulo).

O mesmo jornal publicou a proposito o seguinte artigo:

Todas as tentativas officiaes para a criação, ou melhor para o renascimento

do theatro nacional, falharam. Não se cria artificialmente arte nenhuma. Esculptura, architectura, theatro, todas as artes, em summa, só apparecem e viçam quando um conjuncto de factores propicios lhes estimulam o surto. No theatro, o grande estimulo criador sempre foi o apoio publico. Este apoio faltou ás tentativas officiaes. Os espectadores nada viram no movimento que os interessasse. Não era aquelle o theatro que sonhavam, e continuaram a frequentar o theatro de pachuchadas, que ao menos os divertia — grosseiramente, é verdade, mas que os divertia. O outro, massava.

Um dia, porém, surgiu o theatro or sessões, influencia já do cinema, e empresarios habéis principiaram a associar as duas coisas, cinema e theatro. Mas em doses pequenas este, não mais em noitadas tremendas, de 8 a 12. O publico aceitou. Era uma idéa. Divertia e não massava. Além disso — argumento sério, barato!

Vê-se, pois quanto o cinema contribuiu para a criação do nosso theatro moderno. Forçou-o a ser breve, incisivo e barato. A ser moderno, a ser democratico. Não mais privilegio dos ricos, como o theatro de outróra — que subsiste hoje sustentado apenas pelos ricos — mas de todo o mundo. Quinze, vinte mil réis a cadeira? Não. Tres apenas, e até 'ois. O mesmo preço, quasi, do cinema. E economizador de tempo, por cima. O outro, o dos ricos, exige o emprego de toda a noite; o recémcriado pede menos, hora e meia se tanto, tal qual o cinema. Só os ricos podem esbanjar o seu tempo; o remediado tem que ir cedo, no outro dia, para o serviço. E' lhe, pois, vedado, em absoluto, o theatro á antiga.

Foram o preço e a economia de tempo os factores que criaram o theatro moderno, copiosamente frequentado, com representações que se repetem mezes á fio.

Porque impossivel theatro que com uma ou duas representações já esgote o publico. Theatro assim será sempre artificial, carissimo, não dando lucro nem ao actor nem ao autor. Apenas o empresario, explorando a ambos, auferirá algum resultado pecuniario.

Pois bem: a innovação suggerida pelo cinema teve immediatamente ganho de

causa e, como soe acontecer, brotaram da terra numerosos autores, alguns dos quaes foram verdadeiras revelações. Comedias finas, ricas de emoção, libertas de pimenta e do sal grosso, viram-se applaudidas com enthusiasmo. Muitas dellas ficaram no cartaz longo tempo e comportaram "réprises" compensadoras. Cem, cento e cincoenta, duzentas representações. um assombro! "A Juryty", de Viriato Corrêa, alcançou.

"Manhans de Sol" de Oduvaldo Viana, maravilhosa revelação de comediographo finissimo, anda perto das duzentas. "Flores de Sombra", de Claudio de Souza, teve-as numerosissimas. Tudo isso de repente, improvisamente, quando todo o mundo julgava morto de vez o theatro entre nós, ante a decepção dos tentamens officiaes.

Um outro factor contribuiu muito para este successo: a introducção na scena da prosodia brasileira. Havia a crença ridicula de que a nossa prosodia não se prestava para o theatro. Prestava para entenderem-se entre si 30 milhões de criaturas; para o theatro, não! O habito inveterado de só termos por aqui, representando em portuguez, companhias portuguezas, estabeleceu esse dogma. Mas assim como na literatura a lingua nacional, a lingua geral deste paiz, a brasileira, filha da portugueza, está batendo a progenitora, assim tambem no theatro o nosso linguajar, com os seus modismos, a sua prosodia, as suas inflexões proprias, baterá a lingua lusa. O publico já encontra difficuldade em comprehender o que dizem os actores portuguezes, que não transigem com a prosodia nossa. Impossivel, sem esforço (e o esforço de comprehensão diminue o prazer) numa terra onde só se ouve dizer "tenho", "tambem", "vintem" "recepção", "Belém", atinar de prompto com o que quer dizer "tanho" "tambain", "Vintain", "receção", "Belain".

Além de que os modismos de lá, as finuras, os idiotismos da lingua lusa, já não correspondem aos nossos e são mal comprehendidos cá. Essa disparidade se aggrava na classe média, que frequenta os theatros e lhes dá vida, porque nellas é menor o habito da leitura do lidimo portuguez, menor que é a sua cultura literaria.

A companhia Abigail Maia, depois de provar ao Rio que o theatro brasileiro, leve, espirituoso, moderno e barato, é possivel, e está criado, veiu fazer igual demonstração em S. Paulo. Seu repertorio exclusivo de peças nossas, todas modernas, de agorissima, e uma antiga, o "Demonio Familiar", José de Alencar; seus actores, todos nacionaes, falando a nossa lingua, prosodiando á nossa moda; o apuro das montagens, o capricho dos scenarios, o amor intelligente com que são tratados os papeis; a ausencia de chulice, de "charge" forçada; o facto de dirigir a empresa, não um empresario boçal, com o fito unico da caixa, mas sim Oduvaldo, finissimo autor que é um finissimo director de scena, tudo isto faz desta temporada que se inaugura agora, um acontecimento digno da maxima attenção. Significa, pela "primeira vez" em S. Paulo, cidade que tem tido todos os theatros do mundo, francez, allemão, italiano e até japonez, "theatro brasileiro", essa coisa julgada impossivel.

E como, apesar de ser um inicio, é já uma realidade esplendida o que nos apresenta a benemerita empresa, ficamo-nos a sonhar com as immensas possibilidades de aperfeiçoamento dessa criação.

Temos o nosso theatro e tel-o-emos um dia no apogêo, riquissimo em manifestações como os grandes theatros do velho mundo. Vaç cessar, finalmente, esse horrivel estado de coisas que durou até ha bem pouco tempo: um paiz que ia ao theatro mas não entendia patavina das peças... a não ser que levasse consigo interpretes juramentados.

Monteiro Lobato.

HORACIO QUIROGA

Realizou-se o jantar que os intellectuaes paulistas offereceram a Horacio Quiroga, brilhante prosador uruguayo, victorioso autor de contos esplendidos, cheios da poesia e da belleza da terra americana.

A' sobremesa, o sr. Monteiro Lobato pronunciou o seguinte discurso:

"Ao homem só interessa o homem. E a natureza só interessa o homem quando

"agida" por elle ou quando reagindo contra elle. Dahi a arte: espelho onde o homem se vê a si proprio e vê tambem a natureza "humanizada".

Peço perdão aos amigos do apparente pedantismo e declaro que não o é, nem é introito de artigo de fundo, nem prefacio dalguma nova esthetica.

E' um simples nariz de cera que explicará esta "comida" offerta a Horacio Quiroga. A mim como o mais velho do grupo, o mais caradura e o que mais o conhece, compete dar as razões pelas quaes jantamos o querido uruguayo. E para conseguil-o é necessário principiar pelo nariz de cera. Continuo. Quiroga é homem. Interessa-se, portanto, pelo homem e pela natureza "agida" ou "reagida".

E como é tambem um artista, fez da sua arte um espelho que reflecte maravilhosamente a vida do homem no seio da natureza.

Até aqui nada. Todo espelho, fóra o espelho sem aço, reflecte imagens. Mas só valem os espelhos que reflectem o que merece ser reflectido. Primeira grande qualidade de Quiroga: tacto infinito na escolha do que merece ser reflectido.

O que é banal, e sem significação, é futil; o que é todo-o-mundo, todo-o-dia, o que não "paga a pena", emfim, não penetra em sua arte. Ella atem-se ao que é drama interior, ao que é comedia, ao que é dôr muda, ao que é lance heroico, ao que é nevrose, ao que é lucta, ao que é rico de suggestões, ao que é, em summa, verdade artistica.

Mas ha espelhos de varia categoria, os concavos, os convexos, os que augmentam, os que diminuem. E ainda os que deformam, como o classico "espelinho de turco", que da mais linda cara de mulher faz a mais torta e caricaturesca das caras.

Para equilibrio desses espelhos falsos ha o espelho de crystal "bisauté", que não collabora na reflexão da imagem e a dá purissima.

A arte de Quiroga é este espelho. Respeita religiosamente o que é, o que elle vê, o que elle sente. Não mente, não desnatura, não enfeita, não afeia. Dahi,

a cotação cada vez maior em que ella é tida no continente.

Seus leitores percebem logo, ás primeiras linhas, que não estão a perder o tempo precioso. Interessados, como humanos que são, pela verdade da vida, sentem-na flagrante nos seus contos e mergulham-se nelles como dentro de pedacos da propria vida.

Tudo isto já é muito. Mas seria pouco si Quiroga não tivesse nascido o "conteur" magnifico que é; si não possuísse o mysterioso dom do talento que se não explica nem se define; si não fosse dotado da faisca dos Maupassant, dos Kipling, dos Knut Hamsun e poucos mais verdadeiros contistas. Seria pouco, si em seus contos não houvesse o indefinivel "quid" que é o segredo perturbador das verdadeiras obras de arte. Não cometto a "pavada" de tentar explicar aqui em que consiste esse mysterioso "quid". Limito-me a assignalar a existencia delle na obra de Quiroga e a dar parabens aos presentes pela honra de termos em nossa companhia um homem em cuja arte ha a coisa séria por excellencia que é o "quid".

E Quiroga não só o revela nos seus contos como ainda o traz consigo. E assim, movido por elle, não vem do Rio com a emoção classica do turista barato ante o Pão-de-Assucar, nem se derrama em *shokings* de encommenda á lembrança das cousas que um Bedecker mandaria admirar. Do Rio traz, como a sensação fina que se guarda no cofre das bellas saudades, a lembrança da hora passada ao lado de uma rara flor humana — Rosalina. De S. Paulo levará um pequeno gesto e uma palavra subtil ouvida a Felinto Lopes: "Pó na estrada? E' que morreu a mulher de Fulano". Levará, em summa, o que é sensação de belleza, o que é sensação de graça, o que é sensação de fugaz detalhe de arte verdadeira. Porque para os homens como Quiroga não ha Brasil, Rio, S. Paulo, Argentina, divisões politicas de uma cousa indivisivel: a natureza do homem.

Da natureza levará elle as sensações dos seus resumos, das suas syntheses de belleza integral — Rosalinas; do homem levará o que nelle viu e sentiu de personalidade superior e de sensibilidade fina.

E levará ainda... couros de cobra. Anacondista como é, velho amigo das serpentes que em menino se divertia em matar e hoje se diverte em estudar, Quiroga é o maior cobrophilo que conheço.

Viveu entre ellas no territorio das Missões e criou-lhes tal amor que, aqui, logo ao chegar, sua primeira pergunta foi: Onde fica o Butantan? Conhecedores desta sua mania, tencionavamos organizar-lhe uma festa serpentina. Mesa em colleiros de sucury, *garçons* urutús, canja de cascael, linguiça de caninana, *omelette* de ovos de jararaca, e varias garrafas de sôro anticrotalico. O professor Kraus, entretanto, por motivos que desconhecemos, mas que respeitamos, recusou-se a fornecer ao cozinheiro as 50 viboras requisitadas. E' essa a razão pela qual vamos todos sahir desta casa como entrámos: vivos.

Mais uma palavra, apenas. Quiroga não fala: escreve sómente. E a condição que impoz á ameaça de ser jantado foi essa de ficar mudo como um peixe, ou melhor, mudo como uma anaconda — como uma anaconda muda, visto como as que elle romancêa e as com que convive em Buenos Aires falam pelos cotovellos.

Senhores! Bebam á saude do grande *conteur* uruguayo, este copo de sôro anti-ophidico".

OSWALDO CRUZ

Já foi noticiado que se projecta, no Rio, a erecção de um monumento a Oswaldo Cruz, o eminente cientista brasileiro que debellou a febre amarella da capital do nosso paiz. Não ficarão ahi as homenagens: a mesma commissão, que promove o levantamento da estatua, ou herma (não sabemos ainda de que especie ha de ser o monumento) planejou tambem a fundação de uma sociedade com o nome do illustre extincto e o encargo de lhe honrar e exaltar a memoria e o exemplo.

A alludida commissão resolveu pedir o apoio, entre outros, do governo de S. Paulo, pois Oswaldo Cruz era filho deste Estado — e, podemos accrescentar, disso se desvanecia.

Quererá o governo auxiliar os justos e generosos intuitos da commissão? E'

provavel que sim. Mas a commissão não devia ter-se limitado a pedir o auxilio do governo: devia ter solicitado o apoio pecuniario dos paulistas em geral, que todos têm a obrigação moral de concorrer para tão bello objectivo.

E' certo que os paulistas não gostam de perder tempo com monumentos... Temol-os, poucos e modestos, mas esses mesmos erigidos, em regra, com largos auxilios officiaes. Sem esses auxilios não se fariam, — com a unica excepção, talvez, do de José Bonifacio o moço. Esta é que é a verdade.

Os Andradas ainda não têm um monumento em S. Paulo! Alexandre de Gusmão, o eminente diplomata e classico escriptor, com seu irmão Bartholomeu Lourenço, o primeiro homem que voou, ainda não mereceram na capital deste grande, prospero e cultissimo Estado sequer as honras de uma placa, de uma columna, ou de um medalhão!

Até ha pouco tempo não existia nesta capital uma rua, ao menos, com o nome de Pimenta Bueno, o grande jurista e notavel politico da monarchia nascido aqui mesmo, nesta cidade, onde não faltam ruas e praças a ostentarem nomes de summidades que ninguem sabe de onde esguicharam nem o que valem. A maioria da nossa população ignora completamente que nasceram nesta terra, em idos tempos, e a honraram, como poucos de seus filhos, os escriptores Manuel de Moraes e Mathias Aires, reputados pelos que sabem como dois classicos da lingua e que, além de manejarem a lingua como mestres, a manejaram — o que é mais — como homens de coração e de pensamento.

Quem é que se lembra, em S. Paulo, de um individuo que se chamou Visconde de S. Leopoldo, um homem de letras, um jurista, um liberal, um homem de Estado, que, nascido em Santos, illustrou o governo do Rio Grande do Sul e beneficiou grandemente a antiga provincia, onde, até o presente, uma velha colonia, hoje florescente cidade, lhe guarda a lembrança no seu nome de S. Leopoldo? Quantos paulistas de hoje sabem que de São Paulo partiu para o sul, no tempo da monarchia, um dos mais valentes, desinteressados e persuasivos propa-

gandistas da Republica, o itapetiningano Venancio Ayres, que tem seu nome em praças e ruas de varias cidades do mesmo Rio Grande do Sul ?

Os paulistas não sabem disso, não querem saber disso. Em São Paulo, na realidade, só ha uma especie de grandeza: é a dos graudos...

Mas, emfim, quem nos diz que afinal isto não vae mudar? Vejamos o que succede com o monumento a Oswaldo Cruz.

(Do "Estado de S. Paulo").

LITTERATURA INFANTIL

J'y feroy pourtraire la joye, l'allegresse, et Flora, et les Graces, comme fit en son eschole le philosophe Speusippus. On est leur profit, que là fust aussi leur esbat. On doit ensucrer les viandes salubres à l'énfant, et enfieller celles qui luy sont nuisibles. C'est merveille combien Platon se montre soigneux en ses "Loix" de la gayereté et passetemps de la jeunesse de sa cité, et combien il s'arreste à leurs courses, jeux, chansons, saults et danses: dequelles il dit que l'antiquité a donné la conduite et le patronnage aux dieux mesmes. Apollon, aux Muses et Minerve.

Montaigne.

I

Rehabilitemos a imaginação

Conversando, ha tempos, com um professor publico ácerca da litteratura infantil entre nós, como nos referissemos a dois livros recentes, verdadeiramente revolucionarios: "Narizinho Arrebitado" e "Fabulas", de Monteiro Lobato, perguntou elle de que genero eram esses trabalhos. "São encantadoras historias maravilhosas", respondemos — "Maravilhosas! exclamou o pedagogo, com a mais comica estranheza. Maravilhosas! Sou contrario a isso. Precisamos dar aos nossos filhos uma educação pratica. As obras de imaginação fazem mal ás crianças, que têm

de preparar-se para ganhar a vida e ser uteis a seus concidadãos"...

Atalhamos em tempo e acesso de verborreia que ameaçava prolongar-se, mudando subito o rumo á conversação com solicitar a sua opinião sobre um "film" policial muito gabado pelos frequentadores de cinema, que são todos — mestres e alumnos, velhos, moços e crianças.

E ficamos a pensar no como seria difficil fazer alcançar a essa gente o principio de Ribot — que "a imaginação é na ordem intellectual o equivalente da vontade na ordem dos movimentos"...

Em verdade, seria rematada tolice pretender supprimir a imaginação, conter-lhe os vôos, sobretudo na idade de sua maior exuberancia. O que esses gralhos quizeriam, com taes arremessos aparentemente de ordem geral, seria quando muito dar á imaginação uma orientação estreitissima, canalizando-a o mais possivel para as pequeninas necessidades da vida, para os calculos, exercicios torturantes do mandarinato escolar, como se taes peias fossem um remedio contra o possivel apparecimento de fórmias pathologicas ou malsans e tivessem o condão de conduzir aos triumphos utilitarios que assignalam como o principal escopo da existencia. Esquecem-se de que semelhantes aspectos communs da actividade mental não só não collidem com os mais altos surtos imaginativos, numa criança sadia, senão que têm tambem, quando exaggerados, as mais funestas consequencias. — Assim que — já mui judiciosamente o advertiu o grande psychologo acima referido — dos abusos da chamada imaginação pratica, tão louvada em modelos "yankees", é que procede a mentalidade dos cavalleiros de industria, dos aventureiros, dos inventores de expedientes suspeitos, dos inconstantes, que vivem a mudar de profissão, e dos excentricos destindaos a acabar nos asylos de alienados.

Não! Seria um crime e uma insensatez tentarmos desfeiar o mundo encantador em que vivem, queiramol-o ou não, os pequeninos reis da fantasia. Fale por nós o genial Renan: "A criança, diz elle, espalha sobre todas as coisas o maravilhoso que encontra em sua alma. A curiosidade, o vivo interesse que toma por qualquer combinação nova, provém de sua

crença no maravilhoso... A graciosa embriaguez da vida que a acompanha dá-lhe vertigem; não vê o mundo senão através de uma gaze levemente colorida; lançando sobre todas as coisas um olhar curioso e alegre, sorri a tudo e tudo lhe sorri... Não são as coisas o que ella conta, mas sim as impressões fantasticas que têm das coisas, ou melhor, conta-se a si mesma. A criança cria todos os mythos que a humanidade criou; acceta todas as fabulas que lhe impressionam a imaginação, improvisa para si propria outras estranhas e a si propria as affirma". "É essa criança não morre em nós — ajunta outro escriptor — vive no adulto, embora seja muitas vezes abafada pelas preocupações da existencia e pelo amor proprio que nos faz parecer ridicula a sua manifestação. O homem tem vergonha de parecer criança e quer parecer sério, positivo, sceptico e pensador profundo. Mas os seus melhores instantes são os que, sentindo-se criança, escapa em liberdade para as regiões do sonho"...

É é nesse fundo delicioso que nos fica da infancia que vamos haurir forças, consolo e alento nas grandes crises moraes. Causa horror pensar o que não haveria de aridez na alma de um homem que não encontrasse em si, magicamente adormecida como no interior de um columbario, essa criança divina que, segundo o autor de "Phedon", permanece no mais intimo de nós mesmos até a extrema velhice.

Bem sabemos que ha um certo genero de "rêvasserie", de romantismo morbido, de fantastico desordenado e pessimista que convém afastar das crianças, por tender a inspirar-lhes desanimo e enfado da vida. L. Proal, no seu impressionante livro "A Educação e o Suicidio das Crianças", mostra quão nefasta é a influencia dessas leituras, aconselhando-lhes o manuseio dos classicos.

Dahi, porém, a temer a imaginação, o conto maravilhoso, a sabedoria secular encerrada nas fabulas vae um infinito de distancia. A alma da criança tem a virtude de uma varinha magica. Anima e transfigura tudo o que toca. Ella não perdeu, nas angustias da vida pratica, essa lindissima capacidade de surpresa e deslumbramento em que se resume todo o frescor da existencia e que aliás se

conserva nos adultos privilegiados, nos grandes homens de pensamento e de acção, nos genios e nos heroes. Quem não sabe que Napoleão foi um grande sonhador, como grandes sonhadores tambem são ainda hoje os maoires estadistas dos nossos tempos. E não só estes, senão tambem os criadores das grandes companhias, monopolios e "trusts", porque ao lado dos poetas propriamente ditos ha os poetas da acção, os forjadores de realidades, os domesticadores de ideaes, em todos os campos da actividade humana.

Os inimigos da imaginação e da fantasia, para serem logicos, deveriam prohibir ás crianças a contemplação da natureza, que já é por si só uma grande e inexplicavel maravilha, em cujo seio nos debatemos, deslumbrados, até as ultimas da existencia. Razão havia Emerson de querer que os brinquedos dos nossos filhos fossem sobretudo o sol, a lua, os animaes, as pedras, os mil e um sortilegios que nos rodeiam a cada passo. E que são os contos de fadas senão a projecção deliciosa dessa realidade superior que a criança "sente" dentro em si e no ineffavel milagre da vida circumstante?

Querer fazer della um sêr de calculo e de razão violentado-lhe a natureza é dar uma prova do quanto nos afastamos nós mesmos dessa sensação de mysterio e de belleza que é afinal a essencia mesma da vida consciente, para nos apegarmos miseravelmente até convertermos em nosso tudo a busca de um illusorio bem-estar e a combinação de meia duzia de idéas e algarismos.

Toda a literatura infantil que não se inspira nessas verdades é para a criança insupportavel tortura. Os livros que communmente lhe pomos nas mãos são verdadeiros crimes. Pois haverá associação mais revoltante do que a de uma alma de velho, de uma secura infinita — que taes são de ordinario os nossos autores escolares — e a de uma criança que desabrocha, em todo o esplendor de seus primeiros annos?!

Proal horrorisado com o numero crescente de suicidios de crianças, preconizava, como remedio efficaz contra essa degenerescencia nervosa, a vida dos campos e a sociedade dos animaes... Das fadas e dos animaes, diriamos, pois es-

tes para a sua imaginação criadora aparecem sempre como fadas e genios mais ou menos disfarçados. Nada mais característico de um temperamento sadio, na criança, do que um pronunciado pendor pelas lendas e historias maravilhosas, em que se espelham a alegria e optimismo da infancia. Uma notavel escriptora ingleza, tendo-se encontrado, em casa do jurisconsulto Savigny (que, seja dito de caminho, não se dedignava de tomar vivo interesse pelas lendas e narrativas populares) com um dos famosos irmãos Grimm, fez-lhe este cumprimento: "Vossas crianças parecem-me as mais felizes do mundo, porque vivem no meio de contos de fadas". E tinha razão. Nunca se ouviu dizer que um conto de fadas fizesse nenhum mal a ninguem. Muito ao contrario, o reino de Perrault, embora atacado pela legião dos despoetisadores da vida, resistirá a todos os embates, porque tem os seus fundamentos no esplendor da imaginação, faculdade que o philosopho Froschammer ensina ser apenas uma como subjectivação humana da grande fantasia cosmica que tralha surdamente no seio da natureza, produzindo as incontaveis variedades das formas vegetaes e animaes...

Felizmente tem-se ultimamente operado entre nós um bello e corajoso movimento de reabilitação da imaginação. Temos entre mãos tres livros que confirmam esta nossa affirmativa: "Narizinho Arrebitado" e "Fabulas", de Monteiro Lobato, e "Como se aprende a lingua", de Sampaio Doria. Este ultimo, com ser de genero muito diverso dos dois primeiros, tem entretanto com elles a mesma qualidade essencial — instruir as crianças sem atormental-as, reunindo com arte o util ao agradável — "utile dulci", segundo o salutar conselho do velho Horacio.

Acerca de cada um desses trabalhos daremos aqui, em outros artigos, a nossa sincera impressão.

II

*"Narizinho arrebitado",
por Monteiro Lobato.*

"Narizinho Arrebitado" é uma bellissima obra de arte, dessas que encantam

a imaginação das crianças sem falsear-lhes o espirito, pois pertence ao delicioso genero a que o velho "conteur" italiano Basilio dava o nome de "Tratenimiento degli peccerille". Com esse trabalho Lobato tem operado o milagre de reintegrar no ambiente das nossas escolas a leve revoada dos genios e gnomos, das fadas inoffensivas e bondosas, dahi expulsas pelo espirito de velhice (para não empregarmos expressão mais contundente) que preside em geral á organização dos jardins da infancia e dos cursos primarios. E' o começo do sonho de Montaigne — a volta de Flora, das graças, da alegria e da felicidade á idade de ouro dos sete e oito annos.

E é tambem um bello acto de coragem. O consagrado escriptor não teve receio de tornar um momento a ser sinceramente criança, identificando-se a tal ponto com a encantadora ingenuidade infantil, que produziu, não um livro "para" crianças, mas sim um livro "das" crianças.

A proposito... lemos em Remy de Gourmont que as historias de Perrault eram publicadas com o titulo de Historia "das" Fadas e não de Fadas, porque não só versavam sobre "acta et gesta" das fadas, como a ellas se attribuia a autoria das lindas narrativas. O escriptor não era mais do que o divulgador ou compilador do que por tradição ou por inspiração lhe vinha das proprias Melusinas. Titanios e Berylunas.

Ha nessas linhas um symbolo que encerra uma grande verdade. Só o fundo magico da infancia, a faculdade thaumaturgica peculiar a essa idade, sabe inventar contos maravilhosos que realmente interessem ás crianças. E Lobato, ao compôr o seu bello livro, teve a felicidade de deixar falar, com uma candura deliciosa, a encantadora fada que vive na alma dos que não envelhecem, dos que sabem conservar através da vida todo o frescor dos primeiros annos.

Já se disse que só os genios são capazes de escrever coisas do agrado dos petizes, porque só elles não perdem o contacto com o mundo maravilhoso da imaginação. E só elles têm a coragem elegante de desprezar a turba multa dos ignorantes e "snobs" — legião innumera-vel do individuo que, no dizer de um

satirico, trazem no posterior um leque de pennas de pavão, tendo em cada uma dellas, á guisa de olho, este escripto em redondo: "Eu não comprehendo!" — cauda magica graças á qual forçam todas as portas, pavoneando-se na grande na pequena imprensa...

"Narisinho" é uma historia cuja simplicidade não exclue o complexo, o vago e nebuloso peculiar ao anthropomorphismo universal da imaginação infantil. Uma menina morava, num tranquillo recanto, em companhia da avozinha e de uma preta velha, a tia Anastacia. No fundo da horta passava um corrego a cuja margem costumava a criança ficar horas esquecidas contemplando os peixinhos a saracotear através das aguas claras. Um dia ahi adormece, á sombra de uma arvore. E teve um lindo sonho. Aqui abrem-se de par em par as portas do mundo encantado. Os bichinhos familiares accorrem todos subitamente humanizados. A natureza transfigura-se e derrama-se em pequeninas divindades, como nas comedias de Shakespeare. Os insectos, os peixes, os sapos, tudo cria alma e personalidade, numa successão de quadros risonhos a que a graça "enjouée" (perdoem-nos o frances) do estylo inimital dá uma grande belleza poetica.

"Era uma vez" um principe encantado... O principe é um peixinho. O reino fica atrás das pedras do riacho. O palacio é uma maravilha, como maravilhas são todas as coisas, desde os vestidos feitos de ceu e recamados de astros até os menores utensilios, minuciosamente descriptos á maneira de Perrault. Ha festas, bailes, deliciosas visões desse mundo irisado em que os pontos refulgentes das asas de uma borboleta se convertem em soes e os raios de luz em ramilhetes de flores. Através, porém, dessa barafunda prodigiosa — criação divina de uma imaginação de sete annos, regida ás occultas em sua adoravel desordem pelo senso critico de um grande artista — transparecem mil figuras humanas, com suas qualidades e defeitos. Aqui, alli, irrompe, como consequencia fatal dos acontecimentos e dos caracteres, a lição do moralista sempre vigilante, mas tão profundamente identificado com esse fantasiar tumultuoso e colorido, que se insinua sem ser sentido — unica maneira

de deixar vestigios indeleveis na alma das crianças.

Vimos uma critica, aliás de um escriptor que nos merece a maior admiração pelo seu apurado gosto e grande cultura, onde, de permeio com os mais francos elogios, ha o reparo de que Lobato nesse livro cuidou quasi que exclusivamente de tornar a leitura interessante para as crianças, descurando a parte educativa que devem ter semelhantes obras. Discordamos radicalmente desse modo de ver. Porque, deuses bemditos! seria difficil encontrar-se na literatura infantil trabalho em que as lições moraes fossem dosadas com mais arte e sagacidade.

Em geral a criança não percebe a moralidade dos contos, muito menos quando esta toma a forma enfadonha de uma advertencia ou conselho. Acham os pequenos leitores que o lobo faz mal em devorar o cordeiro, ou collocam-se, como quer Rousseau (aliás em contradicção com as suas proprias theorias ácerca da bondade innata da natureza) na posição do mais forte? Nem uma coisa nem outra. A scena parece-lhes divertida, ou, quando muito, triste. E não vão além, a menos que o educador, sem os atormentar com sermões estafantes, antes com arte, isto é, mais por meio de suggestões e insinuações habeis, imaginosas de modo a despertarem real interesse, lhes deitem no espirito as sementes destinadas a brotar e florescer mais tarde. Taes germens de san moral, esse como pollen invisivel, que ha de fecundar para o bem as almas infantis, Lobato o sabe espargir com inexcedivel perspicacia através de suas narrativas maravilhosas. Porventura a bravura, a intrepidez, a magnanimidade e o espirito de justiça do principe encantado não são modelos de acção que se gravam mais no espirito das crianças do que se fossem objecto de uma estirada homelia? Aquella replica do gafanhoto ao grillo que insultava o escorpião depois de cego e preso: "Alto lá" gritou o capitão. E' prova de covardia bater nos inimigos que não podem defender-se" não é uma magnifica lição, tanto mais efficaz quanto apparece desprezenciosamente como um episodio do conto? Além disso, o desenhar vivamente com aspectos risiveis certos personagens,

como a barata invejosa, habituada a desfazer nas qualidades de heroína, já é por si só um gracioso modo de nortear para a virtude e inspirar horror aos defeitos ridicularisados. Leia-se a passagem em que a menina pergunta á aranha: "Então aqui neste reino, um pilhando o outro de geito é zás, para o papo?" e esta responde com a descripção dos nossos açougues, pregando indirectamente a fraternidade de todos os seres vivos, em attitude que nos fez pensar no remontado ideal moral a que Alberto Seabra consagra as mais bellas paginas de seus commentarios aos "Versos Aureos de Pythagoras"... E dizer-se que o autor deixou de lado os fins educativos!

Não! "Narizinho Arrebitado", como as melhores historias maravilhosas, como "Pelle de Asno", esse ineffavel encanto, ou a "Bella e a Fera", verdadeira hora de genio da princeza de Beaumont, encerra sempre presente uma como corrente subterranea de suggestiva moralidade, levando á alma das crianças, segundo a bella phrase de Perrault, "o desejo de assemelhar-se aos que se tornam felizes e o temor das desgraças em que cahiram os maus por suas maldades".

O gosto do autor ao apologo e á satira revela-se a cada passo no desenrolar-se da acção. Veja-se esta passagem relembrativa da leve ironia dos "Passaros", de Aristophanes: "Em seguida appareceu um papagaio real que tinha fama de orador. Subiu á tribuna de um poleiro de ouro e fez um bello discurso a respeito da arte de falar. Nesse discurso provou que os homens tinham aprendido a falar com os papagaios, e não os papagaios com os homens, como diz a sciencia destes. Uma chuva de palmas acolheu suas palavras". E est'outra: "Narizinho rodopiava pela sala em gyros tão velozes que mais parecia um pião vivo. O kagado vendo aquillo cochichou para o caranguejo: Se aquelle foguetinho te tirasse para dansar, que seria de ti, compadre? Respondeu o caranguejo: Talvez me sahisse melhor do que um cascudo da tua marca! E cada um riu-se lá por dentro da figura que faria o outro, porque no reino dos animaes, bem como entre os homens, ninguem se conhece".

Semelhante pendor, que já assim se mostrava tão accentuadamente em certas

paginas nesse primeiro livro escolar, manifestou-se em toda a sua exuberancia em outra obra: "Fabulas", admiravel remodelação de antigos apologos e criação de novos, tudo posto num ambiente muito brasileiro, com os nosso animaes por actor e a nossa natureza por scenario.

Acerca desse esplendido e patriotico trabalho, falaremos no proximo artigo.

(O Estado de São Paulo).

AINDA PEDRO II, LIBERTADOR

Bem razão tive eu em não duvidar de que Joaquim Nabuco se havia penitenciado dos conceitos severos que emittiu, no seu opusculo "O erro do Imperador" sobre o abolicionismo de Pedro II, e da injustiça que lhe fez, por accusal-o de indifferentismo pela escravidão, "com que se habituou, perdendo de visa o ideal de uma nação livre". Eu disse que elle se tinha penitenciado no intimo. Não; elle se penitenciou de publico, em livro, monumento dos mais preciosos da nossa historia politica, que escreveu posteriormente, para contar a vida de estadista de seu illustre pae, o Senador Nabuco de Araujo.

Li-o, ha tempo, quando saiu. Não me lembrava mais de muitos dos muitos variados assumptos ali versados. Mas um amigo, Dr. Afranio Peixoto, que leu o meu segundo artigo sobre Pedro II, Libertador, fez-me vêr, em encontro que teve commigo, que a penitencia de Joaquim Nabuco era um facto, de que elle, Afranio Peixoto, dera prova numa de suas bellas conferencias sobre Castro Alves, quando d'elle se occupou, como poeta dos escravos, prova que achou na obra citada, vol. 2.º, cap. IV do livro quarto, n. V, sob a epigraphe "A questão da emancipação dos escravos".

A Junta Franceza da emancipação dirigiu, em 1866, ao Imperador, uma mensagem de votos ardentes pela extincção da escravidão no Brasil, que, entre outras assignaturas relevantes, trazia as do duque de Broglie, Guizot, Edouarde Laboulaye, principe de Broglie, Auguste Cochin, Montalembert, Henri Martin, E. de Pressensé, Wallon e Eug Jung. A resposta deu-a o governo, o ministerio, assignada pelo conselheiro Martim Francisco,

ministro da Justiça, mas foi escripta pelo proprio imperador. Conta Joaquim Nabuco que, nos papeis de seu pae, encontrou a minuta por letra de Pedro II. Só depois de publicada em França foi conhecida no Brasil. Concluia assim: "A emancipação dos escravos, consequencia necessaria da abolição do trafico, não é senão uma questão de fórma e de oportunidade. Quando o permittirem as circumstancias penosas em que se debate o paiz, o governo brasileiro considerará objecto de primeira importancia a realização do que o espirito do christianismo reclama, ha muito tempo, do mundo civilizado".

Ao trasladar essa resposta, na integra, no proprio francez em que foi escripta, assignala Joaquim Nabuco seu effeito quando conhecida no Brasil, de torna-viagem. "O effeito, dizia elle, foi o de um raio, caindo do céu sem nuvens. Ninguém esperava tal pronunciamento. To-car assim na escravidão pareceu a muitos, na perturbação do momento, uma especie de sacrilegio historico, de loucura dynastica, de suicidio nacional. Estava-se tão imbuído da perpetuidade da escravidão, que a duvida a respeito de sua duração equivalia para todos os interesses sociaes á anticipação de um novo Anno Mil".

Transcriptas em nota á sua conferencia essas palavras, o dr. Afranio Peixoto, alludindo, como é facil de presumir, aos ataques ao Imperador, depois da queda do ministerio Dantas, escreveu que "Joaquim Nabuco, com outros liberaes e abolicionistas, foram, no calor e na impaciencia da propaganda, duros com a indifferença ou a inercia imperial á sorte dos captivos: queriam que o tão decantado poder pessoal se manifestasse a esse proposito. D. Pedro II era rei constitucional que apenas reinava, governando com os representantes do Brasil: por que havemos de attribuir a estes os bons actos, e os máos ao imperante?" Depois de referir, como foi narrado pelo barão de Cotegipe, que o Imperador, ao ouvir de um dos seus ministros que a questão da emancipação era semelhante á pedra que rolava da montanha, que poderia esmagar a todos, respondeu que não duvidaria expor-se á queda da pedra, ainda que fosse esmagado, concluiu com muita logica o dr. Afranio Peixoto: "Diga-se

agora que o Imperador não foi abolicionista". E acrescentou que o trecho de Joaquim Nabuco, que citára, sobre o effeito da resposta á mensagem franceza, era confissão da injustiça que elle infligira ao Imperador.

Emquanto os abolicionistas e simples emancipadores (eram poucos naquelle tempo) exultaram com a resposta aos anti-escravistas francezes, surgiam de todos os lados ataques ao Imperador, attribuindo-se-lhe, sem soffrer contestação, a sua autoria e responsabilidade, máo grado a ficção da responsabilidade ministerial. E, para avaliar, lembra muito bem o dr. Evaristo de Moraes, no seu consciencioso trabalho sobre a elaboração da lei do ventre livre, como naquella época se entendia o respeito á pessoa inviolavel e sagrada do Imperador, basta attender ao que disse, no Senado, da carta aos francezes o conselheiro Furtado (grande chefe liberal, e dos puros, dos genuinos): "Esta carta fôra um simples acto de fanfarrice ou de vaidade á cata de louvores, se não trouxesse perigos ou desar ao Estado, no caso de cumprida a promessa".

O marquez de Olinda, que era o chefe do gabinete, o presidente do conselho, quando chegou ás mãos do Imperador a mensagem franceza, depois, no seu voto como Conselheiro de Estado sobre os projectos de Pimenta Bueno, que serviram de base á lei Rio Branco, da liberdade dos nascituros, assim se exprimiu, evidentemente com relação áquelle documento: "Os publicistas e homens de Estado da Europa não concebem a situação dos paizes que têm escravos. Para cá não servem suas idéas."

Convem notar que, na mesma reunião do Conselho de Estado, Paranhos, visconde do Rio Branco, que quatro annos depois se cobriu de gloria como presidente do ministerio que arrancou das camaras, até pouco tempo tão adversas a qualquer reforma do elemento servil, essa campanha para sempre memoravel, das que mais illustraram o parlamento brasileiro, a lei de 28 de setembro de 1871, não se pronunciou favoravelmente ás idéas de Pimenta Bueno. A simples emancipação do ventre figurava-se-lhe uma medida rodeada de contingencias graves. Respondeu ao quesito da oppor-

tunidade, e aos que, na melhor das hypotheses, entendia não ser conveniente e sensato agitar o paiz com tão grave problema, durante a guerra, que "não bastava esperar que ella cessasse, mas era preciso dar algum tempo ao governo, á população, ao commercio e á agricultura, para sairem das apertadas circumstancias em que a guerra e a crise financeira tinham a todos collocado". Deste modo, mostrou-se Paranhos muito acautelado, prudente, e essa sua attitude mereceu de Joaquim Nabuco, muitos annos depois, os epithetos de fluctuante e indecisa.

Contrastam sa apprehensões, as duvidas, as vacillações, que não passavam de opposições disfarçadas de alguns conselheiros de Estado, e a opposição formal de outros, com a firmeza, a perseverança do Imperador, seu desejo vehemente de apressar a extincção do captiveiro. A proposito, disse Joaquim Nabuco: "Tudo isso no momento desagradava ao Imperador, que, sabendo que a idéa era sua, e suppondo que todos o sabiam, tomava para si cada censura de precipitação, cada conselho de prudencia, cada allusão á pressão do estrangeiro, ou a influencias exercidas sobre o ministerio".

Foi com a resposta aos abolicionistas francezes que começaram as objurgatorias ao Imperador pelo seu abolicionismo. Recrudesceram quando, na Fala do Throno de 1867, o assumpto foi recommendado á Assembléa Geral Legislativa. Leiam-se os discursos parlamentares de occasião para ver-se que, na critica ao Imperador, nas explosões contra a idéa emancipadora, não havia differença entre liberaes e conservadores. Os que se tinham em conta de mais adeantados, de grandes liberaes, não eram menos ardorosos nas hostilidades que os retrogradados, resistentes a todos os reformas. Os emancipadores o eram por politica, para guardar a situação, e evitar que ella fosse cair nas mãos dos adversarios. Verdade é, digamos para honra nossa, que não havia, como houve nos Estdos Unidos, quem defendesse a escravidão como uma coisa legitima, na larga expressão do termo, ou como instituição natural, benefica e até providencial. Invocavam nossos escravocratas razões economicas, e perigos para a ordem nacional. Mas, o Imperador, sempre firme na sua idéa

justa e generosa pela qual se bateu até a ver realizada e o Brasil livre da mancha que o envergonhava perante o mundo civilizado.

Elucidando, ainda na obra "Um estadista do Imperio", a origem, a procedencia, a inspiração dos projectos de Pimenta Bueno, tambem Joaquim Nabuco se enunciou de maneira que apaga tudo que de menos justo para Pedro II disse no "O erro do Imperador". Começou por affirmar que, "segundo todas as probabilidades, a tarefa de Pimenta Bueno lhe foi incumbida pelo Imperador. Pimenta Bueno é o redactor imperial". Adeante, ponderou "não ser verosimil que a inspiração partisse de Pimenta Bueno: que se dava a coincidencia, a conformidade, o isochronismo mental, entre os dois, que as mesmas idéas, necessidades, preoccupações os domina a um tempo, é facto posto fóra de duvida pelo privilegio que têm os projectos de Pimenta Bueno de suplantarem os programmas e projectos ministeriaes, e de interessarem, como se fossem proprios, ao Imperador". Proseguindo, disse: "Pimenta Bueno não é um automato, um instrumento, mas tambem o Imperador não o é, e dos dois, o que exerce influencia, acção, sobre o outro, é o Imperador. Depois, ha que ver a tradição e os motivos dos dois homens: de Pimenta Bueno, nenhum impulso abolicionista; do Imperador ha a sua constante attitude, quando não fosse senão de reserva".

No livro de Mossé, "D. Pedro II", livro inspirado pelo barão do Rio Branco e que muitos dizem escripto por elle, gabado pelos competentes pela sua imparcialidade e exactidão na exposição de factos da vida nacional durante quasi todo o segundo imperio, vem assim narrado o modo como foram tratados, pelo ministerio Olinda, os projectos de Pimenta Bueno: "O Imperador tinha dito que era preciso preparar a reforma com urgencia. Assim, acolhia elle, pressurosamente, os projectos para a emancipação gradual dos escravos, que lhe apresentava, em 23 de janeiro de 1866, o conselheiro Pimenta Bueno, feito mais tarde marquez de S. Vicente. O Imperador recebia com tanto mais prazer o grande projecto de Pimenta Bueno, quanto esse projecto respondia ás suas proprias idéas, sobre que,

aliás, elle já tinha conversado com alguns estadistas brasileiros, especialmente o proprio Pimenta Bueno". De Joaquim Nabuco, quando transcreve no "Um Estadista do Imperio" esse trecho de Mossé, é a seguinte conclusão: "O barão do Rio Branco confirma assim a noticia acima emittida de que não foi o Imperador que foi despertado ou movido por Pimenta Bueno". No mesmo lugar, conta Joaquim Nabuco que Saraiva, ministro com Olinda, dá testemunho de que este, opposto a qualquer reforma, disse ao Imperador, ao receber de suas mãos os projectos elaborados por Pimenta Bueno, que "em certas materias não admitia que se lhe tocasse". Para Olinda, antigo regente, sem duvida o primeiro vulto na politica do Imperio, "uma só palavra como elle disse depois no Conselho de Estado, que deixasse perceber a idéa da emancipação, por mais adornada que fosse, abria a porta a milhares de desgraças".

A vista de tudo que expuzemos, recorrendo a palavras e assertos do proprio Joaquim Nabuco, não é licito duvidar de que o admiravel campeão do abolicionismo, se vivo fosse, estaria commigo, quando proclamo Pedro II nosso grande libertador. "Elle imprimiu o primeiro passo, disse Joaquim Nabuco, que nunca mais ha de parar". Não ficou ahi, o Imperador. Sem falar na sua acção contra o trafico, vimos o que se passou com os ministerios posteriores ao do marquez de Olinda, como o de Zacarias (resposta á mensagem franceza, Falas do Throno de 1867 e 1868), com o de Itaborahy, cuja resistencia á idéa do Imperador acabou dando com elle por terra, com o de S. Vicente, organizado para levar a effeito a reforma, com o de Rio Branco, que veio realizal-a, para o que se não julgou bastante forte o proprio S. Vicente, com o ministerio Dantas, a quem deu a dissolução da Camara dos Deputados, que se oppuzera ao seu projecto, e sustentou quanto pôde e lhe permittiam seus deveres de soberano constitucional. Actos isolados attestam a sua sabedoria liberal e sentimentos humanitarios. A historia, reafirmamos, ha de glorificar Pedro II como nosso primeiro e grande libertador.

GIL VIDAL.

(Correio da Manhã).

DIPLOMACIA INTELLECTUAL

Quando ultimamente estive no Rio de Janeiro o Sr. Georges Dumas, professor da Universidade de Paris, velho e dedicado amigo do Brasil, ao qual tem vindo seis vezes e, nalgumas dellas, acompanhado de sua digna familia, reuniram-se, sob a presidencia do director da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, alguns intellectuaes, homens de letras e professores brasileiros, que, depois de ouvirem uma exposição do illustre visitante sobre institutos francezes, fundados pela França no estrangeiro, exprimiram o seguinte voto:

"Que o Governo Francez organize no Rio, com o concurso da Universidade de Paris, um Instituto Francez de Alta Cultura litteraria e scientifica, analogo aos institutos francezes de alta cultura que funcionam em Londres, Madrid, Constantinopla, Buenos Ayres, Praga, Florença, Napoles, etc.

Estão persuadidos que um instituto francez de alta cultura pôde considerar-se certo de successo duradouro e consideravel em paiz amigo da França, onde a lingua franceza é a mais diffundida das linguas estrangeiras e em que o gosto pela cultura intellectual — e em especial pela cultura franceza — é tão antigo como generalisado.

Animarão o Instituto Francez do Rio de Janeiro com toda a sua autoridade intellectual e moral".

Pouco depois, recebeu o referido director amavel telegramma do reitor da Universidade de Paris, o eminente sabio Sr. Appel, agradecendo o apoio prestado ao projecto da criação do *Instituto Franco Brasileiro de Alta Cultura* junto á Universidade do Rio de Janeiro; communicando que o Governo da França estava disposto a conceder uma subvenção de 100.000 francos ao estabelecimento, e manifestando regozijo pela formação de novos laços entre as duas Universidades.

A 21 de Outubro ultimo, o preclaro embaixador da Republica Franceza, tambem emerito homem de letras Sr. Alexandre Conty, officiou ao mencionado director participando que, de facto, o Governo da França, desejozo de patentear seu apoio ao projectado instituto, decidira subvencoinal-o, com 100.000 francos.

Confirmara-se assim oficialmente o compromisso que o Sr. Georges Dumas deixara prever, quando aqui tratou do assumpto.

Igualmente o Sr. Embaixador Conty exprimira vivo jubilo pela resolução do seu Governo, a qual contribuirá para cooperação intellectual fecunda em excellentes resultados para ambos os paizes.

A ideia do *Instituto Francez da Alta Cultura* funcionando nesta cidade, á similitude do que succede em muitas capitães do Velho e do Novo Mundo, despertou grande sympathia e applauso.

Approvaram-n'a e a ella adheriram as Congregações de varias Escolas.

Apoial-a-ha, tambem, sem duvida o Conselho Universitario.

No Congresso Nacional os deputados professores Dr. Nabuco de Gouveia e Austregesilo apresentaram um projecto, autorizando o Governo a coadjuval-a e, como cumprimento do dever de reciprocidade, a promover a criação, na Universidade de Paris, a exemplo de outras nações, de cadeiras de assumptos brasileiros.

Confiamos no criterio e no patriotismo dos Srs. Congressistas; esperamos que o projecto se converta, sem tardança, em lei.

Por outro lado, o Dr. Alfredo Palacios, decano da Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes de La Plata, — o Dr. Alfredo Palacios que tamanha impressão produziu em nossos intellectuaes, por ocasião da sua estada, infelizmente, muito curta, nesta cidade, communicou, em gentilissimo officio á nossa Faculdade de Direito que a de La Plata começara a editar uma Revista, da qual enviou alguns numeros, com o intuito de reflectir o movimento intellectual daquella Escola, e, ao mesmo tempo, com o de servir de órgão de vinculação e intercambio entre as congeneres.

E para que esta ultima funcção resulte efficiente, convidou os intellectuaes do Centro Universitario Brasileiro a collaborarem no periodico argentino, o que de ante-mão agradeceu.

Dias depois, novo officio do Dr. Alfredo Palacios noticiando que de accordo com a resolução do Conselho Superior da Universidade de La Plata, a 5 de Setembro ultimo, desejando-se tributar uma

homenagem á Republica do Brasil, por motivo do centenario da sua independencia, a Faculdade de La Plata mandara collocar na sala de uma de suas aulas o retrato de Teixeira de Freitas e uma placa concernente ao mesmo, cuja memoria era assim tambem glorificada.

E' obvio que estas demonstrações de sympathia e apreço, por parte de altas intelligencias estrangeiras para com a mentalidade do Brasil, despertam neste reconhecida commoção.

Longe de ficar indifferente, procura a nossa patria corresponder ao cavalheiresco procedimento da França e da Argentina, com a habitual gentileza.

Consta-nos que breve se collocará n'uma das aulas da nossa Faculdade de Direito o retrato do Sr. Vellez Sorofield, o notavel juriconsulto argentino, autor do Codigo Civil da sua patria e a quem, como elle proprio lealmente confessou, muito aproveitaram os trabalhos de Teixeira de Freitas.

Na "Folha", advogou o sr. Medeiros e Albuquerque, com a costumada lucidez e fina dialectica, o plano de virem professores de Universidades sul-americanas fazer periodicamente breves cursos na desta çapital, e, reciprocamente, irem professores de nossa Univesidade realizar cursos semelhantes nos institutos congeneres da America do Sul.

Nenhuma difficuldade depara a prompta effectivação do projecto.

Despezas relativamente — insignificantes, — talvez só a das passagens, — dahi adviriam.

Mediante um convenio de faci obtenção tudo se regularia.

Quanto ás vantagens de ordem intellectual e moral decorrentes dessa troca de ideias, desse conhecimento mutuo, dessa interpenetração mental, são tão manifestas que excusa accentual-as e insistir sobre o assumpto.

Haja um pouco de boa vontade e depressa se chegará ao almejado objectivo.

AFFONSO CELSO.

(*Jornal do Brasil*).

OLIVEIRA LIMA

O illustre escriptor Oliveira Lima, que ha longos annos promove no exterior uma grande obra de cultura nacional, realisou

ha pouco, nos Estados Unidos, uma serie de conferencias sobre assumptos brasileiros.

Os themas versados foram os seguintes:

- 1) "Problemas economicos e financeiros do Brasil";
- 2) "Politica externa do Brasil, especialmente em relação com os visinhos sul-americanos";
- 3) "Politica externa do Brasil, em relação com os Estados Unidos";
- 4) "Questões sociaes e raciaes no Brasil";
- 5) "Pan-americanismo como doutrina continental";
- 6) "O Brasil moderno sob os aspectos social, economico e politico".

A VOCAÇÃO DE EUCLYDES

As quotidianas investigações ao archivo do general Solon têm me facultado revelar varias cartas do genro, Euclides da Cunha, nas quaes, não raro, passam como um desabafo, incontido ao mal dissimulado desalento, referencias a sua carreira militar.

São, aqui, paralelos que desmerecem o brilho do militar num confronto com as arduas horas da "sua" engenharia civil, e, ali, um entusiasmo, um engolphamento, um abandono aos estudos scientificos que distanciam cada vez mais da fria espada o ardente pensador nacional.

Na de hoje vemol-o indeciso, sinão perplexo, no momento em que, expirante o prazo da aggregação, deve volver á fileira.

O futuro "egresso da farda", como lhe chamou com Alberto Rangel, um de nossos academicos jornalistas, tem na conjunctura vacillações e angustias que ão bem se espelham na carta presente e lança na mesma appellos e chamamentos, em soccorro de sua afflicção irresoluta, quasi como um collegial distanciado do conselho e carinho da maioridade paternal de um coração como o do general mais provado na dor e na luta.

Foi mesmo a esse grito pela assistencia do camarada e do amigo, mais velho e mais provado na vida, que se reportou na Academia, ao lhe fazer o elogio, o seu illustre successor.

Dando noticia do alludido transe o Sr. Afranio Peixoto nol-o mostra em face da resposta do sogro, tenaz e irreductivel no "abandono da melhor profissão que existe no paiz" segundo lhe escreve e define esse ultimo.

Era de um militar assoberbado por crises de toda ordem, geradas no bojo do antigo e novo regimen, de que fôra em dias demolidor e fundador essa opinião.

As vicissitudes que não arrancaram ao republicano o amor das instituições que erguera antes, no paiz, tambem não extinguiram no peito do soldado a fé na sua bandeira e na sua carreira.

Era nesse duplo sacerdocio civico e funcional que a palavra invocada lhe acudia exhortando-o a permanecer na fileira. Tudo em vão.

Tambem se assim correspondia negativamente aos conselhos do sogro em Janeiro de 1895, já em 94, noutra missiva que examinarei depois, foi de balde que, escrevendo-a disse fazel-o. *considerando a frente immaculada do seu filhinho, que tem o vosso nome e é vosso neto — e para o qual almejo entre os maiores bens do futuro a suprema felicidade de poder sentir-se ufano ante a nõssa memoria veneranda...*

Essas palavras que o destino devia dramaticamente inverter no futuro, eliminando-lhe na selva septentrional o filho querido, não demoveram o general de seguir para seu commando, no vasto oeste que, entretanto, é muito menos vasto e menos amplo que seu lar honestissimo, como observa Euclides num transporte de revolta intima.

A bandeira perdeu a espada de um homem mas a patria ganhou a penna de um grande homem nas letras.

O antigo cadete, insistindo em deixar a farda que o estrangula na obediencia arregimentada, vae exsurgir transfigurado no escriptor que o "Estado de S. Paulo" manda em missão ao Brasil central sublevado para revelal-o, depois de arriscado mergulho em sua barbaria, aos olhos nús de paixões da posteridade e mesmo dos contemporaneos estudiosos e de boa vontade.

Assim o vimos, em uma das cartas aqui publicadas partir depois, para Canudos, onde vingaria, a um tempo, com a subraça humilde e heroica a tradição mili-

tar do sogro, malquistada na vil poliqueira de uma região della lastrada na época, a ponto de superpôr, como se provará aqui, a victoria de uma facção pessoal do governador, á do governo da Nação e da sua propria bandeira.

E', pois, da encruzilhada desse minuto de sua existencia, que o fluminense illustre escreve ao general, por aquelle momento na Bahia as seguintes linhas:

"Illustre amigo general Solon. (S. Paulo, 10 de janeiro de 1895) — Desejamos que esta o encontre assim como a todos de boa saúde e felizes. Nós vamos bem, sobretudo os filhinhos, robustos, fortes como sempre. Eu é que me sinto extenuado, exausto mesmo de trabalhos, vou vivendo, porém, aguentando heroicamente a luta pela vida.

Já sei que o Sr. está bem ahi; esta gente do norte é boa e cavalheira — estimal-o-á; ha de deixar ahi muitos amigos — e entre elles o meu tio José, um bom typo de homem honesto e digno que lhe recommendo.

Ha dias estive com o Dr. Cerqueira Cesar que lhe manda muitas lembranças — é um bom velho este e parece ser seu amigo.

Não sei que resolução tomar ainda sobre a volta á carreira militar; o meu tempo de aggregação está a expirar e preciso tomar uma deliberação qualquer. Como sabe eu sou de uma irresolução vergonhosa até — se puder e quizer ajude-me um pouco com a sua solida experiencia de homem que já lutou muito. Aguardo nesse sentido a sua resposta. Uma das coisas que me impressionam é reverter e ficar addido ao quartel general, com vencimentos reduzidos e com familia que somente eu sustento sem apoio algum estranho. As vezes penso em ir para ahi, como engenheiro civil, numa commissão mais ou menos estavel, que me faculte reformar-me sem medo. Talvez o senhor pudesse conseguir isto com alguma influencia politica dahi. Mande-me dizer qualquer coisa a respeito. Aqui, comprehendendo (e mesmo nada tentei ainda) que pouco ou nada conseguirei de uma politica enredadissima e listrada pelas raias rubras de um jacobinismo que me vê com máus olhos. Tenho com os homens da situação relações cortezes de

cumprimento e não me animo (e porque não dizer — não quero?) ir além.

Tenho trabalhado muito e lucrei muito como engenheiro nestes seis mezes de applicação — não dou por perdido portanto todo este tempo. Preoccupo-me, porém, muito pensando no futuro para o qual terei talvez aptidão para seguir mas certo não tenho *gcito*.

Ora, a situação é justamente dos espartos, dahi o grande desanimo que me attinge.

Estarão ahi tão irrequietos como aqui os restauradores?

As vezes creio que a nossa Republica atravessa os peores dias. Esta reacção monarchica tem afinal a alliança das nossas desgraças politicas e tremo as vezes, imaginando um successo que por isso mesmo que é um absurdo pôde-se realizar na nossa terra.

Tambem será o que falta para completar a nossa desmoralização perante o mundo.

A peor posição será a nossa, a dos republicanos de todos os tempos... os outros adherirão pela segunda vez e continuarão a mesma vida commoda que hoje têm.

A Sanninha pede-lhe para retribuir as lembranças da familia do Sr. coronel Saturnino.

Mande-nos dizer que tal tem achado tudo isto por ahi; mas escreva-me — não creio que o commando do districto absorva-lhe todo o tempo. Os meus amigos vão ficando escassos — só falta agora que o meu velho amigo imite-os. Tambem a Sanninha queixa-se de falta de cartas... neste andar a nossa sociedade estará em breve reduzida aos dois filhinhos.

Esteve aqui o Ferraz e trouxe uns presentes que agradecemos. O coronel Noronha, um bom e digno amigo seu, manda muitas lembranças.

Recommendanos a todos. Ahi vae grande abraço e grandes saudações do genro e amigo obrmo. — *Euclides da Cunha*".

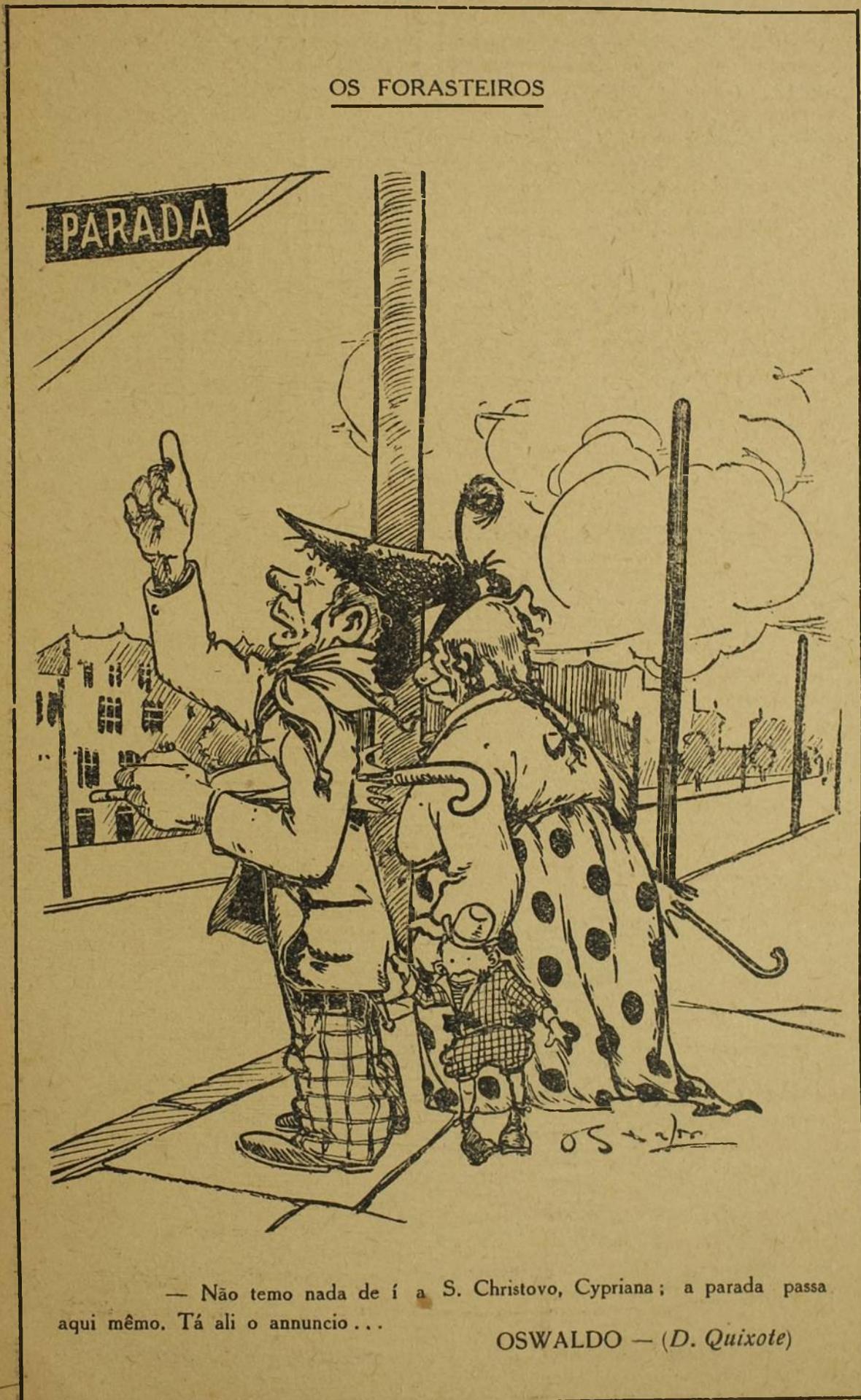
Vejamos, a seguir, a carta de 94.

MAURICIO DE LACERDA.

(O Imparcial).

AS CARICATURAS DO MEZ

OS FORASTEIROS

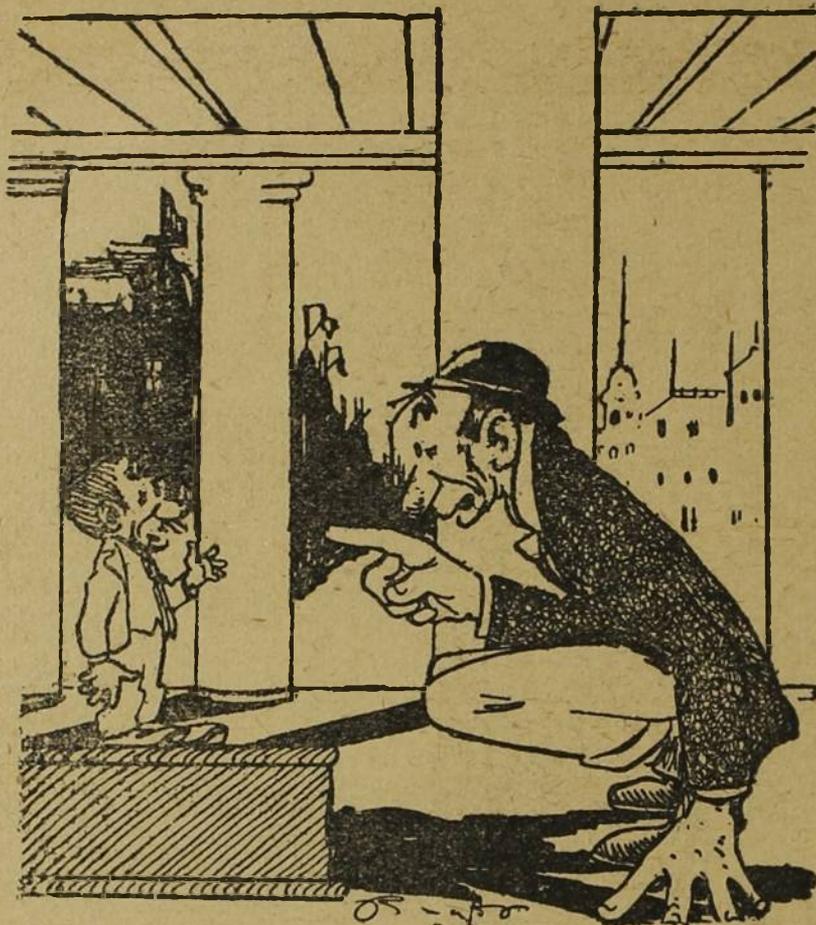


— Não temo nada de í a S. Christovo, Cypriana; a parada passa aqui mêmo. Tá ali o annuncio...

OSWALDO — (*D. Quixote*)

AINDA O CENTENARIO

O povo de Nova York felicitou ao desta capital.



— Ah! seu Fagundes, que satisfação! Que honra!
— No meio do povo que nos felicitou tá a Picfó, a Gloria Swánsu,
Tom Misqui, Chico Boia!...
(OSWALDO—D. Quixote)

ARRÉÉÉÉDA ! ! ! ! !

O actor cinematographico William Hart,
atacado de typho, quasi morreu.



O que haverá em Los Angeles se o famoso Bam-bam-bam cinematographico
scisma de se vingar do microbio atrevido...
(OSWALDO—D. Quixote)

A EXPOSIÇÃO E AS SUAS FACHADAS



— Gosto muito do barroco e admiro o colonial; mas o que me commoveu
deveras, foi o nacionalismo do pavilhão . . . de caldo de canna.

JEFFERSON — (D. Quixote)

LA DECAPITAZIONE DI... CARLOS GOMES



Brizzolara (rivolto alla "Folha da Noite"): — Placati, crudele, col suo sangue!
VOLTO — (Pasquino)

UM FUTURO MINISTRO DA FAZENDA



— Quando *cholas* quanto ganhas para ficar quieto?
— Um *tutãozinho*.
— Eu não: só calo a bocca por um *tutão* dos grandes.

SANTIAGO — (D. Quixote)

JUSTO RECEIO



— Afinal, quando é que V. me pede a pae?
— Eu mesmo não sei, tenho medo . . .
— Medo porque?
— E' que eu hontem pedi-lhe cem mil reis emprestados e elle m'os negou.

MANOLO — (D. Quixote)

HOLMBERG, BECH & CIA.

IMPORTADORES

RUA LIBERO BADARO', 169

SÃO PAULO

RIO DE JANEIRO,

STOCKHOLM,

HAMBURG,

NEW YORK,

E LONDRES

Papel, materiaes para

construcção, aço e

ferro, anilinas e

outros productos chimicos.

Joaillerie — Horlogerie — Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galerie)

Pierres Précieuses - Brillants - Perles - Orfèvreries - Argent -
Bronzes et Marbres d'Art - Sérvices en
Métal blanch inalterable.

MAISON A' PARIS

30 — RUE DROUT — 30

TRABALHOS TYPOGRAPHICOS

EXECUTA-SE QUALQUER ESPECIE DE TRABA-
LHO TYPOGRAPHICO NAS EXCELLENTE E MO-
DERNAS OFFICINAS QUE A S. A. E. OLEGARIO
RIBEIRO ACABA DE INSTALLAR A' RUA DOS GUS-
MÕES 70, CONJUNCTAMENTE COM A EMPREZA
MONTEIRO LOBATO & CIA.

REVISTA DOS TRIBUNAES

Publicação official dos trabalhos do Tribunal de Justiça de S. Paulo

Dirigida pelos advogados

Plinio Barreto e Christovam Prates da Fonseca

10 annos de publicidade !

Anno	40\$000
Semestre	20\$000
Numero avulso	3\$000

Redacção : RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO

Novidade Litteraria

O PALANQUIM DOURADO

romance de MARIO SETTE com illustrações
de Wash Rodrigues. — Edição do Centenario

Preço do volume em papel optimo, capa illustrada ... 5\$000

A' Venda na Revista do Brasil.

LOTERIA DE S. PAULO

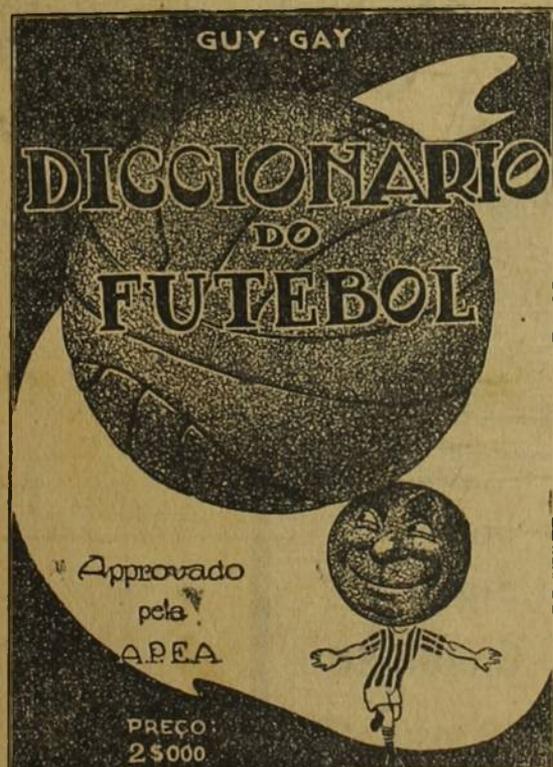
Grande Loteria para o fim do Anno

Sexta Feira, 29 de Dezembro

200:000\$000

Inteiro 9\$000 Fracção \$900

Os bilhetes já estão á venda
em todas as casas lotericas



ACABA DE APPARECER

Esportistas !

Jogadores !

Torcedores !

Eis o livro ha tanto procurado

Regras e termos nacionalizados.

O verdadeiro tratado do
Futebol Associação

Monteiro Lobato & C.
Editores

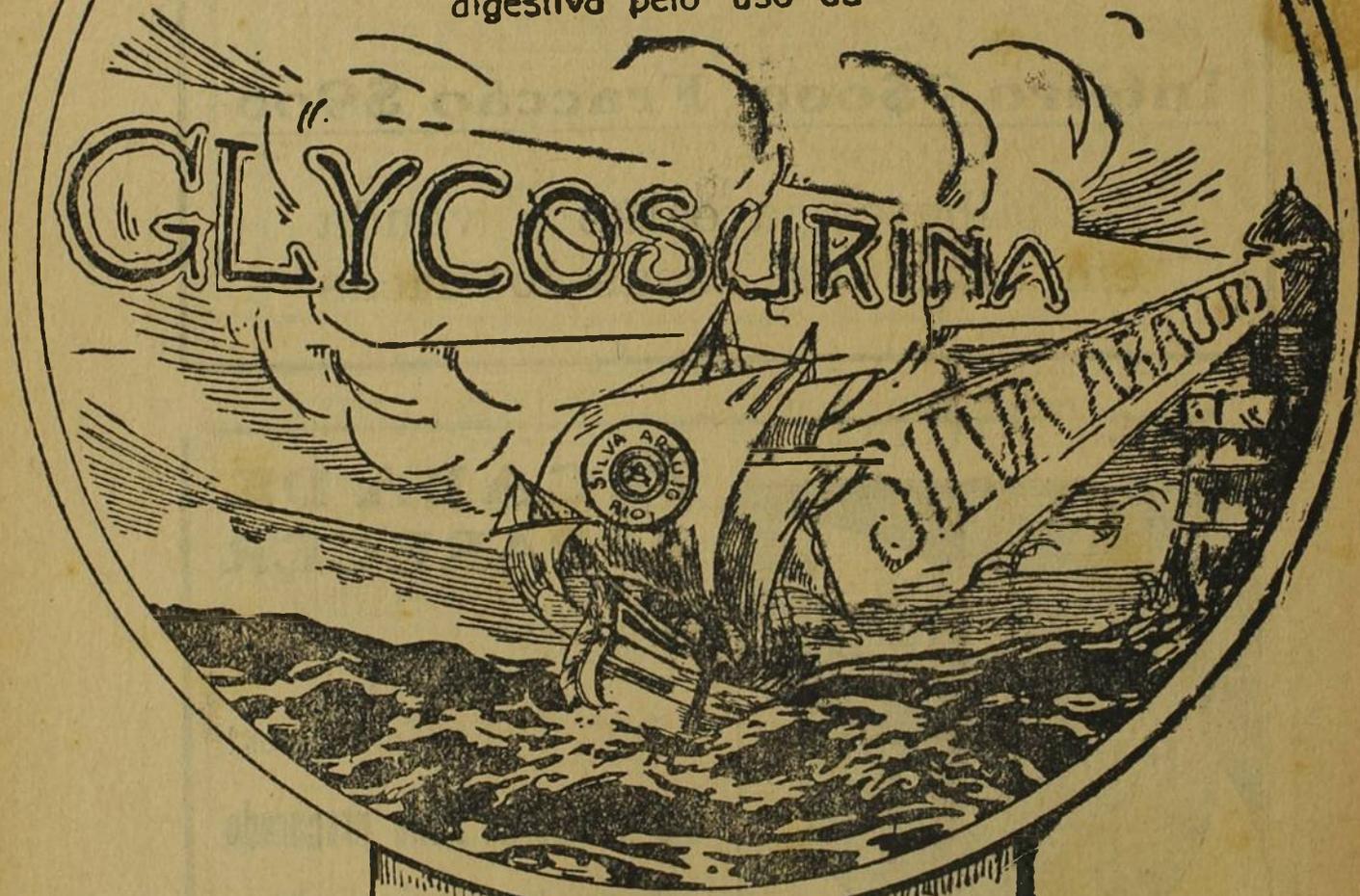
PREÇO 2\$000

Pelo Correio mais \$500.

DIABETICOS

é preciso combater a perda de assucar, tonificar o organismo, regularisar as funcções dos órgãos internos essenciaes a vida e restabelecer o appetite e a funcção digestiva pelo uso da

GLYCOSURINA



heroico medicamento composto de plantas indigenas brasileiras

PAU FERRO - SUCUPIRA

JAMELÃO e CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres de chá por dia em agua

AS MACHINAS

LIDGERWOOD

para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá

São as mais recommendaveis
para a lavoura, segundo expe-
riencia de ha mais de 50 an-
nos no Brasil. : : : :

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a
vapor, Rodas de agua, Turbinas e acces-
sorios para a lavoura.

Correias - Oleos - Telhas de Zinco -
Ferro em barra - Canos de ferro gal-
vanisado e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival para con-
servação de correias.

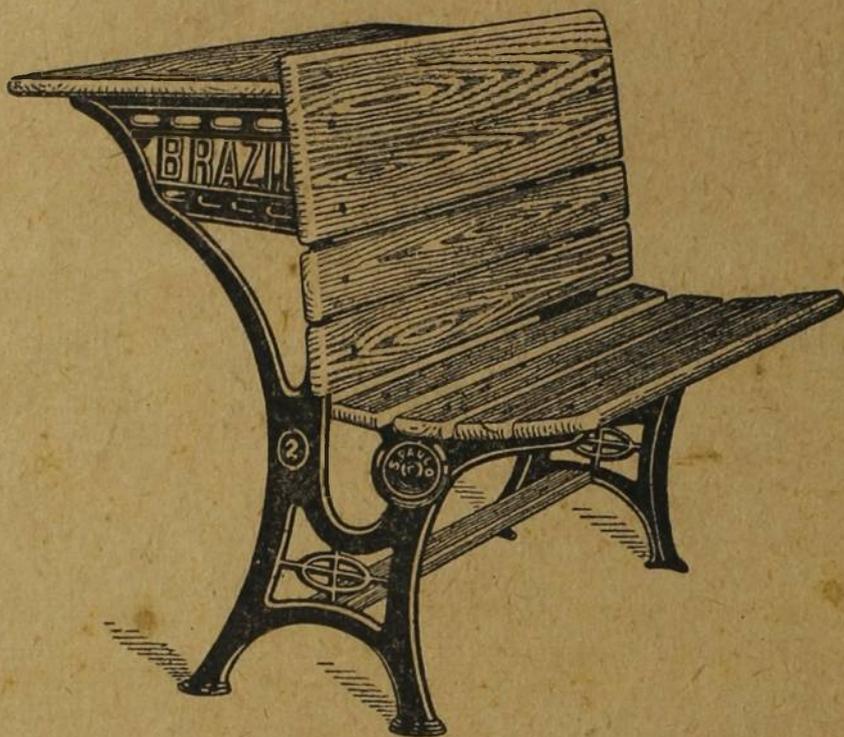
IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer
machinas, canos de ferro batido galvanisa-
do para encanamentos de agua, etc.

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.

DIRIGIR-SE A'

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO

Moveis Escolares



Differentes modelos de carteiras escolares para uma e duas pessoas; Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infancia; Contador mechanico; Quadros negros e outros artigos escolares.

Peçam catalogos e informações minuciosas

FABRICA DE MOVEIS ESCOLARES

"EDUARDO WALLER"

— DE —

J. Gualberto de Oliveira

Rua Antonia de Queiroz N. 65 (Consolação) Cidade, 1216

SÃO PAULO